

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-**

**Estilo de vida e sociabilidade: relações entre
espaço, percepções e práticas de lazer na
sociedade contemporânea. Um estudo de caso em
Gravatá, Pernambuco.**

ANA LÚCIA HAZIN ALENCAR

Recife, 2007

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-**

**Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço,
percepções e práticas de lazer na sociedade
contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá,
Pernambuco**

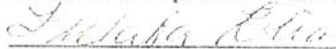
ANA LÚCIA HAZIN ALENCAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco como exigência parcial para obtenção do título de doutora em sociologia, sob orientação da Profa. Dra. Lilia Maria Junqueira.

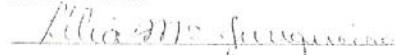
Recife, 2007

Ata da Sessão de Arguição de Tese de ANA LUCIA HAZIN ALENCAR Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e sete reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o Exame de Tese de Doutorado de ANA LÚCIA HAZIN ALENCAR intitulada "ESTILO DE VIDA E SOCIABILIDADE: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea". A Comissão foi composta pelos Professores: Dra. Lília Maria Junqueira (Presidente-Orientadora); Dra. Eliane Maria Monteiro da Fonte - Titular Interna/PPGS; Dr. Paulo Marcondes - Titular Interno - PPGS; Angela Phriston - Titular Externa - PPGS-UFPE e Norma Missae Takeuti - Titular Externa - PPGS/UFPE. Dando início aos trabalhos a Professora Lília Maria Junqueira explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra ao autor da Tese, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa do candidato. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar a Professora Lília Maria Junqueira, Presidente da mesa e orientadora do candidato solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão aprovando a Tese por unanimidade. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 27 de fevereiro de 2007.



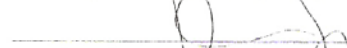
Zuleika Elias



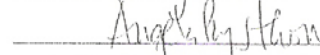
Profª Drª Lília Maria Junqueira



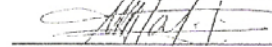
Profª Drª Eliane Maria da Fonte



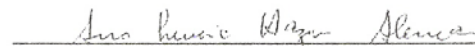
Prof. Dr. Paulo Marcondes



Profª Drª Angela Phriston



Profª Drª Norma Missae Takeuti



ANA LUCIA HAZIN ALENCAR

Obs: O nome correto da titular externa é: Angela Phriston

Alencar, Ana Lúcia Hazin

Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco. – Recife: O Autor, 2007.

219 folhas : il., fig., tab., quadro.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia. Recife, 2007.

Inclui bibliografia e anexos

1. Sociologia – Práticas de lazer . – Estilo de lazer.
2. Sociabilidade – Modos de vida – Distinção social – *Habitus*. 3. Espaço social rural – Segunda residência. . 4. Pernambuco – Gravatá. I. Título.

379.8
363.68

CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
BCFCH2007/13

“Quando eu volto de Gravatá, eu volto com algum sonho, querendo realizar alguma coisa. E aqui não dá tempo de sonhar. Mesmo que seja um sonho pequeno, mas eu sempre volto de lá com um pouco mais de esperança com relação à vida” (proprietária de segunda residência entrevistada).

AGRADECIMENTOS

O caminho que leva à conclusão de uma tese de doutorado é sempre cheio de obstáculos, exigindo daquele que decide percorrê-lo muito esforço e renúncias. Por isso agradeço a todos que, de alguma maneira, me deram apoio e me acompanharam nessa caminhada.

A meus filhos queridos, Marcelo e Luciana, a Aninha, minha nora e Pedro, meu quase – genro.

À Professora orientadora Dra. Lilia Maria Junqueira pelos comentários e críticas sempre pertinentes durante o processo de desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade Católica de Pernambuco e à Fundação Joaquim Nabuco pelo apoio institucional dado para a realização desta tese.

A todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Sociologia –PPGS- da Universidade Federal de Pernambuco.

Às pessoas que participaram da pesquisa, através das entrevistas, agradeço a colaboração.

Agradeço, ainda, embora sem citá-los nominalmente, aos meus familiares, amigos e colegas que me incentivaram durante o período de realização da tese.

RESUMO

O objetivo desta tese consiste em identificar de que modo as práticas de lazer em espaço social rural configuram novas formas de estilo de vida e de sociabilidade na sociedade contemporânea e como se mostram os valores de distinção social nesses espaços. Para atingir esse objetivo procura-se conhecer a representação de lazer dos proprietários de segunda residência, enquanto uma dimensão do estilo de vida, e as orientações valorativas que conduzem à escolha de uma residência secundária em um lugar específico. É em Bourdieu que se busca o suporte necessário ao desenvolvimento do trabalho através, sobretudo, dos conceitos de gosto, *habitus* e estilo de vida, uma vez que para o autor, o *habitus* produz práticas diferenciadas e diferenciadoras que mantêm uma relação de dependência face ao conjunto de posições que o agente ocupa no espaço social. Recorre –se, também, aos estudos de Simmel sobre a sociabilidade que é por ele definida como “a forma lúdica de socialização” que permite por seu caráter, relaxar, por instantes, o clima de seriedade e as hostilidades presentes no cotidiano. Embora a segunda residência seja para muitos um símbolo de *status*, de distinção social, ela é também um fator importante de sociabilidade que orienta a escolha de uma localidade específica para se vivenciar um estilo de vida e de lazer que contempla a convivência maior com a família e os amigos, em um ambiente de paz, de liberdade e integração entre os seres humanos e desses, com a natureza.

Palavras-chave: *habitus*; segunda residência; modos de vida; distinção social; estilo de lazer.

ABSTRACT

The aim of this thesis consists of identifying in what ways leisure practices in rural social spaces shape new forms of lifestyle and of sociability in contemporary society and how the values of social distinction reveal themselves in these spaces. In order to reach this objective, an investigation is made of how owners of a second home represent leisure, as a dimension of lifestyle and a value-laden bearings that lead them to choosing a secondary home in a specific place. The support necessary for the development of this study is found in Bourdieu, especially through the concepts of taste, habitus and lifestyle, since, for him, habitus produces differentiated and differentiating practices to maintain a relationship of dependence vis-à-vis the set of positions that the agent takes up in the social space. We have also had recourse to studies by Simmel on sociability, which he defines as “the play-form (ludens form) of socialization” that allows one by its character, to relax, for some instants, from the climate of seriousness and hostilities present in everyday life. Although, for many people, a second home is a status symbol, and one of social distinction, it is also an important factor of sociability, that guides the choice of a specific place in which to have a lifestyle and form of leisure that takes in greater routine contact with family and friends, in an environment in which peace and freedom reign and there is integration among human beings reign, and in which they integrate with Nature.

Key-words: habitus; second home; ways of life; social distinction; leisure style.

RÉSUMÉ

Cette thèse a comme objectif identifier de quelle manière les pratiques de loisir dans un espace social rural entraînent de nouvelles formes de style de vie et de sociabilité dans la société contemporaine et comment se montrent les valeurs de distinction sociale dans ces espaces.

Pour atteindre cet objectif, il faut connaître la représentation de loisir des propriétaires qui ont une résidence secondaire comme une dimension de style de vie et les orientations de valeurs qui conduisent aux choix de cette résidence dans un milieu spécifique, C'est dans l'oeuvre de Bourdieu que nous trouvons le support nécessaire au développement de ce travail, à travers, et surtout, des concepts des goûts, d'habitus, et de style de vie, vu que pour l'auteur l'habitus produit des pratiques différenciées et différenciatrices qui maintiennent une relation de dépendance devant l'ensemble de positions que l'agent occupe dans l'espace social. Nous avons aussi recourri aux études de Simmel sur la sociabilité, laquelle il la define comme "la forme ludique de socialisation" qui permet, par son caractère, se detendre par quelques instants du climat sérieux et des hostilités qui sont présents dans le quotidien. Quoique la résidence secondaire soit pour plusieurs personnes un symbole de status, de distinction sociale, elle entraine aussi la sociabilité qui guide le choix d'une localisation spécifique pour vivre dans um style de vie et de loisir qui donne une plus grande convivialité avec la famille et les amis, dans une ambiance de paix, de liberté, d'intégration entre les êtres humains et de ceux-ci avec la nature.

Mots clés: habitus, résidence sécondaire; modes de vie; distinction sociale; style de loisir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
<i>CAPÍTULO 1: Do urbano ao rural: em busca de um estilo de vida</i>	20
1.1. As mudanças no modo de vida da sociedade brasileira.....	20
1.2. Estilo de lazer e valores sociais: elementos de integração social.....	27
1.3. O meio urbano.....	32
1.3.1. O isolamento das pessoas nas cidades	36
1.4. Segunda residência e estilo de vida.....	40
<i>CAPÍTULO 2: Distinção social: gosto, habitus e estilo de vida</i>	44
2.1. A distinção social como diferença.....	44
2.1.2. Gosto e estilo de vida.....	45
2.1.3. O habitus	51
2.1.3.1. <i>Habitus</i> e investimento econômico	57
2.1.4 O espaço social	60
2.1.5. O capital social.....	62
2.1.6. O campo social.....	65
<i>CAPÍTULO 3: A Sociabilidade norteando interpretações e caminhos</i>	70
<i>CAPÍTULO 3: A Sociabilidade norteando interpretações e caminhos</i>	70
3.1. A sociabilidade enquanto jogo social.....	75
3.2. Sociabilidade como cordialidade e alegria.....	76
3.3. A sociabilidade como rede de relações	80
3.4. Sociabilidade “rural”	83
3.5. Mudanças no (estilo de) lazer em função do redirecionamento do tempo e do espaço na sociedade contemporânea.....	89

<i>CAPÍTULO 4: Status e relaxamento em Gravatá: entrelaçamento entre distinção e sociabilidade.....</i>	<i>91</i>
4.1 A pesquisa.....	91
4.1.1.A amostra.....	93
4.1.2. Procedimentos de análise.....	102
4.2. Status de classe e estilo de vida em Gravatá	106
4.3. Sociabilidade de classe média na segunda residência	119
4.3.1.A interação social no lazer.....	122
4.3.2.Relações inter-gerações.....	123
4.3.2.1 Relações familiares no espaço da casa	129
4.3.2.2. A família	134
4.3.3. A sociabilidade e o alimento.....	138
4.3.4. Motivações sociais e valores no lazer	140
4.3.4.1. As motivações para o lazer em segunda residência.....	143
4.4. Estilo rural e o significado da casa	146
4.4.1. A casa em condomínio.....	157
<i>CONCLUSÃO.....</i>	<i>164</i>
<i>BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA.....</i>	<i>170</i>
<i>ANEXO I - Relação dos Condomínios:</i>	<i>195</i>
<i>ANEXO II - Roteiro de Entrevistas</i>	<i>196</i>
<i>ANEXO III – Fragmentos de Entrevistas</i>	<i>198</i>
<i>ANEXO IV – Perfil dos candidatos</i>	<i>218</i>

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

Tabela no corpo do texto

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados por idade e sexo.....	93
Tabela 2. Categorização das profissões.....	96
Tabela 3 - Nível de escolaridade dos entrevistados.....	98
Tabela 4 : Perfil dos entrevistados.....	100
Tabela 5. Valores da família.....	136
Tabela 6. O porquê da escolha de Gravatá para a segunda residência.....	145
Tabela 7. O que a casa representa para seus proprietários.....	155

Tabela anexa

Perfil dos candidatos.....	218
----------------------------	-----

Quadro no corpo do texto

Quadro 1. Categorias de Análise.....	105
--------------------------------------	-----

Figura no corpo do texto

Figura 1 – Valores da família.....	136
------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O mundo passa por inúmeras mudanças que afetam a vivência humana, nos mais variados aspectos, inclusive aqueles ligados à família. Como diz Giddens (2003, p.61): “Há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com os outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas [...]”.

De igual modo na sociedade brasileira, marcada no seu processo de formação pelo patrimonialismo e patriarcalismo, os processos de transformação se dão com maior intensidade, sobretudo a partir dos anos 1950, “quando o Brasil entrou num processo acelerado de urbanização, mercantilização das relações sociais, mobilidade social e integração no mundo do consumo, com o conseqüente desaparecimento dos sistemas tradicionais de autoridade e poder” (SORJ, 2000, p.28).

Também a família faz parte desse novo contexto. No mundo ocidental, até a década de 1950, a quantidade de mulheres inseridas no mercado de trabalho era relativamente pequena, dando margem a que a mulher fosse dona de casa, quase que em tempo integral e com dedicação exclusiva ao marido e aos filhos, já que o homem era o chefe e provedor do sustento da família. A ampliação dos direitos da mulher permitiu que, a partir de então, ela participasse do mundo do trabalho e buscasse dividir as responsabilidades do cuidado com a casa entre os demais membros da família.

A vida urbana acompanha, *pari passu*, as transformações do mundo moderno. As cidades crescem, muitas vezes de forma desordenada e sem planejamento, para atender às

demandas da população consumidora de bens e serviços. Perde-se conseqüentemente em qualidade de vida.

Os indivíduos vivenciam nas sociedades atuais momentos de tensão e agitação resultantes da exposição a uma série de problemas que precisam enfrentar no dia – a dia. Experimenta-se hoje, especialmente nas cidades de grande porte, ou de porte médio, uma situação de insegurança e um sentimento de vulnerabilidade diante da violência que se agiganta e amedronta.

As pessoas procuram se proteger tornando-se muitas vezes prisioneiras dentro de suas próprias residências. Não há tempo e nem condições de estar com o outro, de conversar, de se divertir de forma segura. O fato de a cidade ter se transformado em um lugar onde as pessoas não se sentem inseridas na harmonia de uma comunidade urbana, faz com que o lazer se restrinja a espaços e tempos determinados (ROLNICK, 2000).

A cidade na modernidade passa, então, a influenciar a visão de tempo e espaço dos seus habitantes. “O tempo tornou-se fragmentado e transitório e o espaço cada vez mais efêmero; fenômeno que está em contraste com as estruturas mais permanentes da experiência das sociedades tradicionais”. (FRISBY, *apud* FEATHERSTHONE, 2000). Tem-se a possibilidade de aumentar a quantidade e a variedade de pessoas com as quais se cruza, ou mesmo, com quem se estabelecem relacionamentos. Estes, no entanto, são superficiais e efêmeros, como são, também, o espaço e o tempo. Tudo isso leva à falta de uma experiência do mundo externo confirmada pela interação e sociabilidade com o outro (Cf. SIMMEL *apud* FEATHERSTHONE, 2000).

Aqueles que têm melhores condições de vida buscam um lugar mais tranquilo onde possam descansar, reunir-se com a família e os amigos, estar em contato com a natureza.

Pode-se dizer que em Pernambuco, um desses lugares de referência vem sendo Gravatá. Por quê?

Gravatá transformou-se hoje no mais concorrido pólo pernambucano de lazer interiorano nos finais de semana e períodos de festejos populares, como as festas juninas, tornando-se, também, cenário de grandes eventos anuais. Isso se deve muito às suas características geográficas, principalmente, ao clima. O município tem seu espaço físico-geográfico localizado nas proximidades da zona de transição entre a mata e o agreste. A área municipal corresponde a 507 quilômetros quadrados, estando 51,87% de seu espaço contido na bacia do rio Ipojuca e 45,17% correspondendo ao sistema hídrico do rio Capibaribe. O clima ameno, frio, e seco, parece ter definido esse espaço como vocacionado para o lazer e o turismo, o que demonstra o significativo número de pessoas que se desloca, periodicamente, com destino a Gravatá.

Na realidade, o interesse maior pelo município começou na década de 1960, quando a COHAB construiu algumas casas que deveriam ser ocupadas por pessoas pertencentes às camadas populares. Por uma série de problemas, sobretudo de erros atribuídos a tecnocratas do governo, as pequenas casas não interessaram à população à qual se destinavam, sendo adquiridas por famílias recifenses que passaram a ter o privilégio de usufruir o clima de Gravatá pagando preços significativamente baixos. No lugar dessas vilas populares surgiram bairros e condomínios elegantes.

A corrida a Gravatá ocasionou uma crescente valorização de terrenos nas proximidades da cidade e a construção de *privés* com algumas residências em estilo alpino e centenas de chácaras. A presença maciça de segmentos da população com um bom poder aquisitivo, continua hoje a fomentar o surgimento de inúmeros empreendimentos. Mais recentemente, um

empreendimento que vem chamando a atenção dos que desejam um lugar diferenciado para lazer é a Vila Hípica. Trata-se de um projeto de implantação de um complexo turístico com rica estrutura de lazer, composto por um hotel, flats - praticamente todos vendidos - restaurantes de bom nível já em funcionamento, além de outros serviços que propiciam descanso e lazer de qualidade.

A duplicação da Br 232, além de contribuir para a especulação imobiliária, encurta as distâncias. Esse é um fato importante uma vez que a mobilidade vista como o processo-chave da modernidade, vem penetrando todos os aspectos da vida social. Isso permite, por exemplo, que a ocupação da segunda residência se faça num ritmo diferente, possibilitando uma frequência maior de deslocamentos que podem ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite, uma vez que o acesso ao lugar está mais fácil, veloz e seguro, principalmente para as pessoas que têm veículo próprio e autonomia para a realização dos deslocamentos.

Nos dias atuais o mundo está codificado para “sistemas de sujeitos com mobilidade própria” que habitam a totalidade moderna cuja essência é determinada por uma “existência como mobilidade” (SLOTERDIJK, 1998, *apud* FEATHERSTONE, 2000, p.85). Pode-se transitar de uma faixa contínua de não-lugares para ambientes ricos simbolicamente. Porém, sabe-se pouco do estilo de vida, dos valores dessas pessoas. Que fatores orientam suas escolhas? O que estão buscando? Há indicativos de um estilo de lazer diferenciado em Gravatá?

As questões levantadas permitem pensar na inter-relação existente entre urbano e rural no estilo de vida da classe média, num contexto social contemporâneo de individualismo, fragmentação de identidades e espaços sociais.

Tomando como ponto de partida as indagações acima, delimita-se o objeto desse estudo aos proprietários de segunda residência em Gravatá, tendo como foco a representação do lazer de alguns dos agentes.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho consiste em identificar de que modo as práticas de lazer em espaço social rural configuram novas formas de estilo de vida e de sociabilidade na sociedade contemporânea, e como se mostram os valores de distinção social nesses espaços.

Para atingir esse objetivo procura-se conhecer a representação de lazer dos proprietários de segunda residência enquanto uma dimensão do estilo de vida, e as orientações valorativas que conduzem à escolha de uma residência secundária em um lugar específico. Uma indagação que parece pertinente é a seguinte: É a posse de uma segunda residência em Gravatá um símbolo de distinção social, e/ou um espaço de sociabilidade?

A forma como se dá a organização deste trabalho está exposta a seguir.

É na introdução que se faz a contextualização do problema estudado; delineia-se também o objetivo do trabalho e se traça a estrutura da tese.

O primeiro capítulo, denominado - **Do urbano ao rural: em busca de um estilo de vida**, traça a trajetória das mudanças sócio-econômicas recentes na história brasileira, cujo processo de industrialização e urbanização modificou valores e modos de vida das famílias, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma sociedade cada vez mais pautada nas desigualdades, sobretudo, de renda. Tem-se em consequência, diversas formas de integração à sociedade de consumo e de acesso ao lazer, pelas diferentes classes sociais.

O segundo capítulo que se intitula **Distinção social: gosto, *habitus* e estilo de vida** - é desenvolvido com o intuito de através do referencial teórico, buscar respostas às indagações

que deram origem à investigação. Parte-se do conceito de distinção como diferença e enfatiza-se que, embora Veblen tenha sido o primeiro sociólogo a dar sua contribuição sobre o tema, em 1899, é na vasta obra de Pierre Bourdieu, principalmente em “*La distinction: critique sociale du jugement*” (1979/2002) que se tem o suporte necessário ao desenvolvimento do trabalho. Constituem-se elementos – chave nesse processo os conceitos de gosto, *habitus* e estilo de vida. O gosto está no princípio do estilo de vida e tem um caráter classificatório, uma vez que Bourdieu estabelece distinção entre gosto de necessidade e gosto de luxo, ou de liberdade. O autor vincula o gosto ao *habitus*, conceito central na sua teoria. Ele, o *habitus*, produz práticas diferenciadas e diferenciadoras que mantêm uma relação de dependência face ao conjunto de posições ocupadas no espaço social em determinado momento da história. É essa relação que vai identificar a presença, ou não, de práticas e/ou de bens que sejam signos de distinção social. Portanto, não menos relevantes, nesse estudo, são os conceitos de espaço social e dos diferentes tipos de capital, sobretudo o capital cultural e o capital econômico.

O capítulo 3 aborda o tema da sociabilidade tendo por título: **A sociabilidade norteando interpretações e caminhos.** Dentre os autores que se debruçaram sobre o tema a escolha foi direcionada, principalmente, aos estudos de Simmel (1991; 2000) por ter sido o sociólogo que mais centrou o foco na sociabilidade, definida por ele como “a forma lúdica de socialização” que permite por seu caráter relaxar, por instantes, o clima de seriedade e as hostilidades presentes no cotidiano.

Nesse capítulo, um aspecto que se ressalta é a sociabilidade no meio rural, que se mostra muito presente devido ao estilo de vida que o ambiente permite, principalmente para os que buscam um ambiente mais tranquilo, acolhedor e em contato com a natureza. É o que nesse trabalho se faz referência como sendo o “estilo Gravata” que, em muitos aspectos,

contrasta com o estilo urbano. Para ajudar a compor esse cenário de contrastes, os trabalhos produzidos por Wanderley (1999; 2000; 2001) trazem uma valiosa contribuição.

Ainda no mesmo capítulo, trata-se do estilo de lazer entendido como forma diferenciada de viver a vida, ou como uma dimensão do estilo de vida. Destaca-se, ainda, a relação que o estilo de lazer tem com os valores sociais que legitimam atividades, contextos e atitudes. Aí se insere uma abordagem sobre segunda residência e estilo de vida.

Status e relaxamento em Gravatá: entrelaçamento entre distinção e sociabilidade, é o nome dado ao 4º capítulo que se inicia pela apresentação dos procedimentos utilizados na pesquisa realizada, e pelas escolhas metodológicas aplicadas à coleta e análise de dados necessários à realização da tese. Explica-se, ainda, o modo como se procedeu à composição da amostra e as categorias selecionadas para a análise de conteúdo. Desenvolve-se, em seguida, a análise dos resultados. Afirma-se que o estilo de vida dos entrevistados traduz-se na busca de um enquadramento social, a partir do gosto e do “estilo Gravatá” que demanda investimento em capital econômico e social. Verifica-se, por exemplo, uma diferença presente na ocupação dos espaços físicos que se relaciona com as divisões e distinções no espaço social. Constatase, ainda, nas falas dos entrevistados a atuação do *habitus* produzindo práticas diferenciadas e diferenciadoras.

Os resultados da pesquisa evidenciam, também, as diversas manifestações de sociabilidade da classe média na segunda residência. A integração, tanto da família quanto dos amigos, mostra-se para os entrevistados como um valor primordial, embora, a família seja a referência maior. Nesse espaço de sociabilidade que é o de Gravatá, de forma mais ampla, e no espaço da segunda residência, de modo particular, a dimensão lúdica do lazer se faz

presente de diferentes modos e intensidades, permitindo que as relações entre gerações se fortaleçam.

Na conclusão da tese são tecidas considerações sobre os resultados do estudo. Aponta-se para o fato de que a segunda residência se mostra como instrumento de distinção social e espaço de sociabilidade, por ser a casa em Gravatá um fator de integração social.

CAPÍTULO 1: Do urbano ao rural: em busca de um estilo de vida

Os valores sociais, sendo elementos integrantes da cultura, têm forte influência na estruturação de uma sociedade e no modo de vida das pessoas, nas suas maneiras de pensar, agir, e até de sentir. Pode-se dizer que alguns desses valores criam raízes em uma determinada sociedade - são os valores básicos compartilhados, enquanto outros passam por processos de mudança ao longo da história. O progresso das comunicações é, certamente, um dos fatores que exerce maior influência em um processo rápido de transformações, que caminha *pari passu* com o incremento do desenvolvimento econômico e tecnológico.

1.1. As mudanças no modo de vida da sociedade brasileira

O modo como se deu o processo de desenvolvimento no Brasil de 1930 até o início dos anos 80, de caráter estruturador e acelerado, sobretudo, no período do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) através da implementação do Plano de Metas, levou à construção de uma economia com padrões de produção e de consumo próprios de uma sociedade moderna. Tais mudanças repercutiram nos modos de vida das famílias brasileiras, uma vez que “o ruralismo e o escravismo de nossa formação [...] eram os responsáveis por um padrão de sociabilidade centrado na família e na autoridade pessoal do grande proprietário, que tudo absorvia” (GOMES, 1998, p.508), tendo permanecido assim, até a implementação e expansão do processo de industrialização no Brasil.

Os bens que passaram a ser produzidos no país, sobretudo os eletrodomésticos e os alimentos enlatados, facilitaram a vida da mulher, dona de casa e mãe: o aspirador de pó

substituiu as vassouras e o espanador, a enceradeira tomou o lugar do escovão. Sobrava mais tempo para cuidar de si, da família e até para trabalhar “fora”.

“Os avanços produtivos acompanharam-se de mudanças significativas no sistema de comercialização. As duas grandes novidades foram certamente o supermercado e o *shopping center*” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.566). O supermercado se constituiu de imediato em grande atrativo para os consumidores, modificando antigos hábitos da população, principalmente de classe média. Em consequência houve um enfraquecimento e finalmente, em muitos casos, o desaparecimento de mercearias e açougues instalados nos bairros residenciais onde os moradores compravam aquilo que necessitavam.

Também os chamados “armarinhos”, lojas de pequeno porte, porém abastecidas com grande variedade de produtos, viram seu faturamento decrescer: era nessas lojas que se comprava os artigos de perfumaria e higiene pessoal, assim como as linhas para coser e bordar, atividades que “toda moça bem prendada” devia saber fazer. O *shopping center*, por sua vez, “transformou-se num verdadeiro templo de consumo e lazer, cheio de lojas que vendem quase tudo, de cinemas, de docerias, cafés, lanchonetes, *fast-foods*, etc” (*ibidem*). Os autores chamam ainda a atenção para o fato de ser dessa época, o hábito de “comer fora” que foi se cristalizando cada vez mais com o passar dos anos e incorporando-se ao modo de vida dos cidadãos.

A partir da década de 1960, a modernização do campo intensificou o êxodo rural. Nas cidades, “a chegada maciça de migrantes – quase 31 milhões entre 1960 e 1980 – pressionou constantemente a base do mercado de trabalho urbano” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.619);

apesar de os salários do trabalhador comum serem baixos, ele pode se incorporar aos padrões de consumo moderno, ainda que de forma precária, “com o auxílio da mulher, empregada doméstica ou operária e da filha ou do filho, que labutavam no escritório da empresa ou nos serviços em geral” (*ibidem*, p.622). Ressalte-se que a publicidade comercial teve grande influência no processo de mudança de comportamento dos trabalhadores. Afinal, consumir era ser moderno.

Nesse período da história brasileira, “a ditadura calou os sindicatos e facilitou a dispensa e a rotatividade da mão – de – obra” (*ibidem*, p.620), assim como elevou, sensivelmente, a jornada de trabalho “quando não extinguiu totalmente, o tempo livre da maior parte dos trabalhadores brasileiros” (SANTA’ANNA, 1992, p. 27). A transgressão à lei era patente, uma vez que já em 1932, a legislação trabalhista do governo Getúlio Vargas estabeleceu a jornada de oito horas diárias e quarenta e oito horas semanais, conforme proposto pelo Tratado de Versalhes desde o fim da Primeira Guerra Mundial (Cf. DAL ROSSO, 1998, p.26).

O resultado foi um aumento da concentração de renda e das desigualdades sociais, uma vez que os baixos salários numa economia em expansão, têm como consequência, margens de lucro muito elevadas das empresas industriais ou de serviços que pagam elevada remuneração às funções de direção (Cf. MELLO; NOVAIS, 1998).

Mesmo nos anos mais recentes com o aumento da produtividade decorrente da tecnificação da produção, dentre outros fatores, “em países como os EUA, Chile, México, Argentina, Brasil e Inglaterra (Cf. DAL ROSSO, 1996), para citar alguns, a jornada de trabalho vem aumentando” e em consequência, sobra menos tempo livre para que os

trabalhadores possam descansar e ter momentos de lazer e sociabilidade com a família e os amigos. Ao se adicionar o tempo que o trabalhador gasta para se deslocar da periferia, onde geralmente habita, para o local de trabalho no meio urbano, esse tempo livre, ou tempo de lazer, se torna ainda mais reduzido.²

Na sociedade desigual que se estabelece no Brasil, cria-se uma fábrica de sonhos inatingíveis para grande parcela da população; a publicidade gera necessidades até então inexistentes.

Nos anos 60, a americanização da publicidade brasileira tem um papel fundamental na difusão dos padrões de consumo moderno e dos novos estilos de vida. Destrói rapidamente o valor da vida sóbria e sem ostentação.[...] Numa sociedade em que as raízes da sociabilidade e da dominação estão encobertas por uma aparência de naturalidade – ou seja, cada um faz, tem ou deseja aquilo que permite a divisão do trabalho e os valores dominantes – o “realismo” duplica a mistificação que a “realidade já impõe”(Cf. MELLO; NOVAIS, 1998, p.641-642).

Se para grande parte das pessoas a interiorização dos valores capitalistas gera frustrações e conflitos tão gritantes quanto a situação de exclusão que vivenciam, para a classe média a situação se apresenta menos problemática já que goza de melhor situação econômica que permite, muitas vezes com sacrifício, poupar o suficiente para investir no lazer da família, ao menos uma vez ao ano.

A nova classe média que surgiu naquele período (anos sessenta) estava inteiramente integrada aos padrões modernos de consumo, inclusive no que concerne ao lazer: podia tirar férias e viajar com a família pelo Brasil, de avião ou de carro, hospedando-se em hotéis “razoáveis” (Cf. MELLO; NOVAIS, 1998). Esse fato, além de constituir uma necessidade, era

² Henri Lefebvre (1972) classifica os tempos da vida cotidiana em obrigatório (do trabalho), livre (do lazer) e imposto, este último sendo o tempo que se gasta com formalidades e deslocamentos. O autor chama atenção para o fato de este último vir aumentando e, de certa forma sobrepujando o tempo livre.

também sinônimo de *status*, assim como o carro e a posse de uma casa própria. Em uma sociedade tão desigual quanto a brasileira, esses eram privilégios restritos a algumas camadas sociais³.

Pode-se dizer o mesmo em relação à TV que tendo começado sua disseminação no Brasil nos anos 1960, no início de sua comercialização se mostrava pouco acessível a grande parcela de consumidores. As pessoas detentoras de um aparelho de TV o colocavam em uma dependência da casa onde pudesse congregiar aquelas pessoas - familiares, vizinhos ou amigos, que quisessem conhecer a novidade e assistir aos programas veiculados pelas emissoras que estavam no ar, algumas em caráter experimental.

A influência exercida pelos meios de comunicação de massa foi, pouco a pouco, mudando comportamentos e influenciando nos modos de vida das pessoas. Com o passar dos anos, a televisão passou a preencher, em muitas famílias, o tempo livre. Quebrou—se o costume, arraigado nas famílias brasileiras, de reunir-se em torno da mesa para fazer as principais refeições. Perderam-se momentos de convívio e de sociabilidade importantes, quando, nas refeições as pessoas passaram a se posicionar em frente à TV e só para ela dirigiam o olhar e a atenção.

³ É importante ressaltar que na pesquisa realizada com proprietários de segunda residência, o deslocamento semanal, quinzenal ou, em outro intervalo de tempo para Gravatá, não é referenciado pelos entrevistados como viagem. Viajar, para eles significa conhecer lugares ainda desconhecidos, preferencialmente com a família. Entretanto, apesar de muitos terem destacado o quanto gostam de viajar, constatam também, de modo geral, que nos dias atuais já não têm mais possibilidades de realizar as viagens que gostariam, uma vez que viajar custa caro – o que indica uma perda de poder aquisitivo dessas pessoas de classe média, quando comparado com um tempo passado.

“Aliada à ideologia capitalista e sua cúmplice, a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza [...] (ADORNO, 1999, p.8).

Na década de 1980, os videogames, atrelados aos aparelhos de TV, começaram a adentrar os lares das famílias de classe média brasileira, constituindo mais uma opção de divertimento para esse segmento da população, assim como para os adolescentes e jovens pertencentes à elite, que consumia de imediato as inovações tecnológicas que surgiam no mercado. Com o passar dos anos alguns desses modelos de jogos tiveram seus custos barateados e se tornaram economicamente mais acessíveis para alguns segmentos da população de baixa renda.

Outra inovação, a Internet, vai se instalando no país, em meados dos anos 1990 e, sorrateiramente, passa a se inserir e interferir no estilo de vida das pessoas, criando um novo tipo de sociabilidade – virtual – mediada pelo computador (Cf. DORNELLES, 2004, p. 271). Essa forma de relacionamento, não mais do tipo face – a - face, tem levado ao surgimento de uma série de situações preocupantes para os pais, como os distúrbios de comportamentos dos adolescentes, tema que não cabe aprofundar nesse trabalho.

Ainda no contexto da relação estilo de vida, tempo livre e avanços tecnológicos, é relevante refletir a situação da classe média face ao trabalho e ao tempo livre, uma vez que essa camada social tem horário de trabalho a cumprir, assim como os trabalhadores de outros segmentos sociais - que pode ser mais ou menos rígido, de acordo com a função exercida. É necessário considerar também que, à medida que o trabalho se torna mais qualificado, mais aumentam as pressões e as exigências por excelência. Por outro lado, o desenvolvimento

tecnológico faz com que se dilua, muitas vezes, a distinção entre espaço de trabalho e os demais espaços, o que em muitos casos, torna a vida mais estressante.

Os autônomos e altos executivos, pela constante utilização de seus *notebooks* com acesso às redes de suas empresas ou às redes de seus clientes, mantêm seu repouso e seu lazer em estado concordatário ou falimentar. Os que normalmente passam grande parte de seu tempo viajando carregam consigo um escritório quase completo, com celular, *notebook*, máquina fotográfica digital, *scanner* e fax. Assim vivem em estado de tensão laboral contínua e vinculados, constantemente, a suas equipes de planejamento e produção (ANDRADE, 2001, p.77).

Do mesmo modo, o que se verifica no presente estudo é que a classe média seja ela constituída por professores, médicos, profissionais de comunicação, administradores, ou outra categoria profissional sente necessidade de ter tempo livre das obrigações⁴, como os demais trabalhadores para se dedicar mais a si e a sua família fora do ambiente de trabalho, uma vez que as atividades profissionais se tornam cada vez mais desgastantes, em consequência das tensões que geram.

Como disse um entrevistado (n.25),

o lazer é uma maneira de eu recompor minha alegria, minhas energias, pra recomeçar tudo de novo. Continuar o trabalho da vida, isso é o lazer. Isso eu consigo em Gravatá. Eu adoro minha casa em Gravatá. Isso me realiza.

Essa citação dá um indicativo dos valores que legitimam o lazer, como se mostra a seguir.

⁴ Para Adorno (*apud* MUSSE, 2002, p.181) o paradoxo do tempo livre na sociedade capitalista, reside, portanto, na delimitação de uma esfera, aparentemente em tudo distinta do âmbito e dos procedimentos próprios do mundo do trabalho, na qual persiste, não obstante, a situação de não – liberdade, seja por estar concebido como apêndice desse mundo (logo, como uma forma de restaurar as energias ou de preparar os comportamentos para a produção), seja por meio da perpetuação do condicionamento próprio do mundo das mercadorias: a reificação das consciências.

1.2. Estilo de lazer e valores sociais: elementos de integração social

Neste estudo é pertinente destacar a relação que o estilo de lazer tem com os valores sociais, uma vez que eles são “elementos centrais da integração social, [...] da ordem social, e do ‘sentimento’ de pertencer a uma comunidade de pensamento, de interesse, e de valores” (PRONOVOST, 1998, p.26).

O que se pode perceber nas entrevistas realizadas com proprietários de segunda residência é que são valores comuns a todos os entrevistados, a união e integração da família, a busca do bem-estar, o convívio com as pessoas que se quer bem, o lazer, a paz, entre outros. Portanto, por ser o estilo de lazer uma dimensão do estilo de vida há, muitas vezes, uma confluência de valores que servem de orientação às ações.

Ao se referir ao conjunto de valores presentes no lazer, Pronovost (1998) destaca:

- a) aqueles cuja função é dar ao lazer uma legitimidade dentro do sistema geral de valores, aquilo que o autor chama de “legitimação de valores” ;
- b) os que são mais fortemente ligados a uma atividade particular - chamados de “motivações sociais”, que dão legitimidade à ação social.

No primeiro caso, pode-se dizer que o lazer se refere a certos valores sociais pelos quais certas atividades, contextos e atitudes, são legitimadas. Tais valores estão ligados à idéia de prazer e diversão.

“Lazer pra mim é lugar pra descansar, pra se divertir, com segurança”
(entrevistada n.9).

“Lazer são momentos de descontração, de convivência com pessoas [...], e participar, em comum, de alguma coisa que seja prazerosa” (entrevistada n.14).

No entanto, muitos campos de ação social só são percebidos como agradáveis se forem resultantes de uma escolha. Está, portanto, implícita nesse contexto a idéia de liberdade.

Lazer é [...] quebrar tensões; lazer é [...] relaxar; é alegria é, não ter amarras, também, não ter amarras; fazer, conversar, fazer o que dá na telha, digo assim, sem uma programação rígida, de repente você tá ali conversando e diz vamos fazer à noite [...] pinta uma idéia, não é? E, as idéias assim, criativas, que surgem na hora, elas cabem num momento de lazer. É diferente da rotina. Na rotina você programa tudo, você não pode ser criativa, você de repente diz, vamos fazer um jantar agora [...] não existe isso na rotina porque tudo é muito o contato, o tempo, a programação, então, lazer entra tudo isso, relaxar, tirar tensão, não se enquadrar, numa programação rígida, não é? (entrevistada n.5)

Não se deve esquecer, porém, que embora o lazer seja, em geral, resultante de uma opção do indivíduo, o *habitus* – como sistema de disposições para a prática - conforme expresso na teoria de Pierre Bourdieu (1990/2004, p.98), exerce certamente uma importante influência nesse processo de escolha.

É, portanto, o caráter de escolha que delinea o lazer como uma experiência de liberdade. (Cf. SAMDAHL, 1988; ROBERTS, K., 1978). Liberdade das expectativas de comportamento decorrentes dos papéis sociais, das pressões do ambiente, das obrigações, e da limitação dos recursos.

Lazer é me desligar um pouco das obrigações do dia a dia. Mas me desligar no sentido de – não é que me relaxe não, é que eu tenha um tempo pra mim, pra fazer aquilo que eu gosto de fazer. Eu gosto do trabalho, não é que eu queira me desligar do meu trabalho não. Eu tenho o privilégio de trabalhar naquilo que eu gosto. Mas é preciso também você fazer o outro lado. Se desligar (entrevistada n.3).

Lazer é essencial. É um momento que eu tiro pra viver aquilo que não é obrigação. Você passa a semana com obrigação de trabalho, de família, de casa, de escola, de menino. O lazer é algo assim, que não tem hora, nem tem exigência, é realmente uma coisa solta de obrigações. É liberdade, você faz se tiver com vontade, não conclui se não tiver [...] (entrevistada n.4)

Isso permite inserir “grande parte do objeto lazer no campo da sociabilidade espontânea, ou informal, compreendida aqui como espaço de interação distinto dos sistemas organizados formalmente, ou burocratizados” (GUTIERREZ, 2001, p.88).

Nesse contexto, as relações sociais se dão em um ambiente de descontração, permitindo que as práticas sociais reflitam os valores que orientam a busca do prazer de estar com a família e os amigos, divertindo-se, relaxando, ao mesmo tempo em que se fortalecem laços.

Porém, em geral, o que se constata no cotidiano atribulado de grande parte das pessoas é que a rotina faz parte da vida do cidadão tornando-se uma ameaça, uma vez que escapa da esfera da vida organizada e passa a ocupar o terreno da automatização inconsciente tanto no que se refere a trajetos, quanto a atividades, comportamentos, sentimentos, prazeres (Cf. CORTELLA, 2006). É preciso, portanto, fugir do perigo da robotização, da ameaça que está em nós e na rotina.

Essa idéia de fuga seja da rotina, do trabalho, ou da monotonia é mais um valor presente no lazer (Cf. PRONOVOST, 1998) que é verbalizado pelos entrevistados em vários momentos da entrevista, seja referindo-se à cidade de Gravatá, à casa, ou ao lazer em si mesmo. Isso porque esses dois lugares “casa” e “Gravatá”, estão intimamente ligados ao lazer que, por sua vez, diferencia-se bastante daquele que é possível usufruir na cidade grande.

Assim se expressaram alguns dos entrevistados:

“A casa é um descanso, é uma fuga dessa tensão daqui da cidade, (Recife) do trabalho, da rotina” (entrevistada n.5).

“A casa significa um *relax*, liberdade, desobrigação com o dia a dia, com a rotina” (entrevistada n.29).

“É uma válvula de escape” (entrevistado n.48).

Os valores que muitos relacionam ao lazer estão presentes na conceituação elaborada por Joffre Dumazedier (1960/1999, p.91 - 92) que usa o vocábulo lazer com o significado de conteúdo do tempo orientado para a pessoa como fim último. Esse tempo é outorgado ao indivíduo pela sociedade quando este se desempenhou, segundo as normas sociais do momento, de suas obrigações profissionais, familiares, sócio – espirituais e, sócio - políticas. A partir de então, o indivíduo tem a possibilidade de se liberar da fadiga, descansando; do tédio, divertindo-se; da especialização funcional desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo e de seu espírito. Este tempo disponível não é o resultado da decisão de um indivíduo; é, primeiramente, o resultado da evolução da economia e da sociedade.

O depoimento, transcrito a seguir, condiz com o conceito de lazer apresentado por Dumazedier, ao mesmo tempo em que é expressão do significado atribuído ao lazer por grande parte dos proprietários de segunda residência.

Significa uma válvula de escape do burburinho da cidade; então quando eu chego lá na sexta feira à tarde, eu me desligo dos problemas, das confusões todas da cidade e realmente dá para recuperar um pouco. Às vezes fisicamente eu fico até mais cansado. Comprei um terreno perto do condomínio, tenho alguns cavalos, alguns animais, então me dedico muito a eles. Então, canso fisicamente, mas descanso a cabeça, a mente (entrevistado n.29).

A visão funcionalista do lazer tem sido criticada por alguns estudiosos do assunto. Para Padilha (2002, p.126) “o lazer compensatório funciona, de acordo com a própria lógica funcionalista, como uma válvula de escape que ajuda a manter a sociedade supostamente em equilíbrio, pois não propicia às pessoas nenhuma alternativa transformadora”.

Também Ademir Gebara (2002) referindo-se à abordagem que Elias e Dunning (1995) fazem sobre o lazer, diz que

a função do lazer [...] não é liberar tensões compensatórias e sim, restaurar tensões agradáveis e desrotinizadoras, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida. Se as rotinas do cotidiano são sempre racionalizadas, o lazer pode também ser o antídoto a estas rotinas, sem que com isso se reduza a um componente ou dependente dessas rotinas (GEBARA, 2002, p.85).

As pessoas muitas vezes encontram no lazer a oportunidade de mostrar a si mesmo e aos outros uma imagem de si coerente e simbólica, no sentido de ser, por exemplo, mais natural, espontâneo, ou até mesmo mais “real” (Cf. PRONOVOSTOST, *op.cit.* p.28) . O lazer em segunda residência no município de Gravatá permite esse tipo de comportamento, como expressa o fragmento de entrevista que está colocado a seguir:

o lazer é um momento em que você deixa aquelas responsabilidades todas do dia a dia, da rotina, de eu sou isso, eu sou aquilo e tal, e sai em busca da tranquilidade, da paz, de se encontrar com outras pessoas e deixar o formalismo (entrevistado n.27).

Algumas idéias podem ser destacadas nas definições de lazer dadas pelos entrevistados: lazer é descanso, relaxamento físico e mental, divertir-se, é bem-estar, é fugir da rotina, portanto, mudar. É estar com as pessoas que se gosta em momentos de descontração e, sobretudo, fazer aquilo que se gosta de fazer. É lazer o que dá prazer.

Portanto, o lazer se apresenta, na maioria das vezes, como o antídoto para a rotina e suas conseqüências. Enquanto a rotina, de certa forma, esgota as energias físicas e mentais dos indivíduos, o lazer as recupera trazendo uma sensação de bem-estar consigo mesmo e com os outros.

Os depoimentos, até aqui apresentados, também expressam a sociabilidade que o ambiente de Gravatá permite, uma vez que nas cidades “a superposição de carências tem levado a uma degradação dos padrões de sociabilidade, a um aumento da conflitividade e da violência [...] a uma cultura de medo generalizado, que se transformou num dos princípios organizadores das cidades contemporâneas” (AMENDOLA, 2000, *apud* INAIÁ, 2005).

Diante da realidade vivenciada e percebida pelas pessoas entrevistadas cuja residência principal está situada no meio urbano, é que se justifica a abordagem desse tema logo a seguir.

1.3. O meio urbano

Louis Wirth escreveu, em 1938, uma obra que se tornou um clássico da sociologia urbana, denominada “*Urbanism as way of life*”. Nela Wirth identifica três características básicas na sociedade urbana: o tamanho, a densidade e a heterogeneidade. É, sobretudo, a partir das duas primeiras características qualificadas como ecológicas, que o autor deduz as demais proposições sobre a personalidade dos moradores da cidade.

O autor parte do princípio de que quanto maior for a população, maior será o potencial de sua diversidade e de segregação, seja pela cor, pela descendência étnica ou *status*. Decorre daí que a segregação espacial enfraquece os laços de parentesco, de vizinhança, e o sentimento de ter vivido por muito tempo uma mesma tradição.

O número elevado de pessoas também “limita a possibilidade de cada membro da comunidade conhecer a personalidade do outro”. Por sua vez, essa limitação da interação pessoal encoraja o desenvolvimento de contatos sociais segmentados [...] que passam a se estabelecer, sobretudo, por razões instrumentais. Acentua-se, assim, na sociedade urbana a superficialidade, o anonimato e o caráter transitório das relações sociais (Cf. REISSMAN, 1970, p.140).

A densidade, também considerada por Louis Wirth característica básica da sociedade urbana, intensifica os efeitos criados pelo tamanho da população como uma maior segregação espacial, por exemplo.

Por sua vez, a heterogeneidade é percebida como sendo uma consequência do tamanho e da densidade da população. Em resposta às necessidades econômicas, desenvolve-se uma maior divisão do trabalho surgindo, também, um modelo mais complexo de estratificação social. O contato entre as diferentes classes leva a uma sofisticação e a um cosmopolitismo considerados típicos da urbanidade. A heterogeneidade presente na sociedade urbana acarreta, segundo as idéias defendidas por Wirth, uma maior mobilidade, tanto geográfica quanto social, permitindo que os indivíduos se movam mais e mudem freqüentemente porque há maiores oportunidades para isso. Ainda como consequência da heterogeneidade, delineia-se uma tendência à padronização dos bens de consumo e das crenças.

Outra clássica abordagem do urbano que merece ser referenciada é a encontrada no ensaio de Simmel (2000) “*The Metropolis and Mental Life*” no qual o autor destaca que comparada com a sociedade rural, a sociedade urbana demanda maior pontualidade e exatidão dos residentes urbanos no cumprimento de suas obrigações na intrincada rede de funções urbanas. Isso pressiona o indivíduo a ser mais racional e menos impulsivo se quiser sobreviver

na cidade. Para Simmel, as qualidades requeridas para a sobrevivência no meio urbano não estão ligadas ao espírito e ao coração, mas sim ao dinheiro e à cabeça (Cf. REISSMAN, 1970).

O entendimento da modernidade em Simmel tem por base sua análise da economia monetária e da metrópole. A metrópole sempre foi o lugar da economia monetária e está associada a cálculos crescentes e à redução de tudo a valores qualitativos e quantitativos. A complexidade e a extensão da existência metropolitana forçam a pontualidade, o cálculo e a precisão individual (SIMMEL, 2000, p.176). Logo, tanto a cidade quanto a economia monetária têm forte impacto transformador em nossa sensação de tempo e de espaço: o tempo torna - se fragmentado e transitório e o espaço cada vez mais efêmero; fenômeno que está em contraste com as estruturas mais permanentes da experiência das sociedades tradicionais (FRISBY, 1985, *apud* FEATHERSTONE, 2000, p.56-57).

A cidade, que reúne diversas camadas sociais, é um local de fluxo contínuo e nivelamento de interações sociais. Esse aumento do número e variedade de relacionamentos, da fugacidade e da superficialidade das interações pode levar a uma avaliação positiva de coisas momentâneas: “o encanto do momento” (*ibidem*, p. 84). Mesmo que isso possa ser seguido de um – novo tipo de sociabilidade – uma “amabilidade geral” - e valorização da esteticização da vida diferente que passa diante de nós, também pode levar à sobrecarga psíquica e ao refúgio defensivo introspectivo.

[...] O indivíduo experimenta uma sensação de tensão e impaciência através do fluxo rápido e constante de fenômenos internos e externos [...]. Para Simmel (2000, p.177) tal experiência pode levar a um embotamento da capacidade de discriminação e a uma

incapacidade de reagir a novos estímulos, a uma reserva e indiferença que caracterizam a atitude apática, considerada um aspecto dominante do caráter urbano.⁵

Esta é uma das características centrais da visão de modernidade de Simmel: o mundo externo traz diante de nós um fluxo incessante de impressões e sensações fragmentárias. Elas não são experimentadas diretamente, mas sentidas e absorvidas de forma distraída. Portanto, falta-nos a experiência direta do mundo externo que é confirmado pela interação e sociabilidade com o outro; algo que gera laços sociais que reforçam e confirmam nosso sentimento de mundo, nossa intervenção no mundo (FEATHERSTONE, 2000, p.57).

O acúmulo de sensações e impressões é, em parte, o resultado do mero número e variedade de pessoas com as quais nos cruzamos diretamente sem que tenhamos um contato direto. Isso também é alimentado pelo desenvolvimento das cidades como centros de consumo, o que aumenta o volume de transações econômicas e cálculos e a dupla visão induzida pelo dinheiro (*ibidem*).

Para Simmel a cidade é ainda a sede do cosmopolitismo. Referindo-se a Simmel, diz Mike Featherstone (2000, p.58):

Mais uma vez temos uma sensação de um horizonte expandido: enquanto a vida social na cidade pequena é auto-contida e autárquica, na metrópole os limites físicos da cidade não funcionam como fronteiras, pois ela está conectada de várias formas com ambientes nacionais e internacionais mais amplos. A gama de bens, imagens e sensações e a divisão sofisticada de trabalho permitem especializações e diferenciações na cidade; há uma maior tolerância a idiosincrasias, maneirismos e modos de sobressair-se. Da mesma forma, a redução de todas as qualidades a quantidades, com a economia monetária, significa que as qualidades em si tornam-se altamente valorizadas.

⁵ Fazendo referência ao clássico artigo de Simmel “A metrópole e a vida mental” Gilberto Velho (2005) explica que um de seus objetivos naquele texto era contrastar um estilo de vida metropolitano com o modo de vida tradicional rural. A grande cidade [...] caracterizar-se - ia, sobretudo, pela grande quantidade e diversidade de estímulos. Isto geraria um “excesso”, provocando uma adaptação no nível individual que definiu como *blasé*. Desenvolver-se-ia uma espécie de capa protetora, uma indiferença, como defesa da ameaça de fragmentação.

Simmel (2000) argumenta que, sendo a metrópole o lar do individualismo independente e da individualidade, o carro é um dos meios mais significativos que permite ter a independência e liberdade. “Nossa experiência de cidade torna-se cada vez mais mediada pela contemplação móvel, seja através do pára-brisa do automóvel, da janela do trem, seja através das telas de cinema e TV” (*ibidem*).

Essa é uma questão importante, característica não só das cidades mundiais, mas do meio urbano, em geral, inclusive das cidades do nordeste brasileiro. As mudanças sofridas pela economia mundial, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1970, provocaram grande impacto no mundo do trabalho e contribuíram, também, “para a transformação do contexto dos valores sociais e culturais da sociedade, ocasionando transformações tanto nas relações entre indivíduos, como nas relações entre eles e a cidade” (FONSECA, 2005, p. 378). Assim como a produção flexível produz mais superficialidade no relacionamento com outras pessoas - fruto das relações curtas no trabalho, ela também cria um regime superficial de desapego à cidade (*ibidem*, p. 379).

1.3.1. O isolamento das pessoas nas cidades

A necessidade de viver em um mundo de estranhos traduz – se na adequação, cada vez maior, a um modo de vida privado e à conseqüente perda paulatina da importância dos espaços públicos, como as ruas e praças. O desenvolvimento dos meios técnicos e informacionais abre espaço para que no ambiente privado da residência se possa “obter notícias do mundo, conectar amigos e familiares” sem necessidade ou obrigação de ir buscar a informação no espaço público (CF.FONSECA, 2005).

Como o acesso aos diversos tipos de bens é bastante desigual na sociedade, gera-se uma polarização e uma segregação cada vez mais intensa, inclusive na ocupação dos espaços.

[...] o aumento da diferença entre ricos e pobres e dos problemas sociais que advêm disso faz com que a diferenciação social na cidade contemporânea assuma contornos totalmente novos, com uma separação física e simbólica cada vez mais clara dos espaços ocupados pelas populações que podem ou não consumir (FONSECA, *op.cit.*, p. 380).

Como diz Rolnik (2000), instala-se na sociedade em relação à cidade e ao espaço público, uma espécie de agorafobia coletiva [...]. Permanece na rua apenas aquele grupo ao qual só resta o espaço público como moradia, como trabalho, como refúgio de sobrevivência.

As pessoas estão assustadas, com medo do outro e por isso, cercam suas residências, isolam-se em apartamentos e condomínios fechados, privam-se do exercício da convivência ao restringirem os espaços e ocasiões de lazer. Dessa forma, a cidade deixa de cumprir uma das principais funções que lhe foi atribuída pelo urbanismo moderno: propiciar o lazer aos que nela vivem.

O trecho reproduzido a seguir de uma das entrevistas realizadas exprime bem o sentimento que predomina em muitos habitantes da cidade.

Eu não tinha nada disso. Eu tava lá em Recife, com medo da violência [...], como eu disse a você, sem lazer e isso é péssimo. Não dá para ter lazer na cidade. Porque eu gosto muito de conversar. E para conversar tenho que sair e aí tem a violência. As minhas irmãs, uma mora em Olinda e a outra em Candeias. Assim para sair e voltar de madrugada, eu estava me restringindo enormemente. Durante o dia era impossível sair e à noite eu ficava receosa. Então eu ficava sem sair. E lá não. Vai uma das irmãs e fica comigo lá, uma prima, outra vez é uma amiga [...] vai fica lá, porque eu aumentei a casa justamente pra poder receber quem eu quero, no momento que eu quero, aí eu acho isso muito bom. *Seu lazer hoje se resume a Gravatá?* É, um pouco de cinema, teatro eu quase nunca vou porque é mais difícil se arranjar companhia, e cinema você vai sozinha, entra, assiste e tudo o mais. Um aniversário assim na família, uma coisa extraordinária como foi minha irmã fez sessenta anos outro dia, fez uma festa, mas a não ser isso, não.[...].

Quando eu era mais jovem, eu ia, saía de noite, não tava nem aí. Saía, ia pra casa de uma, de outra, ia pra festa, ia pra reunião, depois, comecei a ficar medrosa. Porque também, a violência aumentou bastante, não é? Porque se não fosse a violência [...]. Sair à noite e voltar dirigindo, eu nunca tive problema, mas acontece que com essa coisa da violência, a gente acaba ficando covarde (entrevistada n.3).

Por isso, refém da violência que campeia em muitas cidades brasileiras, o cidadão que consegue ter uma certa estabilidade econômica procura se deslocar nos finais de semana em direção a um espaço que lhe permita usufruir uma qualidade de vida que deseja incorporar ao seu dia-a-dia. Esse é o caso de significativo número de pessoas que adquire uma segunda residência em Gravatá, município situado no agreste pernambucano.

Segundo Lins (1993, p.204):

Foi em 1966 que teve início o processo de avanço social e econômico e crescimento imobiliário sem paralelos na História gravataense. Forasteiros ricos, interessados em lugar aprazível e tranqüilo, não muito distante do Recife, onde pudessem empregar dinheiro na construção de vilas de descanso, começaram a chegar.

É no contexto do crescimento econômico por que passa a sociedade brasileira a partir, sobretudo, de meados da década de 1960, que se busca explicar as mudanças que começavam a ocorrer em Gravatá. Veja-se a esse respeito o depoimento dado por um dos entrevistados cujo imóvel, hoje reformado, faz parte das casas construídas pelo Governo para a população mais carente.

Olha, a Vila da Cohab, ela foi criada, para atender justamente a população, digamos assim, de baixa renda. Mas aqui no Brasil sabe como são as coisas, não é? Esse povo não se conforma com e nem procura produzir e sai negociando as casas. Essa casa foi negociada já de terceiros. Já a encontrei reformada. Existem 20 ou 30 casas, se houver, que não foram reformadas. Todas as outras foram. Então, a população de Recife, classe média, adquiriu esses bens por lá. Meus vizinhos são amigos e tenho amigos em outras ruas (entrevistado n.19).

Para Bresser Pereira (1987), o governo de militares e tecnocratas que esteve no comando do Brasil a partir de 1964, era um governo de classe média que vinha consciente ou inconscientemente realizando uma política que beneficiava especialmente essa classe. O Programa do Banco Nacional de Habitação foi um exemplo.

O condomínio na realidade tem um diferencial em relação aos demais de Gravatá. Os terrenos são muito grandes, as casas são separadas umas das outras, mas também tem uma dificuldade: não existe uma área de lazer comum, porque não foi feito exatamente para ser condomínio. É uma área da COHAB, chamada COHAB Nova, que é um conjunto diferenciado com chalés.[...] O atrativo na época era a facilidade de pagamento e também ser financiado pela Caixa. Era uma coisa bem acessível pra gente na época (1989) (entrevistado n.28).

O Plano Nacional de Habitação - formalmente estabelecido para a construção de casas populares - transformou-se, na prática, em um meio de financiamento para casas de classe média. Essa, tanto quanto a classe alta correspondiam, na época, a cerca de 30% da população brasileira sendo consumidoras, sobretudo, de bens de luxo: automóveis, bens de consumo duráveis e serviços – produzidos pelo setor moderno tecnologicamente de ponta.

A demanda por estes bens e serviços promove um desenvolvimento, ainda maior, das grandes empresas capitalistas que por serem “altamente capital-intensivas e tecnologicamente sofisticadas, aumentam sua procura de pessoal especializado e de pessoal administrativo [...]. Aumenta, assim, o emprego para a classe média, enquanto acentua-se a marginalização da classe baixa” (PEREIRA, 1987, p.210).

A desigualdade social que se acentuara no Brasil confirmava-se em 1970, através do censo. “Verificou-se então que, enquanto em 1960, os 5% mais ricos da população recebiam 37% da renda, em 1970 essa porcentagem havia subido para 45%” (PEREIRA, 1987, p.200-201). Todo esse processo, que por um certo período beneficiou a classe média, modificou

também seus padrões de consumo, possibilitando –lhe a busca de uma melhor qualidade de vida, como é o caso daquelas pessoas que procuraram Gravatá.

Portanto, desde a década de 1960 quando a violência ainda não era tão gritante nas grandes cidades, as famílias buscavam um lugar mais tranquilo para descanso e, para isso, investiam na aquisição de uma segunda residência.

1.4. Segunda residência e estilo de vida

Segunda residência, ou residência secundária são vocábulos já consagrados pela literatura específica do turismo. A idéia de residência secundária contrapõe-se à de residência permanente, também denominada principal, normal ou primária. Sua ocupação se dá por períodos mais ou menos prolongados em função do tempo livre, da disponibilidade financeira e da distância do domicílio principal (Cf. TULIK, 1995).

É importante fazer aqui uma breve alusão à categoria classe social, uma vez que não se pode pensar a posse de uma segunda residência sem que se associe, de imediato, o pertencimento dos seus proprietários a uma classe social com um poder aquisitivo que permita o acesso a esse bem e a um estilo de vida específico.

O primeiro sociólogo a formular uma teoria estabelecendo um elo entre lazer e consumo foi o norueguês radicado nos Estados Unidos, Thorstein Veblen, em 1899, ao demonstrar em *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*,⁶ que o consumo do ócio além de ser um símbolo de pertencimento a uma categoria social é, ao

⁶ A teoria da classe ociosa trata extensivamente de mecanismos não econômicos de distinção de classe [...]. Do ponto de vista filosófico, Veblen investe contra o consumo conspícuo e o emprego improdutivo do tempo, dinheiro e esforço realizado com o propósito de distinguir as classes superiores do restante da sociedade. Esse comportamento conspícuo não tem o objetivo de trazer o bem-estar físico à classe ociosa, mas sim um papel meramente emulativo (isto é, exibicionista), cuja função é simbolizar a situação de classe dos indivíduos ociosos (Cf. MEDEIROS, M. 2003).

mesmo tempo, um sinal de afirmação pessoal em relação a outros, pelo consumo do “conspícuo”.

São dessa espécie, por exemplo, [...] o conhecimento das línguas mortas e das ciências ocultas, da ortografia correta [...] das várias formas de música doméstica e de outras artes caseiras, dos últimos refinamentos do vestuário, da mobília e da equipagem, de jogos, esportes e animais de raça como cães e cavalos de corrida (VEBLEN, 1988, p.25).

Vale salientar que os hábitos de consumo da classe ociosa, não correspondiam aos associados ao lazer dos dias de hoje, uma vez que não significavam, necessariamente, diversão, prazer, descanso, curtição. Correspondiam a um estilo de vida ostentatório, que reforçava a distinção social, idéia presente também nos estudos de Pierre Bourdieu (1983).

Erick Olin Wright (*apud* SANTOS, 2002, p.29) “considera que a análise de classes não pressupõe obrigatoriamente o reconhecimento da primazia de classe como um princípio explicativo generalizado, mas reafirma a idéia de que a classe persiste como um determinante significativo e, às vezes, poderoso, de muitos aspectos da vida social”.

É mister ressaltar que, embora reconhecendo a importância que a noção de classe social tem na tradição sociológica vinculada às obras de Marx e Weber enquanto conceito-chave na compreensão da sociedade moderna, o tema não apresenta um caráter de centralidade neste trabalho⁷. Na realidade, tal conceito tem cunho instrumental, sendo utilizado como ferramenta que permite identificar as pessoas e suas práticas no espaço social. Este espaço se estende como uma rede constituída pelas relações entre as diferentes posições que os agentes

⁷ De acordo com Wacquant (1998), Bourdieu também elabora uma teoria de classe que une a insistência marxiana na determinação econômica com o reconhecimento da distinção de ordem cultural weberiana e o interesse de Durkheim pela classificação.

ocupam na distribuição ou posse diferencial de certos bens que dão poder no mundo social dos agentes. A idéia de espaço social é que dá conta do caráter estrutural do todo.

Como disse Bourdieu (2004, p.67) :

Eu quis romper com a representação realista de classe como grupo bem delimitado, existente na realidade como realidade compacta, bem recortada [...] meu trabalho consistiu em dizer que as pessoas estão situadas num espaço social, que elas não estão num lugar qualquer, [...] e que, em função da posição que elas ocupam nesse espaço muito complexo, pode-se compreender a lógica de suas práticas e determinar, entre outras coisas, como elas vão classificar e se classificar, e, se for o caso, se pensar como membros de uma 'classe'.

A partir dessa citação, pinçada da vasta obra de Bourdieu, pode-se ressaltar a necessidade de entender a prática dos agentes a partir da posição que ocupam no espaço social. É preciso entender também que tal espaço é cada vez mais complexo e diversificado nas sociedades, como consequência, inclusive, dos diferentes graus de desenvolvimento que cada uma delas consegue atingir.

Um estudo sobre as residências secundárias, publicado em 2002, relata que em 1990 havia dois milhões, quatrocentos e quatorze mil residências secundárias na França que representavam mais de 10% do total de alojamentos (Cf. PERROT; LA SOUDIÈRE, 2002). Os autores destacam que o caso francês é “quase único na Europa” tendo sofrido grande influência do desenvolvimento dos meios de transporte, sobretudo do trem de grande velocidade (TGV), que permite o aparecimento de novas mobilidades. Outro dado que chama a atenção refere-se ao fato de que 19% das residências secundárias pertencem a trabalhadores e se localizam, sobretudo, no campo.

Diferentemente dos dados apresentados acima o presente estudo realizado em Gravatá, demonstra uma realidade que se afasta bastante daquela demonstrada pela pesquisa efetivada

na França, no que se refere ao acesso a esse tipo de bem, fato que poderá ser constatado mais adiante na composição da amostra que está estruturada no capítulo 4.

Isso porque, o processo de desenvolvimento brasileiro foi, e continua sendo excludente, embora permita uma ascensão social moderada de pequena parcela da população.

Conforme se pode observar, o processo de mudanças que fez com que a população brasileira se transformasse em predominantemente urbana, num espaço de tempo relativamente curto, trouxe profundas modificações nos modos de vida e nos valores que os orientam. A ocupação desordenada do solo produziu cidades não planejadas que se espraiaram pelas mais diferentes áreas, principalmente naquelas onde havia alguma possibilidade de tirar o sustento da família. A conseqüência mais visível, no decorrer dos anos, dessa forma de ocupação do solo é a degradação do meio ambiente e das condições de vida nas cidades.

A violência torna-se, doravante, companheira indesejável da população de todos os níveis sociais. O que a distingue, nesse caso, são as formas de se proteger desse tormento. As pessoas de classe média e alta, por exemplo, buscam a segurança a todo custo, cercam os locais de moradia com altos muros, contratam milícias privadas. Nem sempre se consegue o resultado desejado.

O medo, aliado ao estresse decorrente de todas as tensões da vida cotidiana, inclusive do trabalho, impede que muitos cidadãos freqüentem com tranqüilidade os espaços públicos, lugares propícios ao desenvolvimento da sociabilidade, sobretudo nos momentos de lazer. Daí a busca de alternativas, como o espaço de segunda residência, neste estudo configurado como meio rural.

CAPÍTULO 2: Distinção social: gosto, *habitus* e estilo de vida

Distinção social e sociabilidade são os dois principais conceitos que dão embasamento a esta investigação. Conceitos aparentemente antagônicos uma vez que a distinção indica diferença e, muitas vezes, separação, enquanto a sociabilidade pressupõe contatos, comunicação e, até mesmo, identificação e comunhão.

É na perspectiva de Pierre Bourdieu que a distinção social é abordada, enquanto é, sobretudo, com Simmel que se desenvolve o conceito de sociabilidade no capítulo 3. Embora seguindo orientações diferenciadas, os teóricos convergem ao colocarem as relações sociais no centro das “intervenções sociológicas” (Cf. CORCUFF, 2005), tematizadas por meio de conceitos diferentes: na teoria de Bourdieu, trata-se da noção de “campo” como sistema de relações, enquanto que Simmel traz o conceito de “ação recíproca”.

2.1. A distinção social como diferença

Pode-se dizer que distinção significa diferença. Entre elementos iguais ou, em semelhantes, aquilo que é diferente se sobressai e, portanto, distingue-se dos demais. Através do processo de socialização que se desenvolve tanto na família quanto nas instituições escolares, apreende-se os padrões básicos, as regras mais gerais de convivência em sociedade. Também as indústrias culturais, de acordo com Ortiz (2000), tornam – se instâncias de socialização, as quais, pela abrangência que possuem, disseminam sem grandes entraves, gostos, maneiras de pensar, concepções de vida que se enraízam nos hábitos populares. Segundo o mesmo autor, “as indústrias culturais introduzem ainda novos estilos de vida, o que

significa a emergência de novos padrões de sociabilidade e de legitimidade cultural” (*ibidem*, p.93).

Sabe-se, entretanto, que os estilos de vida são distintos e distintivos uma vez que estão atrelados aos gostos, como se aborda a seguir.

2.1.2. Gosto e estilo de vida

Em “*La distinction: critique sociale du jugement*”, Bourdieu (1979/2002, p.59) afirma que “o gosto está no princípio de tudo o que se tem – pessoas e coisas - e de tudo o que se é para os outros, daquilo pelo qual se é classificado ou se classifica”. Ele é definido como uma propensão e uma atitude de apropriação (material e/ou simbólica) de uma classe determinada de objetos ou das práticas classificadas e classificantes. Ou seja, o gosto é também uma prática que permite que o indivíduo perceba seu lugar e o lugar dos outros na ordem social. É, também, considerado como o princípio do estilo de vida que se traduz em um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem na lógica específica de cada subespaço simbólico – móveis, roupas, linguagem ou *hexis* corporal - a mesma intenção expressiva. Para o autor, o gosto une e separa; sendo produto de condições associadas a uma classe particular de condições de existência, congrega todos aqueles que são produto de condições semelhantes [...].

As práticas dos agentes, por sua vez, estão associadas à aprendizagem do que Bourdieu chama de “cultura legítima” que acontece no seio familiar ou, de uma forma mais específica, na escola; decorrem também da existência de condições de vida que passam bem longe da necessidade econômica. Por isso, o verdadeiro princípio das diferenças que se observa no

domínio do consumo está na oposição entre gosto de luxo (ou de liberdade), e gosto de necessidade. O primeiro, é próprio dos indivíduos que são o produto de condições materiais de existência que se caracterizam pelo distanciamento de uma situação de necessidade, pela liberdade, ou pelas facilidades asseguradas pela posse de um capital; o segundo tipo de gosto, exprime as necessidades vivenciadas pelos indivíduos. O que significa dizer que “o gosto de necessidade leva a um estilo de vida que só pode ser definido pela relação de privação que mantém em relação a outros estilos de vida, sendo claramente perceptível nos padrões de consumo da classe de menor poder aquisitivo, refletindo-se, inclusive, no uso do seu tempo livre”(BOURDIEU, 1979/2002, p.200).

É importante salientar que Bourdieu vincula o gosto ao *habitus*, conceito central na sua teoria. O *habitus* é, na teoria bourdieusiana,

ao mesmo tempo, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e sistema de classificação (*principium divisionis*) destas práticas. É na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, capacidade de produzir as práticas e as obras classificáveis, e capacidade de diferenciar e apreciar essas práticas e esses produtos (o gosto), que se constitui o mundo social representado, isto é, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 1979/2002, p.190).

Portanto, “o gosto é o operador prático da transmutação das coisas em signos distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas” (*idem*, p.190); ele permite chegar às diferenças inscritas na ordem física dos corpos que passam a integrar a ordem simbólica das distinções significantes, a partir do momento em que são apropriadas por uma classe que faz das práticas classificantes, a expressão simbólica de sua posição no espaço social. No caso específico do presente estudo, o que se percebe é que, embora não se busque

explicitamente a distinção, ela existe, a partir do momento em que os proprietários de segunda residência não são guiados pelo que Bourdieu denomina de “gosto de necessidade”.

Segundo o autor (1979/2002, p.192), “[...] os estilos de vida são assim os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos na sua relação mútua segundo os esquemas do *habitus*, tornam-se esquemas de signos socialmente qualificados (como distintos, vulgares, etc.)”.

É pertinente afirmar ainda que o estilo de vida é fruto de escolhas que têm um sentido. Elas são exigência e consequência da modernidade que oferece ao indivíduo uma enorme variedade de opções diante das quais ele deve se posicionar. Tais escolhas influenciam não só a forma de agir, mas também de ser. Ter um estilo de vida significa possuir um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça [...] porque dá forma material a uma narrativa particular de auto - identidade (Cf. GIDDENS, 2002), dando um indicativo de quem ele é.

No caso específico da segunda residência em Gravatá, as pessoas mudam a rotina e passam a ter algo mais que lhes traz satisfação e realização pessoal. O fato de possuir um imóvel que lhes permite relaxar, ter tranquilidade, reunir a família, indica um estilo de vida que já não é permitido nos centros urbanos, nem é acessível a todos.

Para Bourdieu (1983, p.87-88), na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna, cada vez mais, o produto de uma “estilização da vida”, decisão sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas como a escolha de um vinho e de um queijo, ou a decoração de uma casa de campo.

O processo de seleção ou criação de estilos de vida é influenciado por pressões de grupo e pela visibilidade de modelos, assim como pelas circunstâncias socioeconômicas. Isso

é, certamente, o que ocorre com as pessoas que possuem uma segunda residência em localidades como Gravatá. Dentro de grupos de amizade, através dos membros da família, no ambiente de trabalho, ou mesmo, através da mídia, as pessoas podem conhecer o estilo de vida que é possível ter ali.

É importante ressaltar que o “estilo Gravatá” exige capital econômico e social específicos, assim como um gosto particular e delimitado socialmente. Possuir uma segunda residência em Gravatá é um símbolo de *status*: por isso, é um “modelo” de estilo a ser seguido. Há, portanto, a busca pelos entrevistados de um enquadramento social a partir do gosto e do estilo.

Parafrazeando Feathersthone (1975, p.123), pode-se dizer que essas pessoas

transformam o estilo de vida num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências e disposições corporais destinados a compor um estilo de vida.

Como destaca Bourdieu, (1979/2002, p.80) variações de estilo de vida entre grupos também são características elementares que estruturam a estratificação e, não apenas, “resultados” de diferenças de classe no reino da produção.

Tanto a definição do gosto quanto a escolha por um certo estilo de vida, devem ser imputados ao *habitus*, que, segundo Bourdieu (1987/2004, p.131), “é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, sendo produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe [...]”. É o social incorporado ao longo da história podendo, portanto, mudar e evoluir quando as situações assim exigirem.

Essa idéia explica, por exemplo, a busca de grande parte dos entrevistados pelo interior, pelo contato maior com a natureza.

Eu nasci em área rural, numa fazenda [...]. E há uma tendência muito grande de as pessoas que conheceram o interior de procurar retornar [...]. E eu não fugi à regra (entrevistado 20).

Ter uma segunda residência é, muitas vezes, um costume familiar, da geração anterior que, internalizado pelo processo de socialização predispõe os indivíduos a agirem de acordo com as experiências vivenciadas no passado, como atestam os fragmentos de entrevistas descritos a seguir.

De início por ter uma grande ligação, por ter tido uma convivência muito forte na infância, pelo fato de meu avô ter tido casa lá [...]. Aí quando eu casei, tive oportunidade de comprar novamente outra casa no mesmo ambiente, voltei e tentei proporcionar às minhas filhas o que eu tive [...] (entrevistada n.35).

Isso é um pensamento antigo. Quando meus filhos tinham 10, 12 anos, a gente costumava ir a Garanhuns, porque naquela época Gravatá só existia de passagem. Garanhuns é que era o pólo de lazer, a Suíça Pernambucana. E a gente ia muito a Garanhuns, com meu sogro, minha sogra e os meninos (entrevistado n.30).

“O *habitus* , como sistema de disposições para a prática, é um fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas [...]” (BOURDIEU, 1990/2004, p.98). São as condições de existência que condicionam *habitus* diferentes que geram distintas práticas e percepções – gostos – que dão como resultados estilos de vida distintivos. Isso leva Bourdieu a dizer que “a identidade social se define e se afirma na diferença”; diferença com respeito aos membros de outras classes e semelhanças com os membros de sua classe e de

todas as ações – práticas – entre si. Dessa forma o *habitus* está na origem do comportamento das pessoas e, portanto, de suas práticas.

Essas práticas, mesmo que não sejam intencionalmente realizadas com a finalidade de serem diferentes ou, de serem percebidas como tal, são aprovadas como signos de distinção, constituindo estilos de vida que fazem parte daquilo que Weber denomina “estilização da vida”. Max Weber (1977, p.77) explica que, “toda estilização da vida ou se origina em grupos de *status*, ou é pelo menos mantida por eles”.⁸

Cumprindo ainda ressaltar com Bourdieu (1979/2002, p.193) que

as práticas de um mesmo agente e mais amplamente as práticas de todos os agentes de uma mesma classe, devem a afinidade de estilo que faz de cada uma delas uma metáfora de não importa qual entre outros, ao fato de que elas são o produto de transferências de um campo a outro dos mesmos esquemas de ação.

O exemplo a seguir, ilustra bem como um agente transfere suas práticas de um campo a outro, uma vez que elas são resultantes do *habitus*.

[...] eu tenho que dividir cama, mesa [...]. Quando compro um lençol ou toalhas, talheres, pratos, eletrodomésticos, e até outro dia, quando eu fui comprar aqui, de um rapaz de Poção, uns bordados, e aí eu já tinha pensado de comprar um conjunto de banheiro pra meu apartamento daqui. Mas tinha uma toalhinha, que era barata assim, pra uma mesa menor e eu comprei pra Gravatá. Então, [...] tem essa coisa prática, doméstica, de dividir, os panos, os objetos, é pra aqui, é pra lá [...] (entrevistada n.5).

O que se percebe no depoimento da entrevistada é que o estilo de vida urbano é, em certa medida, transferido para a segunda residência no campo. Isso pode ser percebido através da organização da casa, da roupa, a escolha dos alimentos, a limpeza, a higiene, características

⁸ Os grupos de *status* são estratificados de acordo com os princípios de seu consumo de bens, tal como é representado por ‘estilos de vida especiais’.

do modo de vida urbano dessas famílias de classe média que foram entrevistadas. Portanto, pode-se dizer que o estilo de vida rural, que se busca através da posse de uma segunda residência em Gravatá, é muito mais simbólico que real.

2.1.3. *O habitus*

O homem é um ser social. Essa assertiva é inquestionável e constitui-se na sociologia, um dos primeiros aprendizados. Entretanto, é preciso que o homem aprenda a viver em sociedade, que aprenda a relacionar-se, que assimile as normas, os valores e as crenças que permeiam a sociedade em que vive. Tal aprendizagem se dá no processo de socialização, que começa na vivência em família, continua na escola, estendendo-se por toda a vida. Essa é a concepção tradicional que se tem sobre como o ser humano se integra à vida social.

Bourdieu (1972, p.175) faz uma abordagem diferente desse processo ao recuperar o conceito de *habitus* utilizado pela escolástica que o concebia como um *modus operandi*, ou seja, como disposição estável para se operar numa determinada direção. Enfatizava-se, portanto, um aprendizado passado, que através da repetição criava uma “certa conaturabilidade entre sujeito e objeto no sentido de que o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem” (ORTIZ, 1983, p.14) garantindo dessa forma a realização da ação considerada.

No conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu, a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade se dá através da interiorização, pelos indivíduos, de valores, normas e princípios sociais. O *habitus* passa, então, a ser enunciado como:

sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios

geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro(citado por INDA, 2001, p.25).

A palavra disposição é um termo – chave na teoria de Bourdieu, uma vez que permite pensar o hábito com um significado diferente da idéia de repetição de uma experiência passada, ou rotina. De forma mais dinâmica, indica “*capability*” e “*reability*”. A idéia de disposição dá, sobretudo, um indicativo de que o processo de socialização predispõe os indivíduos a agirem de acordo com as experiências internalizadas no passado, embora, de forma alguma as determine.

Como exemplos, pode-se citar alguns trechos das respostas dadas nas entrevistas realizadas com proprietários de segunda residência:

Uma casa [...] significa um resgate de uma vida mais tranqüila, de você poder [...] retomar algumas coisas que eu já tive na vida [...] conversar com vizinhos, de os vizinhos irem na sua casa sem avisar, e filho, e chega um e chega outro para almoçar, vamos dizer assim, uma vida sem muita formalidade (entrevistada n.1).

Eu tenho minha horta, porque sempre fui fascinada por horta. Quando era criança era uma coisa que eu sempre tinha no quintal, eu sempre queria ter horta. Depois, morando em apartamento eu não pude ter mais, mas lá eu reservo um lugarzinho pra ter minhas coisas, porque eu gosto (entrevistada n.3).

Eu nasci e fui criada em cidade pequena, em casa que tinha quintal, quase um sítio [...]. Preferi comprar um lote particular, porque eu queria ter independência e criar bichos [...]. Então, eu tenho uma casa relativamente simples, mas com conforto necessário e um quintal, que eu acho assim uma coisa maravilhosa [...]. Chegar e olhar as árvores crescendo, os bichos [...] (entrevistada n.13).

Os entrevistados ao fazerem um corte no tempo, referindo - se a momentos distintos de suas vidas indicam alguns hábitos que foram interrompidos no meio urbano como: conversar com os vizinhos; a informalidade e a descontração presentes no relacionamento com as pessoas com quem conviveram na rua onde moravam; o hábito de ter uma horta, de cuidar das plantas, de criar animais. Há uma certa nostalgia na referência ao passado. Com o decorrer dos anos, a vida na cidade torna -se cada vez menos segura e mais dispendiosa. Morar em uma casa requer uma série de cuidados e despesas com empregados domésticos e segurança, que em um apartamento podem ser reduzidas.

Também é pertinente ressaltar que a alta frequência do verbo “ter” nas entrevistas dá um indicativo da perda do capital socioeconômico e de um estilo de vida mais elevado em um período de vida na cidade. Evidencia pressões que essa camada social vivencia no meio urbano e que vão contra um *habitus* de classe que se tenta recuperar com a segunda residência.

Pode-se, portanto, dizer que o *habitus*, enquanto sistema de disposições duradouras, faz parte do processo de socialização; isso porque, enquanto estrutura estruturada, o *habitus* é um produto social (ACCARDO, 1991, p.88, *apud* INDA, p.26), uma vez que, o conjunto de disposições para agir, pensar e perceber, não é inato, mas adquirido socialmente - segundo a posição que os agentes ocupam no sistema - sendo produto da trajetória social dos indivíduos. É, por conseguinte, o produto das estruturas do entorno físico e afetivo, da família e da escola, das condições materiais de existência e de classe (estruturas estruturadas). Citando Bourdieu, Inda complementa que o *habitus* funciona como um capital genético que foi incorporado socialmente, [...] sendo nele e através dele que se traduz no indivíduo, o coletivo. Bourdieu (1980a, p.91) diz textualmente que o *habitus* é “uma subjetividade socializada” [...] que produz um mundo com sentido comum. Enquanto estrutura estruturante, o *habitus* é um

produtor social que pode ser definido como “um operador de cálculo inconsciente que permite que nos orientemos corretamente no espaço social sem necessidade de reflexão” (ACCARDO, 1991, p.132).

Nessa perspectiva, o *habitus* é também concebido como um sistema de competências sociais que implica, por um lado, em uma capacidade prática de ação e, por outro, em um reconhecimento social para exercê-la. (INDA, 2001, p.27). Essa dimensão “disposicional” do *habitus* pode ser decomposta, portanto, numa dimensão praxiológica -sentido de orientação social - e numa dimensão afetiva - aspirações, gostos, etc. (Cf. PINTO, 2000, p.39).

O *habitus* é, ainda, traduzido ou entendido como maneira ou disposição que o corpo interioriza e assume, e que se expressa na maneira de ser. Não é, portanto, um conceito abstrato, mas é parte da conduta - o modo de conduzir a vida - do indivíduo, traduzido tanto em disposições corporais, posturas, interiorizadas pelo indivíduo ao longo de sua história, a *hexis*, quanto em atitudes ou apreciações morais, o *ethos*, que nomeia os princípios ou valores em estado prático. Portanto, a *hexis* e o *ethos* são dois componentes do *habitus* (Cf. INDA, *op.cit.*) que, por sua vez, é “simultaneamente a grade de leitura pela qual percebemos e julgamos a realidade e o produtor de nossas práticas” (BONNEWITZ, 2003, p.78).

É importante assinalar que os gostos dos agentes, seus esquemas de percepção e de apreciação variam, portanto, de acordo com seu *habitus*; ressalte-se, ainda, que a influência do *habitus* primário é fundamental nesse processo no qual a família desempenha um papel preponderante ao transmitir para as crianças os esquemas de ação e percepção decorrentes de sua posição no espaço social. De modo geral, a educação transmitida pela família está ligada à posição de classe: portanto, classes diferentes adquirem disposições diferentes. Os *habitus*

secundários, entre os quais o *habitus* escolar reveste-se de importância singular, constroem-se sobre o tecido do *habitus* primário, geralmente, reforçando-o.

O fato de o *habitus* ser produto tanto da experiência passada quanto da aquisição de novas experiências é indicativo de que, como diz Accardo, (*apud* INDA, 2001, p.30), “o *habitus* é uma estrutura interna permanentemente em vias de reestruturação”. Um exemplo da importância do *habitus* primário está na constatação de que as famílias dão grande importância à educação. O fato de a vida moderna não permitir, muitas vezes, que pais e filhos tenham um contato muito próximo durante a semana devido aos compromissos profissionais, tanto do homem quanto da mulher, faz com que essas pessoas de classe média busquem formas de intensificar e qualificar esses contatos, de reunir a família.

[...] a relação com os filhos fica mais próxima, porque você vai lá cuidar de uma planta, como na semana passada e ela vai lá com um saquinho plástico atrás pra lhe ajudar. Aquela casa está proporcionando isso. Minha mãe passa a semana sem falar comigo, mas na quinta ela liga e “Vai amanhã pra Gravata?” Então junta muito e a casa ficou de um jeito que agrega porque a gente ta sempre junto ou ta todo mundo na sala, ou no terraço conversando (entrevistada n.17).

O exemplo citado permite inferir, nesse caso, que o *habitus* passa por reestruturação. As práticas da vida familiar não são totalmente determinadas, uma vez que há sempre a possibilidade de os agentes fazerem escolhas, embora orientadas pelo *habitus*.

O *habitus* reflete, também, as divisões objetivas na estrutura de classes, como os grupos de idade, os gêneros e as classes sociais. Bourdieu refere-se ao *habitus* de classe (1980a, p.100 - 101; 1979, p.112 e 512) como sendo o produto de uma “classe de condições de existência e condicionamentos idênticos ou semelhantes” que está ligado à compreensão da classe social como “uma classe de indivíduos biológicos dotados do mesmo *habitus*, como sistema de disposições comuns a todos os produtos dos mesmos condicionamentos”; o *habitus*

de classe é, ao fim e ao cabo “o *habitus* individual na medida em que expressa ou reflete a classe (ou o grupo) como um sistema subjetivo, mas não individual de estruturas interiorizadas, esquemas comuns de percepção” que explica precisamente a harmonização espontânea das práticas dos agentes pertencentes a uma mesma categoria social. Em suma, o *habitus* de classe é “a classe incorporada” o que quer dizer, também, que para definir, o melhor dizendo, para construir a classe social é necessário recorrer ao *habitus* em que esta se objetiva (ao mesmo tempo em que paradoxalmente se subjetiva) (INDA, 2001, p.30). Da existência desse sistema de disposições de classe é que nasce a coerência e a unidade das diferentes práticas dos agentes.⁹

O melhor exemplo de disposição é, sem dúvida, o sentido do jogo: o jogador tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que deve fazer (BOURDIEU, 1996).

Ou seja, as condutas ou posturas que os agentes assumem diante das diversas situações em que se encontram não precisam ser explicadas a cada momento, porque foram interiorizadas e são exteriorizadas nas práticas. Isso faz com que se tenha a impressão de que as ações decorrem, necessariamente, de uma estratégia consciente e que por isso elas se ajustam e têm chances maiores de dar certo. Para Bourdieu, a justificativa para tal fato está em que o *habitus* gera práticas ajustadas ao presente, tornando-se eficiente quando existem

⁹ Bourdieu (1980^a, p.101) explica que ele não se refere a uma homogeneidade total das práticas dos agentes, já que se trata de uma “relação de homologia, quer dizer, de diversidade na homogeneidade que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção, que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma mesma classe”; de maneira que a história dos indivíduos se inscreve na história de seu grupo ou de sua classe e cada sistema de disposições individual, os diferentes *habitus* individuais, “são uma variante estrutural dos outros, nos quais se expressa a singularidade da posição no interior da classe e da trajetória” social, quer dizer, uma variante do *habitus* de classe ou fração de classe.

condições para tal, ou seja, ao encontrar condições idênticas ou análogas àquelas das quais ele é produto.

Portanto, sendo produto de relações de classe, na segunda residência em Gravatá realiza-se a possibilidade de os hábitos internalizados serem ativados sem conflitos na convivência do lazer, uma vez que existem condições para isso. Dito de outra forma, a segunda residência pode ser interpretada como a atualização do *habitus* da classe média e da classe média – alta.

2.1.3.1. *Habitus* e investimento econômico

Como diz Bourdieu (2004, p.130-131) “a maior parte das ações é objetivamente econômica sem ser econômica subjetivamente, sem ser produto de um cálculo econômico racional. Elas são produto do encontro entre um *habitus* e um campo, ou seja, entre duas histórias mais ou menos ajustadas integralmente [...]”. As diferentes classes de sistema de preferências correspondem a classes de condições de existência, logo, de condicionamentos econômicos e sociais que impõem esquemas de percepção, apreciação e ação diferentes. Pode-se, portanto, dizer que a ação de possuir um patrimônio em Gravatá é resultante de um encontro entre um *habitus* e um campo, levando – se em consideração as preferências dos agentes no que se refere à localização, à vizinhança, etc.

Lá, além de ser uma opção pra passeio, pra descanso, foi um investimento pela casa. É um patrimônio. E Gravatá é uma cidade que ta crescendo muito, ta se valorizando muito depois da Br, então foi uma oportunidade que a gente conseguiu [...] associar as duas coisas (entrevistada n.4).

Diz Bourdieu (2004, p. 131-132) que

Os *habitus* individuais são produto da interseção de séries causais parcialmente independentes. Percebe-se que o sujeito não é o *ego* instantâneo de uma espécie de *cogito* singular, mas o traço individual de toda uma história coletiva. Além disso, a maior parte das estratégias econômicas de alguma importância [...], como a compra de um bem imobiliário em nossas sociedades, são produto de uma deliberação coletiva em que podem estar refletidas as relações de força entre as partes interessadas (os cônjuges, por exemplo) e, através deles, entre os grupos em confronto (as linhagens de origem dos cônjuges ou os grupos definidos pelo capital econômico, cultural e social que cada um deles detém).

Portanto, o *habitus* produz práticas diferenciadas e diferenciadoras. Entretanto, essas diferenças só podem ser percebidas pelos agentes que possuem o código¹⁰, ou seja, os esquemas classificatórios necessários para entender seu sentido social. Para que o agente possa reconhecer o que Bourdieu chamou de *sense of one's place*, mas também um *sense of other's place*, é preciso:

- a) em primeiro lugar, que o gosto (ou o *habitus*) enquanto sistema de classificação, esteja objetivamente referido a uma condição social. Nesse contexto, pode-se dizer que as pessoas estão se distinguindo, se auto classificando ao fazerem as escolhas em conformidade com seus gostos: da segunda residência, dos amigos, do lazer etc;
- b) é, também, necessário que os agentes, pelo processo de socialização, sejam capazes de perceber a relação entre as práticas ou as representações e as posições no espaço social. Ou seja, a escolha de bens e serviços disponíveis em determinado espaço, tem uma relação de homologia em face à posição que se ocupa no espaço social. Isso pode ser percebido

¹⁰ O código é aquilo que faz com que diferentes agentes estejam de acordo sobre fórmulas universais, porque formais - no duplo sentido do formal inglês, ou seja, oficial, público e do formal francês, ou seja, relativo à forma (BOURDIEU, 2004, p.85).

através das falas da grande maioria dos entrevistados possuidores de uma segunda residência, que fazem um juízo classificatório relativo à situação na hierarquia social de si, e dos que possuem uma segunda residência na mesma área que a sua, a partir da profissão exercida.

Assim, o *habitus* permite o acesso a um mundo do senso comum, um mundo social que parece evidente (BOURDIEU, 2004).

Há uma tendência a deduzir, tendo em vista o que foi até agora explanado, que as relações entre as práticas e as posições sociais ou entre os gostos e as práticas se fazem de forma mecânica, quase que automática. Bourdieu refuta esse tipo de raciocínio e chama atenção para o perigo de se fazer uma leitura que denomina de “substancialista” do quadro teórico por ele elaborado e que aparece em sua vasta obra, particularmente em *La distinction*. Esse tipo de visão considera cada prática em si mesma e por si mesma, desvinculando-a da posição que o agente ocupa no espaço social e da situação de oferta de bens e práticas possíveis.

Portanto, a relação de homologia existente entre um conjunto de atividades ou de bens depende do conjunto de posições ocupadas no espaço social em um determinado momento da sociedade. É essa relação que vai identificar a presença ou não de práticas e/ou de bens que sejam signos de distinção social.

O próprio Bourdieu (1996, p.18) assinala que aquilo que comumente se chama de distinção [...] “é de fato diferença, separação, traço distintivo, resumindo, propriedade relacional que só existe em relação a outras propriedades”. Para o autor, as pessoas não buscam necessariamente a distinção. No entanto, todo consumo e toda prática passam a funcionar como signos distintivos, quando se tem uma diferença reconhecida, legítima,

aprovada como signo de distinção (Cf. BOURDIEU, 1984). Ou, como diz Featherstone (1995), “as diferenças precisam ser reconhecidas e legitimadas socialmente”.

As casas lá são mais ou menos o mesmo padrão, né, as casas, tem algumas bem maiores, [...] mas, têm o mesmo acabamento, ou seja maçaranduba, o tijolo é o tijolo aparente, quer dizer, existe um padrão de construção que é semelhante. Agora, a gente escolheu este ponto do terreno e foi feita com muito carinho ela ficou de esquina e tem um recuo maior, porque são três lotes maiores, então ele é o segundo maior lote e assim, foi muito bem vista no condomínio, porque ficou uma casa muito charmosa [...]. Então o pessoal queria correr, todo mundo se agradava (entrevistada n.6).

Possuir uma segunda residência em Gravatá é sem dúvida inscrever-se no rol das pessoas que têm um lugar seu para ir quando querem e com quem querem. Um lugar que tem e dá visibilidade às pessoas que o escolhem. Que exige um aporte de capital econômico que permite ao agente igualar-se aos seus pares ou mesmo distinguir-se deles.

2.1.4 O espaço social

O espaço social é concebido como um espaço multidimensional de posições que constituem um conjunto de relações ou um sistema de posições sociais que se definem umas em relação às outras. Para Bourdieu (2001), o espaço social pode ser construído empiricamente, descobrindo-se os principais fatores de diferenciação que explicam as diferenças observadas em um determinado universo social, ou seja, identificando as formas de capital que podem ser mais eficientes na apropriação dos bens escassos. O espaço social define, ainda, proximidades e afinidades, afastamentos e incompatibilidades; nele, as distâncias se medem em quantidade de capital (Cf. BOURDIEU, 2004). É nesse espaço que os agentes se distribuem segundo o volume de capital global que possuem e a composição do seu

capital 11, sendo a posse do capital econômico e do capital cultural, os dois princípios de diferenciação que mais se destacam, principalmente nas sociedades de maior grau de desenvolvimento. Pode-se dizer, então, que os agentes têm tanto mais em comum, inclusive o gosto, quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões e tanto menos, quanto mais distantes estejam nelas. Em decorrência, esse ordenamento no espaço social reproduz-se no espaço físico sob a forma de um certo arranjo de agentes e de propriedades.

Os agentes sociais, bem como as coisas por ele apropriadas, logo constituídas como propriedades, encontram-se situados em um lugar do espaço social, lugar distinto e distintivo que pode ser caracterizado pela posição relativa que ocupa em relação a outros lugares (acima, abaixo, entre, etc.) e pela distância (por vezes dita “respeitosa”) [...] que o separa deles (BOURDIEU, 2001, p.164).

Parece coerente, pois, afirmar que as divisões e distinções do espaço social se retraduzem no espaço físico de Gravatá, sob a forma de um arranjo de agentes e propriedades nas residências secundárias.

“A proximidade no espaço físico permite que a proximidade no espaço social produza todos os seus efeitos ao facilitar e favorecer a acumulação de capital social” (*idem*, 2002, p.84) que se expressa na forma de relações e ligações entre indivíduos ou grupos.

É ilustrativo a esse respeito o depoimento de um entrevistado ao referir-se ao condomínio no qual possui uma segunda residência:

O condomínio com casas boas, o relacionamento também muito bom, a vizinhança boa [...]. Conhecemos novas pessoas, ampliamos o círculo de amizades.[...] Predomina pessoas de classe média e classe média alta. São

¹¹ Na teoria de Bourdieu, o capital recebe as denominações de capital econômico, ligado à posse de riquezas; capital cultural decorrente da relação do indivíduo com a cultura erudita, a vida das artes e a cultura escolar; e de capital social, significando a densa rede de relações, essenciais para a alta sociedade. Qualquer um dentre os diversos tipos de capital pode se transformar em capital simbólico.

peças com situação financeira definida, com formação superior (entrevistado n. 27).

O fragmento da entrevista citada, juntamente com outros depoimentos coletados, permite inferir que, ao se escolher o espaço físico, indiretamente, se escolhe também as pessoas com as quais se conviverá. Essa ação, ao buscar uma certa homogeneidade do espaço social, reforça as diferenças e, também, é símbolo de distinção social.

2.1.5. O capital social

O primeiro uso conhecido do termo capital social é de *Lyda Judson Hanifan*, em 1916, para descrever centros escolares comunitários. O termo foi usado, também, na obra clássica de Jane Jacob *The death and life of great american cities*, na década de 1960, na qual explica que as densas redes sociais existentes em bairros antigos e de uso misto constituem uma forma de capital social que estimula a segurança pública (Cf. FUKUYAMA, 2002, p. 157-158).

Pode-se dizer, no entanto, que é relativamente recente o interesse que gira em torno do “capital social”, relacionando-o, sobretudo, ao desenvolvimento econômico e social.

Para James Coleman (1990) o capital social se apresenta tanto no plano individual – abrangendo o grau de integração social de um indivíduo, sua rede de contatos sociais, de relações, as expectativas de reciprocidade aí geradas, quanto se aplica ao coletivo. A esse respeito, diz Kliksberg: (2003, p.117):“ se todos numa vizinhança seguem normas tácitas de zelar pelo outro e de não agressão, as crianças poderão caminhar até a escola com segurança, e o capital social estará produzindo ordem pública”.

Kliksberg (*ibidem*) refere-se, ainda, a Kennet Newton para quem

o capital social pode ser visto como fenômeno subjetivo composto de valores e atitudes que influenciam como as pessoas se relacionam entre si. Inclui confiança, normas de reciprocidade, atitudes e valores que auxiliam as pessoas a transcender relações conflituosas e competitivas.

Ressalte-se que, dentre os estudos sistemáticos sobre o tema, a abordagem de Bourdieu foi identificada por Portes (1998) como a primeira análise sistemática do capital social.

Para Pierre Bourdieu (1980, 2001 a), esse tipo de capital é constituído pela totalidade dos recursos potenciais ou atuais, associados à posse de uma rede duradoura de relações, mais ou menos institucionalizada, de conhecimento e reconhecimento mútuos. Dito de outra forma, “trata-se aqui da totalidade de recursos baseados no pertencimento a um grupo cujas relações só podem existir sobre a base de relações de intercâmbio materiais e/ou simbólicas” (*ibidem*, p.149) que podem ser institucionalizadas e reconhecidas socialmente, através da adoção de um nome comum, por exemplo, que indique o fato de pertencer a uma família importante, a uma classe, etc.

O volume de capital social possuído por um indivíduo dependerá, tanto da extensão da rede de conexões que ele possa efetivamente estabelecer, quanto do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por aqueles com quem se relaciona. Ou seja, o capital social está intimamente ligado ao capital econômico e cultural, não apenas de um indivíduo, mas da totalidade de indivíduos relacionados com ele, sendo capaz de exercer um efeito multiplicador sobre o capital efetivamente disponível.

Portanto, quanto maior for o capital social, mais amplos serão os benefícios que o indivíduo poderá auferir, sejam eles materiais ou simbólicos, como os decorrentes do pertencimento a um grupo de prestígio. Porém, “isso não significa que esses benefícios sejam perseguidos conscientemente, nem sequer no caso de grupos que, como os clubes exclusivos,

estão abertamente encaminhados a concentrar capital social e a explorar o efeito multiplicador que resulta dessa concentração” (BOURDIEU, 2001a, p. 151).

O autor chama a atenção para o fato de que não se pode conceber a existência de uma rede de relações como um “fenômeno” natural, nem social, estabelecido de uma vez para sempre mediante um ato original de institucionalização. Por isso, é preciso investir nessas relações para que elas se mantenham e se multipliquem. Nesse sentido, o trabalho de institucionalização é necessário para produzir, e reproduzir conexões úteis e duradouras, que assegurem o acesso a benefícios simbólicos ou materiais.

Como exemplo significativo no contexto desta investigação, é conveniente citar as reuniões com a família e os amigos na segunda residência, e o convite, sempre gentil, para que as pessoas entrem na casa, conheçam a decoração “que tem a nossa cara” e que fiquem à vontade, principalmente no terraço, espaço por excelência dos encontros. Pode-se dizer que essa é uma estratégia, não necessariamente consciente, oriunda da incorporação de um *habitus* e que tem um significado, envolve um simbolismo. “Fique à vontade, a casa é sua”, significa, também, dizer que aquele que chega está sendo convidado a participar do grupo no espaço privado da casa, lugar por essência da família.

Dito de outra forma, a rede de relações é produto de estratégias individuais ou coletivas de investimento, dirigidas consciente ou inconscientemente para o estabelecimento e a manutenção de relações sociais, que prometam, mais cedo ou mais tarde, um proveito imediato (BOURDIEU, 2001a, p.151).

Portanto, compõem o capital social não só o trabalho de relacionar-se, mas também, a disposição adquirida para manter essa competência específica.

Sabe-se, no entanto, que esse tipo de capital pode se tornar vulnerável e ser reduzido ou até mesmo destruído. Fuentes (1998, *apud* Kliksberg, p.121) analisa como em Chiapas, no México, as populações camponesas deslocadas, ao verem-se obrigadas a migrar, se descapitalizaram severamente em termos de capital social, visto que destruíram seus vínculos e inserções básicas. Pode-se dizer o mesmo da população nordestina obrigada, pelas circunstâncias sócio-econômicas, a se deslocar para os centros urbanos mais dinâmicos em busca de trabalho e de melhores condições de vida para suas famílias, deixando para trás uma rede de relações consolidada no cotidiano de luta pela sobrevivência.

2.1.6. *O campo social*

São as diversas espécies de capital - econômico, cultural, social, etc., que vão determinar a especificidade de cada campo. Segundo Inchausti (2001, p.14-5),

a noção de *campo social* que Bourdieu utiliza alude a um “espaço social específico” no qual essas relações se definem de acordo com um tipo especial de poder, o capital específico, possuído pelos agentes que entram em luta ou em competição, que “jogam” nesse espaço social. Ou seja, as posições dos agentes se definem historicamente de acordo com a sua situação atual e potencial na estrutura de distribuição das diferentes espécies de poder (o do capital), cuja posse condiciona o acesso a ganhos específicos que estão em jogo no campo e também por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia) [...].

É preciso enfatizar que “para construir o campo deve-se identificar as formas de capital específico que operam nele e para construir as formas de capital específico, deve-se conhecer o campo”. No caso do campo que a segunda residência em Gravatá evidencia, os agentes se distribuem segundo a posse do capital econômico que possuem, em primeiro lugar, mas também, do capital social. A posse do capital econômico determina, em geral, a localização da

residência, seu tamanho, os equipamentos que possui, etc. Uma vez inserido no campo, as relações vão se estabelecendo e se constituindo.

A seguir estão elencadas algumas das características (Cf. INDA, 2001) que Bourdieu atribui à sua noção de campo social.

Ao falar da estrutura de distribuição dos agentes no campo, Bourdieu leva em consideração não só a situação do agente, mas também sua trajetória social, que pode ser definida como uma série de posições ocupadas sucessivamente por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço e que sofre sucessivas transformações. São essas posições no campo que definem socialmente os agentes. Esse conjunto de relações entre posições sociais faz com que cada espaço social possa ser definido como um sistema de diferenças, no qual o “valor” de cada posição social não se define em si mesmo, mas se mede pela distância social que a separa das outras posições inferiores ou superiores. Também as leis, costumes, crenças, etc constituem formas de codificação e institucionalização através das quais se pode fazer com que as distâncias sociais sejam respeitadas.

O capital específico do campo é, por sua vez, condição de entrada em cada campo social e requisito para se jogar socialmente um jogo. As diferentes formas de capital podem ser convertidas. Por exemplo, a posse do capital econômico pode se transformar em capital cultural através dos títulos acadêmicos que conferem reconhecimento institucional a esse tipo de capital.

Todo campo assemelha-se a um mercado em que se produz e se negocia um capital específico (embora sem identificar capital apenas com recursos econômicos). Como mercado “*sui generis*”, o campo social é um espaço assimétrico de produção e distribuição do capital e um lugar de competência pelo seu monopólio.

Cada campo da atividade humana, enquanto microcosmo social, tem uma autonomia relativa em relação aos demais. Portanto, a autonomia é uma qualidade essencial à noção de campo social. Uma autonomia relativa e, portanto, também uma dependência relativa em relação aos outros campos sociais e a suas formas de poder - o capital - e com aqueles com quem vão manter relações e que, de alguma forma, determinam o valor específico de seus produtos.

Esse conflito leva à necessidade de se definir os limites do campo social. Tal problema não admite resposta *a priori* e deve sempre resolver-se na análise científica própria de cada campo mediante uma investigação empírica. Correndo o risco de ser tautológico, concebe-se o campo “como um espaço no qual se exerce um efeito de campo de forma que o que acontece com um objeto que atravessa esse espaço não pode ser explicado completamente apenas por suas propriedades intrínsecas”. A partir dessa perspectiva “os limites do campo se situam no ponto em que cessam os efeitos de campo” (Cf. BOURDIEU, 1992, *apud* INDA, 2001).

O campo é, ainda, o lugar onde o jogo se realiza. Para que o campo funcione, é preciso ter um interesse pelo jogo, um poder motivador que, por sua vez, é produzido no jogo e pela participação nesse mesmo jogo.

Diz Bourdieu (*apud* INDA *op.cit.*, p.22) que

as principais razões para se atuar têm suas raízes na *illusio*, isto é, na relação não reconhecida como tal, entre um campo de jogo e um *habitus*, como esse sentido do jogo que outorga ao jogo e a suas apostas seu poder determinante, ou melhor, motivador.

Em resumo, sociologicamente falando, não existem atos gratuitos; sempre se age a partir de um interesse [...]. Por isso, ser socialmente é ter interesse, é estar interessado, incorporado a um jogo (*ibidem*).

Qualquer uma destas formas de capital pode se transformar em capital simbólico, “na medida em que é representado, isto é, simbolicamente apreendido, em uma relação de conhecimento ou para ser mais exato, de reconhecimento e desconhecimento (*misrecognition*)” (BOURDIEU, 2001a, p.136). Pressupõe a intervenção do *habitus*, entendido como uma capacidade cognitiva socialmente constituída. Então, “o *habitus* implica não apenas um *sense of one’s place*, mas também um *sense of other’s place*” (BOURDIEU, 1987/2004, p.158). Ou seja, o fato de fazer um juízo classificatório do outro faz supor que o agente seja capaz de perceber a relação entre as práticas ou representações e a posição no espaço social.

A posse de uma segunda residência para lazer, certamente, pode ser interpretada como capital simbólico, ou conversão de capital econômico e capital social em capital simbólico, uma vez que dá visibilidade e reconhecimento social para o proprietário e sua família.

“Produto da transfiguração de uma relação de força em relação de sentido, o capital simbólico nos livra da insignificância, como ausência de importância e sentido” (BOURDIEU, 2001b, p.296). Diz ainda o autor que “ser conhecido e reconhecido também significa deter o poder de reconhecer, consagrar, dizer, com sucesso, o que merece ser conhecido e reconhecido [...]” (*ibidem*).

Gravatá, município onde se localizam as residências secundárias neste estudo - parece ser investida de valor simbólico por aqueles que a consagram como um lugar preñado de significados, assim como a casa e o condomínio.

Deve-se ressaltar que esses bens simbólicos cumprem a função de demarcar a posição social dos agentes, de distingui-los, por exemplo, daqueles que não têm acesso a tais bens que aparecem como símbolos de *status*, assim como o “automóvel trocado a cada ano ou a cada dois anos” foi, certamente, o símbolo de *status* mais significativo da nova classe média brasileira nos idos de 1970 (Cf. CARDOSO DE MELLO; NOVAIS, 1998, p.632).

A posse de uma segunda residência, ao se transformar em capital simbólico, cria ainda outros sentidos que se mostram significativos para os agentes, como o “lugar da família”, “dos amigos”, do fortalecimento de laços. É lá que é possível ter um convívio pleno desfrutado no tempo livre que se dispõe para se deslocar do meio urbano - local onde a vida é tensa e agitada - para Gravatá, onde se permanece durante alguns dias da semana e cuja ambiência, favorece o estabelecimento de relações mútuas mais intensas entre as pessoas que se gostam.

Esse é um símbolo de distinção social, também resultante da forma como essas pessoas se apropriam do espaço e do tempo, e da sua compressão resultante do processo de avanços tecnológicos.

A valorização do “estilo Gravatá” está inscrita no gosto, ele próprio considerado por Bourdieu (1979/2002) como princípio do estilo de vida que permite que escolhas sejam feitas sem prejuízo da satisfação de necessidades básicas, como é o caso de grande parcela da população brasileira cuja condição sócio-econômica apenas permite orientar-se pelo “gosto de necessidade” para utilizar a expressão de Pierre Bourdieu.

CAPÍTULO 3: A Sociabilidade norteando interpretações e caminhos

O “estilo Gravata” tem como valor primordial a sociabilidade, que também demarca a diferença. Isso porque, apesar de todos os meios disponíveis em termos de tecnologia – telefones fixos e móveis, fax, internet, etc.- no sentido de facilitar o convívio humano, o que se percebe é que, muitas vezes, as pessoas se fecham em casas, protegem-se em condomínios fechados, fogem dos espaços de convivência tradicionalmente constituídos nos centros urbanos. Por seu turno, diz Domingues (1999, p.37), “os laços de sociabilidade assumem características mais diversas tanto em termos de motivações dos indivíduos, quanto em função dos tipos de laço e dos objetivos que neles se estabelecem”.

Reduzem-se assim os espaços propícios à sociabilidade. Esta, por sua vez, se dá no processo contínuo de interação que durante grande parte da história da humanidade se fez, sobretudo, face a face.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, os padrões tradicionais de interação social foram afetados. Thompson (1998, p.78) distingue três formas ou tipos de interação que ele chama de “interação face a face”, “interação mediada” e “quase-interação mediada”. As interações face a face são aquelas que se fazem num “contexto de co-presença”: nesse caso, os atores estão presentes, e participam de um mesmo sistema de referência em relação ao espaço e ao tempo. Esse tipo de interação é reconhecido, ainda, por possuir um “caráter dialógico”, ou seja, a comunicação e a informação supõem um processo de ida e volta que se faz entre os produtores de mensagens e seus receptores; caracteriza-se, também, pelo fato de os seus participantes empregarem, normalmente, o que Thompson chama de “uma multiplicidade de deixas simbólicas” para transmitir mensagens e interpretar as que cada um

recebe do outro (*ibidem*). Nesse caso, as palavras podem vir seguidas de um sorriso, de uma piscadela, como sinal de cumplicidade, ou mesmo de uma mudança na entonação da voz.

As “interações mediadas” diferem das primeiras não só pelo fato de os participantes não compartilharem o mesmo referencial de espaço e de tempo, como também, porque neste tipo de interação o meio técnico se faz presente possibilitando a transmissão da informação e do conteúdo simbólico.

A “quase-interação mediada”, por sua vez, refere-se às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa. É a que mais se diferencia das duas anteriores, principalmente, por dois fatos: a) as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais; b) o fluxo de comunicação se dá, geralmente, em sentido único, ou seja, a quase-interação tem caráter monológico.

Ressalte-se que estes tipos de interação não se excluem mutuamente. Há casos em que muitas das interações que se desenvolvem no fluxo da vida diária, como diz o autor, podem envolver uma mistura de diferentes tipos de interação, o que ressalta o seu caráter híbrido.

Para Domingues (1999, p.21), a sociabilidade [...] é “o tipo de atitude manifestada pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais”, sendo a cidade o *locus* por excelência para a sua realização, embora reconheça que o campo constitui-se, também, como um espaço social específico, no qual emergem diferentes tipos de sociabilidade.

A preocupação e o interesse despertado por esse tema não é recente. Baechler (1995, p.65) refere-se ao pensamento de Gurvitch (1969) para quem a sociabilidade designa “o princípio das relações entre pessoas e a capacidade de estabelecer laços sociais” abrangendo a formação de grupos. Cita, também, Maurice Agulhon (1977) que define a sociabilidade como

sendo uma capacidade associativa através da qual, as pessoas encontram um meio de estabelecer relações amáveis com seus semelhantes. Daí decorre que o fenômeno mais típico da sociabilidade humana talvez seja a conversação.

É no início do século XX, em 1901, que Gabriel Tarde sublinha o lugar que a conversação ocupa na sociabilidade em geral e, no mundo moderno em particular, definindo-a como “todo e qualquer diálogo sem utilidade direta e imediata, em que muitas vezes se fala por falar, por prazer, por jogo, por delicadeza”. Ele percebe que, “apesar da diferença de conteúdo, as múltiplas ‘tagarelices’ contribuem para a harmonia social” (Cf. BALLE, 1995, p.562).

No entanto, pode-se dizer que é Simmel, em 1910, o sociólogo que mais direciona o foco no estudo da sociabilidade, no sentido restrito, destacando-se sua participação na primeira reunião (*meeting*) da *German Sociological Association* que aconteceu em Frankfurt naquele começo de século.

O nome de George Simmel está associado ao que se chamou escola formalística da sociologia. Para conhecer o formalismo que caracteriza a sociologia de Simmel,¹² é necessário levar em consideração o seu ponto de partida epistemológico. O autor toma emprestado de Kant a idéia de que o conhecimento consiste em conteúdo e forma. Para Kant, o conhecimento dado é desorganizado e confuso (ABRAHAM, 1973, p.211), sendo preciso lhe dar forma para que possa ter significado e lugar entre outros itens do conhecimento. Quando conhecido, ele não deve ser pensado apenas como um pedaço discreto do conhecimento, mas adicionado a outras partes do conhecimento já possuído.

¹² Para Lahire (2004, p. 319), “Simmel é mais um teórico social (o que em certa época chamávamos de ‘filósofo social’) do que um sociólogo que busca, por meio de pesquisas empíricas, encontrar a razão para determinados aspectos do mundo social [...]”.

Em outras palavras, o conhecimento empírico é um composto daquilo que se recebe das impressões e daquilo que a faculdade cognitiva do ser humano lhe adiciona. É necessário que esse conhecimento esteja inserido numa relação significativa com o conhecimento já possuído para ser transformado e, por sua vez, causar-lhe também seu próprio impacto. Uma analogia pode ser feita para uma melhor compreensão. Quando uma esposa entra para a família do marido, não é só um membro extra que lhe é adicionado; novas relações são estabelecidas, não somente entre o novo membro e o resto da família, mas também entre os membros da família entre si. O mesmo se aplica a todo novo conhecimento adquirido. Ele afeta e é afetado por todo conhecimento que se possui. É a mente que vai dar forma ao conteúdo que nos é dado pela experiência (ABRAHAM, 1973).

Para Simmel que aplicou esse esquema epistemológico à sociedade, não se pode entendê-la como uma entidade psíquica, independente da mente individual. Segundo o sociólogo, é preciso discernir em todo processo da sociedade um conteúdo e uma forma. Entretanto, deve-se lembrar que a forma, diferentemente da forma do conhecimento, é parte do processo societal. A realidade, portanto, não se encontra apenas na matéria, mas também, no que dá forma à matéria. Pode-se, pois, dizer que na concepção de Simmel, a sociedade é muito mais do que os indivíduos que a compõem: ela é uma unidade objetiva expressa nas relações recíprocas entre os elementos humanos que a integram (Cf. TIMASHEFF, 1971). Tais relações interativas são de diversas ordens, incluindo ações que fazem parte do cotidiano, como jantar juntos, olharem-se uns aos outros, a troca de cartas, entre diversas outras ações.

Tudo o que se manifesta nos indivíduos, lugares imediatos e concretos de toda realidade histórica, sob a forma de tendências, interesses, fins, inclinações, conformidade e mobilidade psíquica, a partir de que, ou a propósito do que eles exercem uma influência sobre

o outro, ou a recebem, ou seja, tudo aquilo que Simmel dá a denominação de conteúdo constitui, de certa maneira, a matéria da sociação (Cf. SIMMEL, 1991). No entanto, essas motivações que preenchem a existência, só fazem do indivíduo um ser social, quando estruturam a justaposição de indivíduos solitários em formas de existência comuns e solidárias, que façam valer o conceito geral de ação recíproca.

A sociação é, portanto, a forma segundo a qual os indivíduos, seguindo os interesses os mais diversos – sensíveis ou ideais, momentâneos ou duráveis, conscientes ou inconscientes [...] soldam-se em uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (*ibidem*, p.122).

O conceito de sociabilidade está, portanto, intimamente relacionado ao conceito de sociedade. Assevera-se, por isso, ilustrativo, apresentar um fragmento de texto escrito por Daniel Etounga-Manguelle (2002, p.123), no sentido de reforçar a idéia de que a sociabilidade está em relação direta com a cultura de um povo, com seus costumes, valores e tradições. Esse exemplo refere-se à cultura africana, de quem a sociedade brasileira assimilou inúmeros traços culturais. Diz o autor:

O africano trabalha para viver mas não vive para trabalhar. Ele demonstra uma tendência à festa que sugere que as sociedades africanas são estruturadas em torno da idéia de prazer. Tudo é pretexto para comemoração: nascimento, batismo, casamento, aniversário, promoção, eleição, volta de uma viagem, seja breve ou longa, luto, abertura ou fechamento de Congresso, festas tradicionais ou religiosas. Seja o salário considerável ou modesto, estejam os celeiros vazios ou cheios, a festa precisa ser bonita, e deve ter o maior número possível de convidados. Quem recebe dá, mas quem é recebido também dá, para que possa participar de fato da alegria ou da dor do anfitrião.

3.1. A sociabilidade enquanto jogo social

A verdadeira “sociedade” consiste nesse caso no fato de “estar com, ser por, ou, contra os outros” [...] constituindo-se, assim, a sociabilidade (SIMMEL, 1991, p.124). Portanto, para Simmel, quando o indivíduo se reúne com outros, ele o faz certamente, para atender os mais diversos interesses ou necessidades, sejam elas econômicas, culturais, etc. Isso porque a socialização leva em consideração os valores de uma sociedade. No entanto, explica ele, do mesmo modo que a tendência artística consegue extrair a forma de uma totalidade de objetos aparentes e a transforma em uma obra particular, assim também, a tendência à sociabilidade é capaz de desligar por sua própria força o processo de socialização do conjunto de realidades da vida social para fazer dela um valor em si e uma satisfação. Ela constitui o que chamamos de sociabilidade no sentido estrito. Daí a importância que o sociólogo alemão atribui à pura forma¹³, “como laço de reciprocidade que cresce, de certo modo, livremente entre os indivíduos” (SIMMEL, 1991, p.125).

Também para Granovetter (1973, p.82) a finalidade própria da sociabilidade é a de propor aos membros de grupos espaços sociais onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser, simplesmente, o prazer de estar - junto. Daí que o fenômeno mais típico da sociabilidade humana talvez seja a conversação.

Peter Blau (1969) ao se referir à estrutura das relações sociais, chama a atenção para o fato de que muitas ligações sociais são bem gratificantes, embora, quase sempre seja preciso

¹³ Jodelet (1998, p.56) ressalta que certos defensores de uma concepção “formalista” das relações sociais, que como Simmel inspiraram a Escola de Chicago e do interacionismo simbólico, reconduzem o estudo das relações inter-humanas ao das “formas puras” do laço social. Estas formas, estruturadas em torno dos binômios distância/proximidade, afastamento/aproximação, permanecem abstratas, sem referência ao conteúdo material das manifestações de sociabilidade.

que uma das partes tenha um custo para que o outro se sinta recompensado. Ou seja, as pessoas participam de um grupo quando o custo é menor que as vantagens esperadas. Os amigos sentem prazer em estar juntos naquilo que fazem, inclusive no lazer: as ações de “escalar uma montanha, assistir um jogo de futebol, são mais gratificantes, por exemplo, pelo fato de se estar partilhando uma experiência. O mesmo se dá na relação familiar ou entre pessoas enamoradas”(ibidem). Nos exemplos citados, os benefícios advêm do próprio processo de interação e o único custo – indireto - seria o gasto de tempo.

No entanto, em muitos casos, as ligações sociais se dão pelo fato de que muitas pessoas se sentem gratificadas em fazer favores e ajudar os outros, porque tal comportamento gera reconhecimento e gratidão. Nos casos em que a reciprocidade não acontece, a pessoa é acusada de ser ingrata. Ou seja, a acusação indica que a reciprocidade é esperada (Cf. BLAU, *op.cit.*, p.188-189). Pode-se dizer que acontece o que vulgarmente se chama de jogo do “toma lá, dá cá”, tão presente na sociedade contemporânea.

3.2. Sociabilidade como cordialidade e alegria

São as qualidades pessoais como a amabilidade, a educação e a cordialidade que indicam a existência, ou não, de sociabilidade em um encontro. Simmel (1991, p.124) define a sociabilidade como “a forma lúdica de socialização” que permite, pelo seu caráter, relaxar, por instantes, o clima de seriedade e as hostilidades presentes no cotidiano. O círculo de

sociabilidade reúne indivíduos, mas não individualidades, e não os reúne com um propósito específico que não seja o de reuni-los.¹⁴

De acordo com Baechler (1995), a 7ª edição do *Dictionnaire de l'Academie* publicada em 1978, define o círculo como “uma associação cujos membros se reúnem num local alugado a expensas comuns para conversar, jogar, ler os jornais”. Essa instituição, - britânica na sua origem - retrata algumas das principais características da civilização burguesa do século XIX: lazer, alegria de viver, igualdade, laicidade, masculinidade. O círculo - quando comparado ao salão, forma típica da sociabilidade aristocrática - representava um avanço nos costumes, resultante da mudança social ocorrida nos séculos XVII e XVIII, quando as elites plebéias dos negócios, das profissões liberais, da política e da administração foram assumindo o lugar das elites aristocráticas. Algumas diferenças marcam esses espaços de sociabilidade: o salão não é igualitário, pois só os anfitriões que têm posses recebem regularmente seus convidados que, por sua vez, se tornam seus devedores, caso não possam retribuir o convite; já o círculo, pelo fato de ser pago, permite que só o freqüente aqueles que têm condições para tal. Uma vez que o salão acontece nas casas das famílias, as mulheres podem freqüentá-lo juntamente com os homens, o que faz com que as atitudes e as conversas sejam mais educadas que no círculo, cujo caráter é estritamente masculino¹⁵.

O tipo de leitura que se fazia nesses encontros também demarcava a diferença: a aristocracia dos salões lia livros, enquanto a burguesia que freqüentava os círculos lia o jornal,

¹⁴ Naquela época, muitos só conseguiram diferenciar os conceitos de cultura e de sociedade por meio da metáfora do círculo, no sentido de uma esfera ou de um âmbito de uma atividade intersubjetiva específica. Desenvolveram-se, conseqüentemente, uma doutrina de “círculos sociais” e modelos de “círculos sociais”, como por exemplo, o “círculo da família”, o “círculo do clube”, o “círculo de amizades”, o círculo do trabalho”, etc. (N.do T.) (RAMMSTEDT, O; DAHMR, H. J., 2005).

¹⁵ Cf. BAECHLER, *op.cit.*, p.84.

ou simplesmente não lia, caso o nível cultural fosse mais baixo (Cf. AGULHON, *apud* BAECHLER, 1995).

Nesse contexto,

o sentido do tato mostra-se como elemento auto-regulador do indivíduo nas relações pessoais com os outros. Sua importância deriva do fato de que ele atua no sentido de limitar o direito do outro no que se refere aos seus impulsos individuais, ao acento colocado sobre o eu e às pretensões morais e exteriores (*ibidem*, p.126).

Pelo fato de Simmel (1991, p. 126, 127,128) dar grande ênfase na sua teoria sociológica à forma, ele minimiza, ao contrário de Bourdieu no conceito de sociabilidade, tudo aquilo que a personalidade possui em significados objetivos como a riqueza e a situação social, a instrução e a reputação, as atitudes excepcionais e os méritos do indivíduo. Do mesmo modo, ele exclui da sociabilidade aqueles elementos que, por suas funções, são puramente pessoais como o caráter, o estado de ânimo, ou seja, tudo o que há de mais íntimo na vida.

Portanto, tendo se desvincilhado de todas as significações materiais de sua personalidade, o homem acede à forma da sociabilidade apenas com as atitudes, atrativos e interesses de sua pura humanidade. Nesse sentido, a discreção é a condição primeira da sociabilidade. Ela cria, por assim dizer, um mundo sociologicamente ideal, artificial, e que tem o aspecto de um jogo .

A sociabilidade ocorre entre iguais que desejam estabelecer ações recíprocas inteiramente puras, no sentido de não serem perturbadas por nenhuma referência material. O princípio da sociabilidade se enuncia assim: cada um deve permitir ao outro o máximo de

valores sociais –alegria, ajuda, vivacidade – compatível com o máximo de valores que ele mesmo pode receber (SIMMEL, 1991, p.127).

Percebe-se, nesse enunciado, a existência de uma relação de equivalência que não corresponde à realidade da vida em sociedade; verifica-se ainda que os comportamentos que denotam sociabilidade, muitas vezes exigem uma certa “estilização” e um sentido de “jogo de sociedade”, para utilizar a terminologia adotada por Simmel. Nesse tipo de jogo, joga-se como se todos fossem iguais e, como se cada um tivesse o outro no mais alto grau de consideração.

Trata-se do jogo durante o qual se faz como se todos fossem iguais, como se honrássemos cada um em especial. Parece que nos deparamos com uma mentira, uma vez que se afastam da realidade (Cf. SIMMEL, 1991, p.129).

Essa estilização e o sentido do jogo de sociedade podem ser justificados, em parte, pelas expectativas de comportamento geradas dentro de cada sociedade e de cada cultura e à qual seus membros devem se adequar. Espera-se, por exemplo, que em um evento festivo, de celebração de um momento significativo para o anfitrião, os convidados compartilhem o momento e as alegrias.

No contexto das relações sociais a conversação ocupa um lugar central, uma vez que ela revela “em que medida a sociabilidade efetuará a abstração das formas¹⁶ de ação recíprocas, que por sua vez só têm significado sociológico pelo seu conteúdo [...]” (SIMMEL, 1991, p.131). As conversas, de modo geral, versam sobre os mais diversos temas dependendo do contexto, do ambiente em que estão inseridos, do momento que estão vivenciando.

¹⁶ No contexto da teoria de Simmel, as formas são as diversas configurações através das quais os indivíduos realizam seus interesses e constituem uma unidade. Já os conteúdos ou matérias da sociabilidade, são os elementos que existem nos indivíduos capazes de originar uma ação ou influenciar sua receptividade. São conteúdos: os fins, os instintos, os interesses, as inclinações, o estado ou o movimento psíquico. Cf. ASFORA, M.de F. Y. Georg Simmel: aspectos gerais de sua contribuição sociológica. Dissertação de mestrado, Recife, S/D.

Nos momentos mais sérios da vida, os homens falam por causa de um conteúdo que querem comunicar ou sobre o qual querem se entender; ao contrário, na sociabilidade o discurso se torna um fim, não no sentido naturalista como na tagarelice, mas no sentido da arte da conversação, com suas próprias leis artísticas (*ibidem*).

Na conversação sociável pura, a matéria do discurso é o suporte dos atrativos que a troca de palavras costuma oferecer. Na perspectiva de Simmel, (1991, p. 133) o aspecto objetivo da conversação é ressaltado, não como um fim em si mesmo, mas como simples meio a serviço da animação, da compreensão mútua e da consciência de juntos constituírem uma agradável companhia.

Esse é o caso, por exemplo, de um entrevistado que diz gostar muito de conversar: “é agradável estar no terraço e chegar um vizinho, sentar e assim, ‘resolvermos’ os problemas do Brasil e do mundo”.

3.3. A sociabilidade como rede de relações

O tema da sociabilidade é, também, focado pelo aspecto da constituição e ampliação de redes de relacionamentos, podendo se constituir pelas redes de parentesco, de vizinhança, de amigos, etc, por vários estudiosos do assunto (BAECHLER, 1995; HÉRAN, 1988; FORSÉ, 1981; GRANOVETTER, 1973).

De um modo geral, designa-se por redes os laços mais ou menos sólidos e exclusivos que cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante (Cf. BAECHLER, 1995, p.77). Nesse contexto, a sociabilidade compreende as redes que nascem espontaneamente das relações que cada indivíduo mantém com os outros. Há, entretanto, uma contribuição do indivíduo na

constituição dessas redes ou um investimento na constituição do capital social, para usar a terminologia de Bourdieu, uma vez que se definem os espaços sociais onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros. Portanto, não é o conjunto de pessoas com as quais o indivíduo está em contato que constitui o que se entende por redes, mas sim “o conjunto de laços estabelecidos entre as pessoas” (HÉLAN, *apud* BAECHLER, p.78).

Percebe-se que as relações que se estabelecem entre os membros de grupos, os laços que os ligam, sofrem variações decorrentes de situações as mais diversas que surgem no dia-a-dia. Granovetter (1973, p.80), ao se interrogar sobre a força dos vínculos numa rede de sociabilidade chega à conclusão que a força de um vínculo é função do tempo que lhe é consagrado, da intensidade das emoções que desperta, da intimidade estabelecida e da reciprocidade dos serviços prestados. Conclui, também, que quanto mais intensos são os laços numa rede, tanto mais essa rede tende a fechar-se sobre si própria e a dissociar-se de outras redes, numa espécie de enquistamento social. De modo inverso: a extensão, a flexibilidade, a adaptabilidade das redes são tanto maiores, quanto mais se embasam em laços fracos, o que permite esperar que, gradualmente, criem-se pontes capazes de ir muito além do círculo de origem dos laços de sociabilidade. Designa-se por ponte, numa rede, uma linha que assegura a única passagem entre dois pontos.

Outra valiosa contribuição ao estudo das redes de sociabilidade foi dada por Michel Forsé (*apud* BAECHLER, *op.cit.*, p.78-79), ao perceber que o ciclo de vida também é fator determinante na sociabilidade dos atores sociais, no sentido de que as variantes demográficas como idade, estado matrimonial e presença de filhos determinam três grandes etapas na vida

social das pessoas: intensa e externa na juventude, moderada e interna – no seio ou em torno do lar – durante a maternidade, e em declínio até o desaparecimento na velhice.

De acordo com Héran (*apud* BAECHLER, 1995, p.79), o resultado de uma pesquisa realizada de maio de 1982 a maio de 1983 na França, cuja amostra foi composta por profissionais liberais e por operários qualificados e não qualificados, mostra que as redes em que os indivíduos se integram - de amizade, de trabalho, de parentesco e de vizinhança, são adicionadas e levam a que uns, os profissionais liberais, se beneficiem mais que outros de uma maior densidade de sociabilidade. Apesar da absoluta falta de tempo, são os mesmos os que tendem a multiplicar os contatos à sua volta e a viver uma vida de relações mais aberta.

A sociabilidade surge, assim, como um capital, cuja acumulação, certamente em correlação positiva com os rendimentos, o está, sobretudo com o diploma. Ele tem toda a aparência de um capital cultural, cuja gestão bem – sucedida depende da assimilação de uma cultura que conta a sociabilidade entre seus valores privilegiados (BAECHLER, 1995, p.79).

Nesse aspecto, o autor se aproxima da teoria de Pierre Bourdieu que, como foi visto no capítulo anterior, relaciona a posse do capital social não só à rede de relações que o indivíduo pode estabelecer, mas também, ao montante de capital econômico e cultural dos indivíduos com os quais se relaciona.

O relacionamento é bem gostoso, bem aconchegante mesmo. Ontem mesmo, meu sobrinho estava lá, que ele mora em outro condomínio e eu chamei para ir para casa e ele disse “também eu só vivo aqui, não vivo mais nem lá”. É como se dissesse “Tá tão bom aqui”. Acho que também é o ambiente do condomínio que é muito agradável, por dentro não circula automóvel, é só jardim. Na frente da casa tem uma pracinha, com bancos, acredito que favorece também, essa aproximação(entrevistada n. 1).

Os encontros da família e dos amigos em Gravatá são bastante valorizados pelos entrevistados justamente pela qualidade da relação que o espaço permite.

3.4. Sociabilidade “rural”

Os resultados da pesquisa levada a efeito com proprietários de segunda residência em Gravatá mostram a importância da sociabilidade que tal espaço enseja, diferentemente daquele da cidade na qual essas pessoas possuem a residência permanente.

Gravatá, cidade de porte médio situada no agreste pernambucano possuía, segundo dados levantados pelo IBGE, no Censo Demográfico de 2000, uma população de 67.204 habitantes, dos quais 55.468 habitantes viviam em área urbana e, 11.736 na zona rural. Tal distribuição segue a tendência do Brasil, nas últimas décadas, de incremento do processo de urbanização que concentrou não só atividades econômicas industriais e de serviços nas grandes cidades, mas também um grande fluxo de pessoas atraídas pelas possibilidades de inserir-se no mercado de trabalho. Em período mais recente, observa Wanderley (2001, p.1), “os estudiosos da população vêm apontando para outro processo de concentração demográfica, desta vez centrado no desenvolvimento das chamadas cidades médias situadas no interior do país”.

É pertinente, nesse momento, identificar que critérios o IBGE utiliza para categorizar a população e os domicílios como estando em situação urbana, ou rural.

Em situação urbana, consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou, às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive, os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos (IBGE, 1996).

É importante esclarecer que no desenvolvimento desse aspecto da análise, que se refere ao contexto do rural e à sua interface com o urbano, toma – se como referência os estudos realizados por Wanderley que muito contribuem para o conhecimento do meio rural.

O meio rural, entendido de uma maneira mais ampla pela forma como se dá sua ocupação, “corresponde ao entorno da cidade, espaço de *habitat* disperso onde predominam as paisagens naturais e os usos atribuídos às terras apropriadas, tradicionalmente à produção agrícola ou os espaços improdutivos” (WANDERLEY, 2000, p.31-32).

Entretanto, o que os estudiosos do rural observam é que esse espaço vem sendo ocupado de outras formas e com outro objetivo que não seja, apenas, o da produção agrícola, o que vem dando margem ao crescimento dos serviços, inclusive daqueles direcionados ao turismo, ao lazer e às diversas formas de recreação. Isso pode ser explicado por alguns fatores como a facilidade de locomoção, a existência de boas rodovias e a conseqüente rapidez nos deslocamentos¹⁷, a necessidade de contato com a natureza, a fuga, por um curto período que seja, do barulho, da agitação e do estresse presentes na vida urbana, etc. “Neste sentido, o meio rural não seria apenas o lugar da produção agrícola, mas também um espaço diferenciado capaz de oferecer à população urbana, padrões de residência específicos e formas de lazer ligadas ao contato com a natureza” (WANDERLEY, 1999).

¹⁷ Para Marly-le-Roy, (*apud* Bourdin 2001, p.65) a mobilidade é antes de tudo uma *possibilidade*, o que corresponde à acessibilidade e, por exemplo, à oferta de transportes coletivos. Ela é em seguida uma *competência*, quer dizer em primeiro lugar o controle dos meios da mobilidade (por exemplo, a posse de um automóvel) mas igualmente dos saber-fazer (que não são apenas técnicos mas também sociais: saber se constituir em rede de relações dispersa sobre um vasto território). Ela é, enfim, um *capital*: quanto mais tenho a possibilidade de me deslocar e quanto mais tiver competência para isso, tanto mais isso poderá me servir nas estratégias sociais. Essa distinção permite conceber perfeitamente a articulação entre a mobilidade como modo de funcionamento da sociedade e como experiência (e secundariamente como estilo de vida). (Destaques do autor).

Essa é uma tendência percebida nos países mais avançados da Europa e da América do Norte e nas áreas mais urbanizadas do Brasil, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste. Não se pode excluir o Nordeste desse rol, uma vez que há espaços regionais que nele se inserem, como é o caso de Gravatá, em Pernambuco, local onde se observa, nos últimos anos, um crescimento significativo das residências secundárias que se evidenciam como espaços de convivência, de sociabilidade, de lazer.

Pode-se, portanto, parafraseando Wanderley (2000a) dizer que, nesse contexto, o meio rural é entendido “como um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem, ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida”.

É nesse sentido que se coloca a leitura feita do espaço onde se situam as segundas residências no município de Gravatá.

Kevin Lynch e P.Pellegrino, a partir de uma definição clássica do espaço – inspirada em Kant, caracterizam a “espacialidade” como forma de espaço culturalmente construída [...] (Cf. BOURDIN, 2001). Esse espaço tem como referência um sistema de valores que tem levado aqueles que o procuram, a buscar o seu lugar: um lugar de identidade, de estabilidade, de proteção, de expressão da autenticidade onde se pode dar livre curso à espontaneidade, à valorização de uma afetividade que tem como base as relações primárias, a valorização do convívio com a família, por exemplo.

Também Marsden e Murdoch (1993 e 1994 *apud* WANDERLEY, 2000b), percebem a localidade rural como um *meeting place*. Principalmente para a classe média de origem urbana no meio rural.

Esta constrói um discurso próprio sobre a ruralidade, tendo como base uma “visão idílica” do meio rural – o contato com a natureza e a participação na vida comunitária – que o transforma em um espaço de ‘amenidades’ e que se expressa na defesa da expansão de atividades ligadas ao lazer e aos espaços residenciais e na oposição à presença de indústrias e de trabalhadores industriais (*ibidem*, p.104).

Segundo Wanderley (2000) essa população não faz parte da população rural, entendida como a população residente no meio rural. É, no entanto, importante ressaltar que a população que vem deixando as áreas urbanas e que se desloca nos finais de semana, nos feriados, ou períodos festivos, como o das festas juninas que acontecem, principalmente, nas cidades interioranas do nordeste brasileiro – influencia o processo de mudança que vem se processando nesses espaços.

Com efeito, o meio rural é mais bem servido dos equipamentos coletivos necessários à vida moderna e dispõe de meios de comunicação e de transporte eficientes, que o integram aos espaços regionais mais amplos, circunstâncias às quais geralmente se acrescentam a existência de condições naturais - clima, patrimônio [...] (WANDERLEY, 2000, p.33).

Portanto, com os novos usos dados aos espaços rurais eles deixam de ser prioritariamente produtivos para se tornarem espaços de consumo voltados, em especial, para as atividades relacionadas às funções de residência e de lazer (Cf. WANDERLEY, 2000b).

Outra consequência que se pode notar como resultante da presença dos habitantes das residências secundárias em determinada área rural, que buscam uma qualidade de vida que não encontram mais no meio urbano, é a modificação não apenas da paisagem, mas da própria natureza da vida social local que pode se perceber pelo

surgimento de novas ocupações (como caseiros e jardineiros, cuja “reconversão” tem sido pouco estudada no Brasil), freqüentemente recrutados entre os antigos moradores, e, ainda, ao afetar o ritmo de vida

local, agora determinado pelo fluxo da população “de fora”(WANDERLEY, 2000, p.34).

Essa é uma contradição inerente ao processo de reordenamento espacial acontecido a partir do surgimento e proliferação das residências secundárias em Gravatá. Os proprietários de segunda residência se referem positivamente à facilidade e à rapidez que se tem para se deslocar até o município, como conseqüência da modernização da BR 232 que liga Recife a Gravatá; elogiam as diversas possibilidades de escolha de restaurantes, dos mais típicos aos mais sofisticados. Sobretudo, percebe-se uma satisfação ímpar ao se referirem às especificidades do local, pelo estilo de vida que permite ter e pelo seu povo, com sua simplicidade, sua cultura, seu jeito de ser, como ilustra o depoimento a seguir:

[...] faço compra pessoalmente, entro na padaria, entro no mercado, então, eu circulo, vou aos locais e vejo, vou ao caixa, pago, então são coisas que dificilmente eu faria aqui. Então, isso é diferente.[...]. E conversa, conversa com o homem do campo, com o agricultor, ouve aquelas histórias interessantes dele, as experiências de vida interessantes dele. Eu acho extremamente interessantes, muitos extremamente inteligentes, de rara inteligência, isso é outro lazer (entrevistado n.20).

Há indicativos de que o homem simples do campo se apresenta como um atrativo, porque se mostra por inteiro, desnuda sua vida e seus sentimentos, cativando o homem da cidade grande. É diferente e essa diferença atrai e distrai. Escutar as façanhas do outro, seus problemas, de certa forma “aproxima”, ao mesmo tempo em que a “distância social” se mantém.

O que a gente gosta é da tranquilidade, a vida mesmo do interior. As pessoas da comunidade [...] a caseira da gente já está lá há uns 14 anos, ela se tornou *quase* uma amiga, um parente, porque ela leva os problemas dela, participa das festas, enfim, aquela coisa do interior [...] (entrevistado n.28).

Para Paulo Meneses (1999) esse aparente interesse pelo Outro, é na verdade um desrespeito, “ao tomá-lo como espetáculo e objeto de consumo, e não como sujeito cujas práticas sociais são ricas de sentido e encontram seu lugar e compreensão no ‘conjunto complexo’ que constituem como elemento de uma cultura”.

Percebe-se, portanto, como diversos, os fatores que influenciam a escolha do lugar onde se quer vivenciar um lazer diferenciado com a família, ou seja, no presente estudo, o local de segunda residência.

Segundo Bourdin (2001), o comprador de uma residência secundária deve mobilizar recursos que variam conforme os lugares. O lugar constitui, pois, uma utilidade para a ação, em função de três fatores: a probabilidade de nele encontrar os bens ou serviços procurados, o nível dos recursos mobilizáveis que facilitam a procura desses bens ou serviços, a capacidade de controle da situação que o ator se atribui. Mas, em matéria de residências secundárias como em muitos outros campos, a utilidade não é a única questão.

Em alguns casos, as escolhas são baseadas no sentimento de segurança ou de familiaridade. Em outros,

permanece a valorização do que é percebido como particularidade do meio rural, em especial no que se refere à proximidade com a natureza e ao estilo de vida nele dominante; trata-se de uma vida considerada mais tranqüila, onde as relações são baseadas no conhecimento pessoal e onde se pode viver “a vida como era no passado” (WANDERLEY, 2000, p.106).

Ou seja, muitas vezes, busca-se lugares de autenticidade, onde se pode dar livre curso à espontaneidade, à informalidade, à afetividade fundada nas relações primárias.

Então veja, botar uma cadeira na calçada (aqui) não tem jeito. Em Gravatá, eu paro e fico olhando: que negócio é esse o povo com cadeira na calçada, conversando [...] botar a conversa em dia [...] que negócio

extraordinário. Quem é louco de colocar uma cadeira na calçada aqui? Veja, a qualidade de vida é muito, muito diferente (entrevistado n.21).

Daí porque “a afirmação sistemática do entre-si [...] influi na construção dos sistemas residenciais e, mais além, na organização social por inteiro” (Cf. BOURDIN, 2001).

Como diz Mendras (*apud* WANDERLEY, 2000, p.134) “[...] a residência no meio rural expressa cada vez mais uma escolha que não é outra senão [...] uma escolha por um certo estilo de vida”.

3.5. Mudanças no (estilo de) lazer em função do redirecionamento do tempo e do espaço na sociedade contemporânea

Segundo Featherstone (1975, p.119) a expressão “estilo de vida” está em moda. Ela significa individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. Como diz o autor, “o corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade, do gosto e do senso de estilo do proprietário/consumidor”.

O estilo de vida de uma pessoa “é configurado por uma combinação de comportamentos e de valores de referência [...] podendo ser entendido como uma forma diferenciada de viver e de ver a vida” (Cf. GARCIA FERRANDO; PEREZ DE GUZMÁN, 1993).

Do mesmo modo, o estilo de lazer – como dimensão do estilo de vida - também está ligado a valores, que variam nas sociedades segundo as culturas e as épocas em que se inserem. Nesse sentido, o sistema cultural como uma dimensão analítica da sociedade

moderna, é definido por Pronovost (1998) como “um sistema simbólico composto de padrões estruturados de pensamento, sentimentos e ações, que são aprendidos e partilhados por uma multiplicidade de pessoas servindo para organizá-las em sociedade de acordo com suas particularidades e seus distintos aspectos”.

Ainda segundo o autor, esse sistema compreende:

- a) mitos, símbolos e crenças;
- b) o campo dos valores sociais, entendido como formas coletivas de pensar e agir de acordo com aquilo que é considerado importante na sociedade;
- c) normas sociais;
- d) modelos normativos de ação: constituem padrões gerais de comportamento e conduta, de acordo com a situação da pessoa, seu *status*, o contexto, o lugar, etc. Padrões de ação referem-se a sistemas de expectativas com relação a modos de comportamento em uma dada situação.

A referência ao sistema cultural como um sistema simbólico abrangendo o campo das normas, padrões de comportamento e condutas que se moldam de acordo com o *status* da pessoa e em função do redirecionamento do tempo e do espaço na sociedade contemporânea, permite o entendimento do estilo de lazer vivenciado em Gravatá, que se aborda no capítulo 4.

CAPÍTULO 4: *Status* e relaxamento em Gravatá: entrelaçamento entre distinção e sociabilidade

No mundo contemporâneo, em decorrência das pressões sofridas por grande parte das pessoas, seja no ambiente de trabalho ou no ambiente doméstico, sente-se cada vez mais a necessidade de relaxar, de sair de rotina, de extravasar as tensões; talvez, mais do que outrora, as pessoas carecem de lazer.

O lazer pode, no entanto, ser vivenciado na própria residência: para alguns é suficiente sentar em frente à televisão para assistir a um programa “animado” tomando uma cervejinha gelada. Para outros, por exemplo, uma partida de dominó ajuda a distrair-se, por horas a fio, assim como, um jogo de futebol.

O que orienta o estilo de vida das pessoas, assim como suas práticas de lazer? Certamente, o gosto de necessidade, ou o gosto de luxo, conforme enfatiza Bourdieu. O gosto de necessidade reduz e, muitas vezes, até elimina qualquer possibilidade de escolha do que se deseja vivenciar ou consumir. Em contraposição, a gama de opções cresce e se multiplica, à medida que as pessoas se afastam do gosto de necessidade. Nesse caso, por que a escolha de Gravatá como lugar de relaxamento, lazer, e sociabilidade?

4.1 A pesquisa

A pesquisa realizada com proprietários de segunda residência em Gravatá teve por intuito coletar dados que permitem conhecer a representação de lazer dos proprietários de segunda residência - enquanto uma dimensão do estilo de vida, e as orientações valorativas

que conduzem à escolha de uma residência secundária em um lugar específico, como aquele município, situado no agreste pernambucano.

Para desenvolver a referida investigação fez-se opção por procedimentos qualitativos, o que implica em um distanciamento da lógica positivista, como ensejada por Émile Durkheim, para quem, o pesquisador deveria ter como qualidades essenciais, a imparcialidade científica e a objetividade necessárias à análise da realidade.

A exigência de rigor e de objetividade científica tem gerado inúmeras discussões sobre a utilização e adequação dos métodos na sociologia, referindo-se, sobretudo, à utilização de procedimentos quantitativos ou qualitativos na pesquisa. Sabe-se, no entanto, que uma pesquisa qualitativa pode produzir resultados tão válidos e confiáveis quanto os produzidos por métodos estatísticos. Esse é um dos motivos pelo qual ela vem sendo cada vez mais utilizada nas ciências sociais, sobretudo a partir de 1970.

Para Patton (*apud* ALVES-MAZZOTTI, 1999),

A principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição 'compreensiva' ou interpretativa. Isto significa que essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Daí a opção pela pesquisa qualitativa, uma vez que ela permite explorar as diversas representações relativas à temática em estudo.

Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a entrevista individual semi-estruturada. A seleção dos entrevistados teve como critério de exigência ser proprietário de uma segunda residência no município de Gravatá, em Pernambuco. A posse desse bem é indicativa de

pertencimento a grupos que possuem como característica uma relativa homogeneidade, principalmente de renda familiar que, supõe-se, exerce influências no estilo de vida das pessoas.

4.1.1.A amostra

No sentido de selecionar as pessoas que foram entrevistadas, utilizou-se o procedimento denominado “bola de neve”. A partir do estabelecimento de contatos com algumas pessoas de ambos os sexos que possuem segunda residência em Gravatá, foram realizadas as primeiras entrevistas. Aos entrevistados pediu-se, então, que indicassem nomes e telefones de pessoas também proprietárias de um imóvel naquele município. As entrevistas foram agendadas e realizadas individualmente entre os meses de julho e dezembro de 2004. Ao final de cada encontro, pediu-se ao entrevistado que indicasse outras pessoas, e assim, sucessivamente. Ao todo, foram entrevistadas cinquenta e quatro pessoas, de ambos os sexos, cujas idades variaram de 27 a 73 anos, estando a maioria delas contida no intervalo que compreende as idades de 50 a 59 anos, como pode se constatar na tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos entrevistados por idade e sexo

	M	F	Total
De 27 a 39 anos	1	8	9
De 40 a 49 anos	3	10	13
De 50 a 59 anos	7	16	23
De 60 a 69 anos	5	3	8
A partir de 70 anos	1	0	1
Total	17	37	54

É importante esclarecer que a delimitação da faixa etária dos participantes da pesquisa não foi determinada *a priori* pela pesquisadora, mas foi se estabelecendo à medida que a técnica “bola de neve” foi sendo aplicada à investigação. O resultado conseguido demonstra uma concentração maior de pessoas com idades que variam de quarenta a cinquenta e nove anos, o que corresponde a 66,6% dos entrevistados, composição que está adequada à pesquisa, por se tratar de uma amostra composta por proprietários de segunda residência. Ou seja, pressupõe-se que para se adquirir uma residência secundária seja necessário ter uma situação financeira relativamente estável o que, na maioria das vezes, se consegue com o passar dos anos. Entre os casais mais jovens, a compra foi conseguida, em alguns casos, através de negociações vantajosas com o antigo proprietário ou com a ajuda da família, como demonstra o depoimento a seguir:

Na verdade, quando a gente foi comprar, não foi comprar a casa. Meu sogro tem um terreno em frente desse condomínio e tinha uma casa pra vender e o corretor mostrou e a gente gostou, o dono facilitou porque na realidade a gente não estava pensando em comprar a casa em Gravatá. Até nem podia na época, pois já tem uns 4 anos mais ou menos, e a gente terminou comprando (entrevistada n.9).

Em algumas situações, como a das casas fora de condomínio, efetivou-se em primeiro lugar a compra do terreno e, paulatinamente, a construção foi sendo realizada, à medida que se arregimentavam os recursos.

No começo ele (o marido) não acreditava que eu fizesse a casa; quando eu falava, ele respondia: pra que uma casa em Gravatá, a gente não tem condições e a gente foi fazendo e acabou construindo. Hoje, ele é empolgadíssimo (entrevistada n.31).

Também não houve intencionalidade que determinasse o fato de a amostra ser composta por 68,5% de pessoas do sexo feminino e 31,5% do sexo masculino. Provavelmente esse resultado pode ser explicado pelo fato de a primeira pessoa entrevistada ter sido uma mulher que indicou outra, e assim, a amostra foi tomando forma. Não se pode interpretar, a partir dessa composição, que haja mais mulheres proprietárias que homens. Na realidade, o casal é proprietário da segunda residência, com exceção dos casos em que as mulheres são divorciadas, viúvas ou solteiras.

Utilizou-se o critério de saturação para determinar o momento em que as entrevistas deveriam ser encerradas. Isso acontece quando as informações obtidas estão suficientemente confirmadas e a adição de novas, não traz mais nenhuma contribuição importante para o tema em estudo. No dizer de Alves-Mazzotti (1999, p.163), atinge-se “um ‘ponto de redundância’ a partir do qual não mais se justifica a inclusão de novos elementos”.

As entrevistas individuais de profundidade foram gravadas durante a sua realização e posteriormente transcritas pelo próprio pesquisador, de forma a não perder nenhuma informação importante. A transcrição das entrevistas pelo pesquisador permite que ele comece a estabelecer relações com áreas de interesse que podem ser mais exploradas nas entrevistas subseqüentes. Fundamental para o sucesso desta técnica é o desenvolvimento de um *rapport*, isto é, uma relação de confiança e segurança entre o entrevistado e o entrevistador.

Referindo-se à questão do método, Gaskell (2002, p.73) chama a atenção para o fato que,

toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são

exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão de maneiras diferentes envolvidos na produção de conhecimento.

O levantamento de informações através de entrevistas sobre aspectos do cotidiano na segunda residência, ou mesmo fora dela, busca identificar gostos, hábitos, valores e preferências relativas ao consumo do lazer no sentido de conhecer o estilo de vida dos proprietários de segunda residência.

A tabela apresentada a seguir permite conhecer a ocupação principal dos entrevistados.

Tabela 2. Categorização das profissões

PROFISSÕES	M	F	Total
Professor universitário	2	6	8
Professor aposentado	0	2	2
Médico, psicólogo, fonoaudiólogo, nutricionista, odontólogo, enfermeira, fisioterapeuta	2	9	11
Funcionário público de nível superior	4	7	11
Jornalista de grande empresa	0	1	1
Analista de sistema	0	1	1
Administradora (empregada em grande empresa)	0	1	1
Gerente financeira – empresa familiar	0	3	3
Administrador / consultor autônomo	1	0	1
Gerente Comercial de grande empresa	2	0	2
Proprietário de empresa de planejamento e consultoria	1	0	1
Proprietário de empresa	3	2	5
Advogado	1	1	2
Outras (dona de casa, agente administrativo)	1	4	5
Total	17	37	54

Essas categorias incluem-se, em sua maioria, na estratificação de classe média, tipificadas, segundo Santos (2002, p.92), “especialmente nas posições de especialistas, gerentes / supervisores credenciados e, de forma mais imperfeita e restrita, em decorrência de sua heterogeneidade, [...] na categoria de gerentes / supervisores não credenciados”.

Médicos, engenheiros, auditores, professores de ensino superior, especialistas em computação e advogados, quer trabalhem no setor público ou privado, compõem o que o autor supracitado denomina de

[...] especialistas por título ou grupo ocupacional, notadamente os titulares de profissões credenciadas e detentoras de conhecimentos ou qualificações escassas acerca dos sistemas peritos [...] (SANTOS, 2002, p.92).

Entende-se por sistemas peritos os sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes materiais e sociais (GIDDENS, 2002).

A categoria “outros” é formada por quatro pessoas do sexo feminino que exercem a função de donas de casa, enquanto a do sexo masculino tem uma atividade profissional relacionada ao curso que frequenta: o curso de administração de empresas.

Em decorrência do exposto pode-se verificar que os entrevistados se configuram, em razão da técnica adotada – “bola de neve” – como sendo de classe média, com variações dadas pelos próprios entrevistados como sendo de classe média- média ou classe média alta, em sua quase totalidade, como pode ser corroborado por alguns depoimentos:

“No meu condomínio tem médicos, advogados, industrial, educadores, eu diria que é um condomínio de classe média-média” (entrevistado n. 36).

Eu diria que é de classe média que tem um poder aquisitivo e que é capaz de adquirir alguma coisa; mas ali nós temos muitos médicos, mulheres médicas, engenheiros; temos um promotor; da área de comunicação somos nós; pessoas do tribunal de contas. Então é esse o universo das pessoas (entrevistada n. 12).

É importante ressaltar também, como se distribui o nível de escolaridade¹⁸ entre os entrevistados: a quase a totalidade deles concluiu o terceiro grau e, sobretudo, os professores do ensino superior fizeram uma pós-graduação.

A tabela 3 apresenta a distribuição do nível de escolaridade dos entrevistados:

Tabela 3 - Nível de escolaridade dos entrevistados

	1º Grau	2º Grau	3º Grau	Total
Masculino	0	01	16	17
Feminino	0	04	33	37
Total	0	04	50	54

Essa classificação contribui para o entendimento do perfil dos entrevistados, uma vez que o capital cultural, na teoria de Bourdieu, apresenta-se como relevante na lógica simbólica da distinção e na adoção de determinado estilo de vida, juntamente com a posse de outros tipos de capital, sobretudo o econômico.

Diz Bourdieu (1999, p. 75) que a economia [...] “ignora paradoxalmente a lógica propriamente simbólica da distinção que assegura, por acréscimo, benefícios materiais e simbólicos aos detentores de um forte capital cultural que retira, de sua posição na estrutura da

¹⁸ Para Bourdieu (1974, p.221), a escola não cumpre apenas a função de consagrar a distinção – no sentido duplo do termo das classes cultivadas. A cultura que ela transmite separa os que a recebem do restante da sociedade mediante um conjunto de diferenças sistemáticas: aqueles que possuem como cultura (no sentido dos etnólogos) a cultura erudita veiculada pela escola dispõem de um sistema de categorias de percepção, de linguagem, de pensamento e de apreciação que os distingue daqueles que só tiveram acesso à aprendizagem veiculada pelas obrigações de um ofício ou a que lhes foi transmitida pelos contatos sociais com seus semelhantes.

distribuição do capital cultural, um **valor de raridade**” (destaque do autor) uma vez que “este valor de raridade tem por princípio, em última análise, o fato de que nem todos os agentes têm meios econômicos e culturais para prolongar os estudos dos filhos além do mínimo necessário à reprodução da força de trabalho [...]” (*ibidem*).

É pertinente salientar que a forma como os agentes se classificam é importante, uma vez que, as representações constituem um “ponto de vista” a partir da posição que o agente ocupa no espaço social. Além do mais, “a representação que os agentes fazem do mundo social contribui para a construção desse mundo e para impor a sua própria visão de mundo ou a visão de sua posição nesse mundo social, e de sua identidade social” (Cf. BOURDIEU 1984).

Nesse contexto, o estudo das representações do lazer dos proprietários de segunda residência, realizado através da análise das respostas das entrevistas, traz em seu bojo algumas implicações teóricas e metodológicas expostas a seguir.

Para Bourdieu (2004, p.71), “[...] a realidade social é em grande parte representação, ou produto da representação, em todos os sentidos do termo” sendo “o espaço social que organiza as práticas e as representações dos agentes” (*idem*, 1996, p.24). Para compreender essa afirmação, é preciso recorrer ao seu conceito de *habitus* que entendido como um conjunto de disposições para agir, pensar, perceber e sentir de uma maneira determinada é o princípio gerador das práticas e das representações. Como essas disposições não são inatas, mas adquiridas e interiorizadas durante o processo de socialização, sendo produto da trajetória social dos indivíduos, pode-se afirmar que as representações variam de acordo com a posição ocupada no espaço social. Portanto, “o espaço social é a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele” (*ibidem*). É nesse

sentido que a grande maioria dos entrevistados se posiciona como pertencendo à classe média. A importância dessa classificação decorre de que o pertencimento a determinada classe social ou a um grupo de *status*, para utilizar a denominação usada por Max Weber, influencia a percepção do mundo e o estilo de vida. Ou, como expressa a teoria de Bourdieu (1996), o espaço social é uma realidade invisível que não se pode mostrar nem tocar, mas que organiza as práticas e as representações dos agentes. O que significa dizer que a denominação “classe média” do ponto de vista simbólico, produz uma homogeneidade entre as diferentes camadas de renda e ocupação implicadas na amostra.

A seguir mostra-se a tabela 4 – Perfil dos entrevistados – contendo a numeração que identifica cada entrevistado nas citações referentes aos depoimentos, com a respectiva idade, sexo, profissão e estado civil.

Tabela 4 : Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão	Estado civil
01	F	58	Professora universitária	Viúva
02	F	56	Do lar	Casada
03	F	60	Professora universitária	Divorciada
04	F	28	Administradora de empresa	Casada
05	F	54	Professora universitária	Divorciada
06	F	48	Nutricionista	Casada
07	F	63	Psicanalista	Casada
08	F	57	Fisioterapeuta	Casada
09	F	27	Fonoaudióloga	Casada
10	F	30	Gerente administrativo	Casada
11	M	59	Professor universitário	Casado
12	F	55	Jornalista	Casada

13	F	54	Médica	Casada
14	F	58	Diretora financeira	Casada
15	M	59	Consultor	Casado
16	M	61	Odontólogo aposentado	Casado
17	F	33	Funcionária Ministério Público Federal	Casada
18	F	47	Professora Universitária	Casada
19	M	72	Funcionário aposentado Secretaria da Fazenda	Casado
20	M	57	Odontólogo	Casado
21	M	60	Auditor aposentado	Casado
22	F	35	Do lar	Casada
23	F	43	Funcionária pública	Casada
24	F	48	Psicocardiologista	Casada
25	F	50	Auditora fiscal	Casada
26	F	62	Professora universitária aposentada	Casada
27	M	45	Administrador - empresa própria	Divorciado
28	M	46	Economista técnico	Casado
29	M	40	Funcionário público	Casado
30	M	65	Engenheiro civil aposentado	Casado
31	F	52	Agrônoma	Casada
32	F	46	Do lar	Viúva
33	F	56	Relações públicas aposentada	Viúva
34	F	47	Psicóloga	Casada
35	F	38	Do lar	Casada
36	M	63	Funcionário de banco aposentado	Casado
37	F	52	Advogada - Ministério Público	Casada
38	M	58	Professor Universitário	Casado
39	F	59	Enfermeira	Casada
40	F	46	Psicóloga	Casada
41	M	58	Diretor Comercial	Casado
42	F	49	Professora Universitária	Solteira

43	F	54	Professora aposentada	Casada
44	F	59	Advogada	Casada
45	F	36	Funcionária do Ministério Público	Casada
46	M	30	Agente administrativo	Solteiro
47	F	59	Comerciante	Casada
48	F	47	Administradora	Casada
49	M	60	Consultor empresa própria	Casado
50	M	57	Advogado	Casado
51	F	41	Médica	Casada
52	F	57	Professora Universitária	Casada
53	M	54	Engenheiro	Casado
54	F	39	Analista de sistema	Casada

4.1.2. Procedimentos de análise

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para chegar ao conhecimento das representações do lazer dos entrevistados, uma vez que “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco diretivas” (QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V; 2003, p.227). Diz ainda o autor que esse tipo de análise permite satisfazer as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva necessárias à pesquisa.

Bardin (1977, p.42) define a análise de conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Enquanto conjunto de técnicas referente à análise das comunicações, supõe-se abranger um campo de aplicação que é muito vasto. “[...] qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (*ibidem*, p.32).

Em virtude de sua abrangência, para que a análise de conteúdo possa atingir seu objetivo que “é a manipulação de mensagens (conteúdos e expressão desses conteúdos), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (*ibidem*, p.46), é preciso um trabalho atento e criterioso do analista no sentido de criar ou adaptar as operações analíticas à natureza do material disponível e da questão que intenta resolver.

Embora não exista “o pronto a vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base” (BARDIN, 1977, p.31) o pesquisador, em geral, inicia a análise de conteúdo pela leitura “flutuante” do texto a ser analisado com a finalidade de ir se apropriando do seu conteúdo. Os textos podem ser construídos no processo de pesquisa, tais como transcrições de entrevistas e protocolos de observações. No caso deste estudo, ele foi resultante das entrevistas realizadas com proprietários de segunda residência no município de Gravatá. A leitura atenta do texto permite que o pesquisador vá além das aparências afastando-se das armadilhas da compreensão espontânea.

O passo seguinte para o desenvolvimento dessa técnica de investigação consistiu na organização do material de trabalho visando sua adequada manipulação. Em um primeiro momento, as respostas de todos os entrevistados foram agrupadas de acordo com as questões

colocadas. Em seguida foram relidas com o intuito de obter uma compreensão mais geral e ampla do conjunto das respostas dadas a cada questão. Como o autor de cada resposta pode ser identificado pela numeração dada a cada entrevista, houve a possibilidade de voltar, num contínuo vai-e-vem, à entrevista completa, sempre que isso se fez necessário. Acrescente-se que, o fato de as entrevistas serem semi-estruturadas fez com que, muitas vezes, um determinado tema fosse recorrente na fala dos entrevistados: daí a necessidade de se realizar uma análise transversal. Com tal finalidade, as entrevistas foram recortadas e organizadas por temas. A partir desse procedimento, tudo o que foi dito sobre determinado tema foi transcrito e ordenado, de maneira a facilitar a análise do pesquisador. Por tema se entende

uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem lingüística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) para diversos temas (D'URUNG, 1974, *apud* BARDIN, 1977, p.105).

Na pesquisa em pauta, utilizou-se a análise temática que envolve uma análise dos significados a partir do reconhecimento de certos temas ou idéias no texto e do seu enquadramento em determinadas categorias, algumas definidas *a priori* e apenas duas, *a posteriori*.

A análise de conteúdo teve, portanto, como ponto de partida uma grade de leitura que reuniu 50 temas reagrupados em 08 categorias, a maioria delas previamente construída. Elas podem ser verificadas no quadro 1.

Quadro 1. Categorias de Análise

Categorias
Definição de lazer
Significado da casa (segunda residência)
Casa no condomínio
Lazer em Gravatá (meio rural)
Lazer em Recife (meio urbano)
Família
Sociabilidade
Distinção

Ao falar do lazer, evidenciam-se características da atividade que estão impregnadas nas relações sociais. Estar livre, estar solto, sem horário são, também, características do tipo de sociabilidade que se estabelece entre as pessoas no espaço de Gravatá.

A casa, aqui denominada segunda residência, é representada como lugar de identidade, de autonomia pessoal, da família, da afetividade, do lazer e da realização de si. Significa estar em um lugar de paz, acolhedor, aconchegante, onde se pode conviver e ser feliz.

A casa no condomínio, por sua vez, responde à necessidade de segurança pessoal e do patrimônio; reflete o estilo de vida que se almeja ter no espaço que congrega a família, os vizinhos e amigos, com quem se pode partilhar o momento vivido deixando aflorar a solidariedade. Mas, é também uma atitude racional, da classe média, no sentido de reduzir custos.

As categorias lazer em Gravatá e lazer em Recife evidenciam as diferenças que existem entre as práticas de lazer, decorrentes da ambiência que as acolhe, como também as

percepções que os proprietários de segunda residência têm, tanto em relação aos espaços, quanto às atividades que, em geral, são relacionais.

A família aparece como motivo maior para se ter uma casa em Gravatá. A referência à família, inclui a família ampliada constituída não só por pais e filhos – a família nuclear – mas também, pelos membros afetivamente mais próximos, como avós, irmãos, tios, sobrinhos. Os encontros informais na casa permitem desenvolver e solidificar o “espírito de família”.

A sociabilidade está presente de maneira muito significativa da vida das pessoas entrevistadas. No encontro com a família e os amigos, em torno de uma mesa, na casa, quando se vai às compras na feira, nos momentos de lazer. Exercita-se em Gravatá, o que falta no cotidiano da vida urbana.

Uma observação atenta permite perceber como a distinção se faz presente entre os proprietários de segunda residência, seja na arquitetura da casa, na amplitude das áreas livres e jardins, na disposição estética, no modo como se vivencia o lazer com a família e os amigos, no condomínio de maior ou menor prestígio em que se situa a casa, por exemplo. Uma análise mais completa dessas categorias pode ser encontrada nas páginas que seguem.

4.2. Status de classe e estilo de vida em Gravatá

Na teoria de Bourdieu, a diferenciação é um princípio de estruturação da sociedade uma vez que as percepções, os gostos, os interesses e preferências dependem, em certa medida, da posição que se ocupa na hierarquia social.

Os indivíduos pertencentes à classe média que participaram deste estudo respondendo às entrevistas, realizaram uma escolha por uma segunda residência em Gravatá, que condiz com a posição ocupada no espaço social e lhes dá visibilidade¹⁹.

Para essas pessoas, os centros urbanos nos dias atuais não oferecem uma ambiência favorável ao lazer e ao convívio com a família e os amigos. A posição que ocupam no espaço social, no entanto, lhes permite fazer opções que se mostram mais adequadas ao estilo de vida que almejam desfrutar. Daí a aquisição de uma residência secundária em um espaço distinto e distintivo que não é percebido da mesma forma por todos os habitantes do lugar. Entretanto, para esses moradores de fim de semana ou temporada que ali chegam e se instalam, o local é especial e possui uma dimensão simbólica particular. Por isso, muitos nutrem o desejo de transformar a residência secundária em principal, quando chegar o tempo da aposentadoria.

Pode-se dizer que o estilo de vida dos entrevistados traduz-se na busca de um enquadramento social a partir do gosto e do estilo: o estilo de Gravatá que demanda investimento em capital econômico e social. Exige também um gosto específico delimitado socialmente. Uma residência em Gravatá é um símbolo de *status* que faz com que o agente seja conhecido e reconhecido; portanto, trata-se de um “modelo” de estilo a ser seguido. Delineia-se, assim, uma tendência a se querer acumular cada vez mais capital para reforçar sua posição no campo, uma vez que “o campo é um espaço social onde os atores estão em concorrência com outros atores pelo controle dos bens raros e estes bem raros são justamente as diferentes formas de capital” (BOURDIEU, 1992, *apud* BRAUN, 2000).

¹⁹ Para Bourdieu (1985) a posição social atual ou potencial, é objeto de percepções e de apreciações [...]. Os agentes podem privilegiar um ou outro aspecto pelo qual uma posição social pode ser apreendida e apreciada de forma prática: [...] eles podem pensar sua posição diacronicamente, como fim de uma trajetória, na qual tomam como referência a família de origem ou o grupo de pares [...]; ou podem se situar no espaço social apreendendo-o sincronicamente, isto é, tendo como referência não o conjunto do espaço social, mas a região desse espaço que se dá a eles através das relações de trabalho ou de residência.

É importante esclarecer que embora à primeira vista se tenha a impressão que o campo dos proprietários de segunda residência não apresenta esse aspecto destacado por Bourdieu que é a concorrência, ela existe, uma vez que como ressalta o autor, a oposição se dá entre indivíduos e não entre classes²⁰. Dessa forma, aqueles que ocupam no espaço social uma posição privilegiada utilizam os meios que têm à sua disposição para manter ou melhorar a posição conquistada, já que os indivíduos podem auferir benefícios, sejam eles materiais, ou simbólicos, como os decorrentes, por exemplo, do pertencimento a um grupo de prestígio²¹. Isso pode ser confirmado através da fala de uma das entrevistadas, ao comentar que

Para alguns, virou um *status* você ter casa em Gravatá [...]. Condomínios caríssimos e a casa nesses condomínios significa *status* em todos os sentidos, porque seu vizinho pode ser o prefeito, o governador, um Secretário de Estado e assim [...], você vê dentro da própria sociedade essa necessidade de as pessoas se juntarem aos grandes, nesse sentido (entrevistada n. 24).

As pessoas que escolhem Gravatá como local de segunda residência para ter um convívio mais intenso no lazer - especialmente com a família, não o fazem em qualquer ponto da localidade, em meio aos moradores da cidade, por exemplo. Não se pode esquecer a importância do gosto que orienta as escolhas, considerado por Bourdieu (1979/2002) como sendo o princípio do estilo de vida que se traduz em um conjunto unitário de preferências distintas²².

²⁰ Do mesmo modo, Corcuff (2005, p. 9) chama atenção para o fato de que, em geral, se acredita que o conceito de *habitus* em Bourdieu trate sempre do coletivo e não da individualidade. O próprio Bourdieu, diz ele, faz a distinção entre *habitus* de classe e *habitus* individuais.

²¹ Faz-se necessário esclarecer que embora se tenha percebido nas entrevistas a existência de concorrência entre os proprietários de segunda residência não é objetivo deste trabalho o aprofundamento dessa questão.

²² Wacquant (1998) comenta que o sentido estético exibido por diferentes grupos e os estilos de vida a ele associados, são definidos em oposição a outros: **o gosto é primeiramente e sobretudo o desgosto dos gostos dos outros**. Isto porque qualquer prática cultural [...] tem um significado social e uma habilidade para significar distância e diferença social que resulta, não de uma propriedade intrínseca que possua, mas de sua localização em

A aquisição é, ainda, decorrente de um processo de escolha orientado, seja pelo montante de capital econômico que se possui, seja pelos serviços e equipamentos de lazer que a área de condomínio oferece. Tanto o ambiente físico quanto o ambiente social são fatores que também influem na decisão de adquirir ou não uma residência em determinada localidade.

“Lá se tem uma boa visão da Serra do Maroto” (entrevistada n.6).

“Antes de eu adquirir a casa, passei alguns dias freqüentando o condomínio, observando o comportamento de cada vizinho. [...] A maioria são profissionais liberais: médicos, advogados e alguns comerciantes, empresários de médio porte” (entrevistado n.20).

Verifica-se, portanto, que existe em Gravatá uma diferença presente na ocupação dos espaços físicos que se relaciona com as divisões e distinções no espaço social.

Há condomínios com casas maiores ou menores, que oferecem mais ou menos serviços, áreas de lazer mais sofisticadas ou uma pequena área em comum, como foi dito em um dos depoimentos.

Veja, você vai encontrar uma coisa em Gravatá: que todo mundo está no melhor condomínio, no melhor loteamento, então é uma coisa que você vai ter que ter talvez cuidado para administrar. Mas, é um condomínio diferenciado. Existem condomínios mais simples, existem condomínios mais luxuosos, até porque Gravatá todo dia tem uma coisa nova. Então, tem sempre alguém oferecendo um diferencial (entrevistada n.6).

Nas entrevistas é possível reconhecer pessoas que dão alto valor à aquisição da segunda residência enquanto símbolo de *status* ou mesmo, de um estilo de vida que evidencia maior qualidade. Essas pessoas têm a intuição de que estão entrando numa luta social, uma

um sistema de objetos e práticas de gosto. Para descobrir a lógica social do consumo é preciso, portanto, estabelecer não uma ligação direta entre uma dada prática e uma categoria de classe específica, [...] mas as correspondências estruturais entre duas constelações de relações, o espaço de estilos de vida e o espaço das posições sociais ocupadas por diferentes grupos.

vez que estão tendo acesso a um espaço social novo; por isso, precisam corresponder às exigências de comportamentos decorrentes dessa inserção. O depoimento abaixo ilustra bem essa percepção:

Eu consigo identificar que eles gostam de se deter na arrumação da casa. A gente vê vários casais indo a armazéns de construção, naquelas lojas de móveis e decoração; e famílias inteiras gostam de almoçar e jantar nos restaurantes de Gravatá. Eu noto que existe uma busca de uma vivência familiar que está se perdendo muito.[...] lá em casa, estou vendo se a gente interage como família dentro de um ambiente mais lúdico; filme e principalmente, eu vou comprar um piano pra nas sextas feiras contratar um pianista e um declamador de poesia pra ir fazer um *happy hour* a partir das cinco da tarde – foi a parte da educação que me faltou, eu fugi das aulas de piano – e eu vou resgatar isso; eu gosto de cantar, faço aulas (entrevistada 37).

Em regra geral, os proprietários procuram valorizar a estética²³ e o conforto das casas fazendo com que a beleza seja não só sentida e admirada por eles próprios, mas também percebida e reconhecida pelos outros.

Assim, porque muita gente vai e fica assim, como que meio arranchado. A gente não, a gente fez uma coisa que realmente tenha algum conforto, tem uma vista boa da casa, eu mudei um pouquinho, botei mais vidro do que o habitual, então, da minha sala eu ainda vejo a minha área externa, ainda vejo um pouquinho da serra, e até você passando da rua dá pra ver que a casa tem mais vidro que o habitual. Então, ficou charmosa, as pessoas acham a casa charmosa, que tem bom gosto, pra mim é uma casa [...] igual, a qualquer outra casa do condomínio (entrevistada n.6).

É possível constatar nessas falas, a atuação do *habitus* produzindo práticas diferenciadas e diferenciadoras, que são percebidas por todos aqueles que possuem o “código”

²³ De acordo com Bourdieu (1983, p.87) a disposição estética se define também, objetiva e subjetivamente, com relação às outras disposições: a distância objetiva com relação à necessidade e com relação aos que dela se acham prisioneiros se sobrepõe uma tomada de distância intencional, reduplicada, deliberada, pela exibição da liberdade.

e, portanto, os esquemas classificatórios que se precisa para entender que o gosto, ou o “bom gosto” está objetivamente referido a uma condição social.

O *habitus* fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc); *individuação* porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas (WACQUANT, 2005).

Do mesmo modo, para que o agente possa reconhecer o que Bourdieu chamou de *sense of one's place*, mas também o *sense of other's place*, é mister que os agentes sejam capazes de perceber a relação entre as práticas ou as representações e as posições no espaço social. O que significa dizer que a escolha de bens e serviços disponíveis em determinado espaço tem uma relação de homologia em face à posição que se ocupa no espaço social.

Gosto no condomínio de as casas não serem muito agarradas umas às outras, você tem uma certa privacidade porque há condomínios em que as casas são tão coladas, né, e lá se tem uma certa privacidade. As casas são espaçosas, são grandes, arborizadas, tem muito colorido e gosto porque ele (o condomínio) é silencioso, porque ele fica distante da cidade, tem uma vista muito bonita, porque fica numa espécie de colina. Então, a vista é maravilhosa, e, apesar de ser condomínio, a gente tem a vida nossa, não é, tem a privacidade preservada e eu gosto muito disso, de ele ser silencioso, afastado, bonito (entrevistada n.13).

Estar situado em determinado espaço social implica possuir um modo de vida característico, distinto e distintivo. É ter valores, regras de convivência que trazem a harmonia e o bem – estar ao ambiente e que não podem ser transgredidas, já que as pessoas têm consciência de que ter uma segunda residência em condomínio, ou seja, “viver em comunidade” como expressam alguns dos entrevistados, exige um comportamento específico,

em conformidade com o modo de vida de seu grupo social. Entretanto, há pessoas que não se enquadram às normas, como mostra o depoimento que segue.

Em relação à frequência lá, (no condomínio) eu não gosto em época de alta estação de lá – [...] tem duas casas lá que alugam sempre - e aí vêm pessoas que querem realmente compensar o aluguel e colocam uma quantidade de pessoas enorme na casa e não têm o respeito que todos os condôminos têm [...] respeito pelas regras de convivência (entrevistada n. 24).

O fato de os preços dos imóveis serem mais caros ou mais baratos em determinada localidade, por si só, já seleciona as pessoas que podem ser ou não, proprietárias. Evidencia, portanto uma distinção econômica. As facilidades ofertadas pelo mercado imobiliário, associadas à duplicação da BR 232 que liga Recife a Gravatá, estão multiplicando rapidamente a quantidade de imóveis ofertados para venda, o que atrai grande fluxo de pessoas ao município.

Como resposta a tal situação, alguns proprietários de imóveis estão se deslocando para áreas que apresentem certos diferenciais que atendam aos seus gostos e estilos de vida como relatam alguns entrevistados também proprietários de segunda residência.

Existem condomínios que têm terrenos bem grandes, como Serra do Maroto e Vila Hípica, que estão fazendo agora. Algumas pessoas que têm melhor condição econômica (classe social) mudaram – se do nosso condomínio para o Serra do Maroto, que tem terrenos bem maiores que os nossos. É mais pra criar cavalo, acho que é outro nível.(entrevistado n.11).

E também tem muita gente que está querendo vender sua casa pra ir pra mais longe, porque está enchendo muito de condomínios, de casas, muitas vezes apertadas (entrevistada 31).

A análise que Bourdieu tece sobre estilo e distinção, explica e de certa forma justifica o comportamento dos proprietários que estão buscando outros lugares, ainda que próximos ou no entorno de Gravatá, que ofereçam o que desejam. Diz Bourdieu (1974, p.19-20) que

de fato, um estilo deve mudar necessariamente quando já foi divulgado, uma vez que, se pretende ser um signo distintivo, não pode universalizar-se sem que perca a significação, o “calor” (no sentido de Sausurre) que deriva de sua posição num sistema e de sua oposição aos outros elementos do sistema. Sem dúvida alguma, é este o mesmo princípio que impõe à busca pela distinção, a necessidade de renovação constante dos seus procedimentos expressivos em todas as esferas onde [...] os índices tradicionais de *status* tornam-se mais amplamente acessíveis e onde a preocupação de marcar as diferenças deve exprimir-se pela rejeição de certos tipos de consumos e práticas considerados muito comuns [...] ou então, pela maneira original de sujeitar-se a tais consumos e práticas.

Percebe, portanto, que as pessoas buscam a realização de estratégias “objetivamente orquestradas” (BOURDIEU, 1999, p.117) de forma a não perder aquilo que as distingue, seu estilo de vida. Dá-se, portanto nesse caso, o estabelecimento de “estratégias propriamente econômicas” (*idem*, p. 116), através do investimento em residências maiores ou que estejam em condomínios de luxo que ofereçam um diferencial em relação àquela que possuíam anteriormente. Pelo fato de as diversas estratégias estarem, em geral, relacionadas umas às outras, o investimento econômico realizado vai implicar também no desencadeamento de estratégias de investimento social que, de acordo com Bourdieu (*idem*), “são conscientes ou inconscientemente orientadas para a instauração e manutenção de relações sociais, diretamente e indiretamente mobilizáveis e utilizáveis, a curto ou longo prazo [...]”.

Dentre as diversas estratégias utilizadas visando a manutenção ou melhoria da posição social e dos privilégios a ela inerentes, cabe ainda destacar o que Bourdieu (1999) denomina de estratégias educativas, “conscientes e inconscientes” – dentre as quais se destacam as estratégias das famílias em relação à escolaridade das crianças. O contínuo investimento a longo prazo, muitas vezes não é percebido como tal. Diz o autor que os referidos investimentos “não se reduzem, como pensa a economia do ‘capital humano’, à sua dimensão

estritamente econômica, ou até monetária, já que visam primordialmente produzir agentes sociais capazes de receber a herança do grupo, isto é, de ser herdados pelo grupo”.

Daí a preocupação, e muitas vezes até uma certa frustração dos pais, quando os filhos nos quais investiram, desde a mais tenra infância, não pretendem prosseguir no caminho traçado por eles e que vem lhes permitindo o reconhecimento social dos grupos que freqüentam.

A minha filha é uma aluna exemplar e quer fazer gastronomia pra desespero meu (risos) [...]. Eu tô torcendo pra que ela mude, mas se não mudar, eu vou ter que aceitar, o importante é que ela viva bem tentando se realizar (entrevistada n.6).

O *habitus* de classe orienta as escolhas profissionais, uma vez que a sociedade de certa forma diz que profissões são mais importantes porque dão mais possibilidade de se ter sucesso, vencer na vida e dão mais *status*.²⁴

As entrevistas indicam ainda formas específicas de pensar, viver e se comportar no ambiente rural. Nelas, ninguém pensa o rural, por exemplo, como um lugar de atraso social, nem como um lugar que não tem infra-estrutura, não tem lazer, etc., pois não é o rural vivido por uma classe média de interior, nem pela classe subalterna. Nesse sentido, embora se valorize o comportamento informal, a descontração, a brincadeira, permanece a valorização de comportamentos que estão inscritos no corpo e que tendem a inscrever a diferença nas maneiras de andar, de falar, de se comportar, de dirigir o olhar, de sentar-se, de segurar os talheres, de portar-se à mesa, etc.

²⁴ Diz Bourdieu (1983, p. 63) que “diferentemente do cálculo das possibilidades que a ciência constrói com base nas experiências controladas e a partir de dados estabelecidos segundo regras precisas, a avaliação subjetiva das chances de sucesso de uma ação determinada numa situação determinada faz intervir todo um corpo de sabedoria semiformal, ditados, lugares comuns, preceitos éticos (não é para nós) e, mais profundamente, princípios inconscientes do *ethos*, disposição geral e transponível que, sendo o produto de um aprendizado dominado de regularidades objetivas, determina as condutas ‘razoáveis’ ou ‘absurdas’ (as loucuras para qualquer agente submetido a essas regularidades)”.

A esse respeito, diz Bourdieu (1979- 2002, p.552):

Dimensão fundamental do sentido de orientação social, a *hexis* corporal é uma maneira prática de provar e de exprimir o sentido, como se diz, de seu próprio *valor social*: a relação que se mantém com o mundo social e o lugar que se lhe atribui, não se declara jamais tão bem quanto através do espaço e do tempo que as pessoas se sentem no direito de tomar dos outros, e mais precisamente, o lugar que se ocupa com seu corpo no espaço físico, por atitudes e gestos seguros ou reservados, amplos ou comedidos [...] e por sua palavra no tempo, pela parte do tempo de interação que a pessoa se apropria e pela maneira segura ou agressiva, desenvolta ou inconsciente de apropriação.

Tem-se, logo a seguir, um depoimento no qual o entrevistado expressa o motivo pelo qual ele gosta mais de Gravatá que da praia e que serve para ilustrar as idéias de distinção social e de estilo de vida, através do conceito de *hexis* proposto por Bourdieu.

Eu me sinto melhor quando estou cercado de pessoas bem trajadas, ta, não precisam ser elegantes, bem trajadas. E na praia isso não ocorre, pela própria maneira de ser da praia. É um descalço, outro de sandália, outro de calção, outro sem camisa, essa coisa de [...]. Eu diria que essa coisa de condomínio de Gravatá, especificamente, eu achei um pouco mais refinada. Agora, é preciso que você dose bem isso aí, você não me conhece, é preciso que você dose bem. Quando eu digo isso aí parece que eu sou uma pessoa cheia de requinte, o que não é; basta ver pela simplicidade de minha casa. Mas a minha leitura da comparação com a praia é essa (entrevistado n.15).

Reforça-se, assim, a idéia de que a forma de morar, de divertir-se, de relacionar-se, o que se come e como se come, o que se bebe e como se bebe, a maneira de vestir-se, o que se lê, o gênero musical que se admira, são algumas das expressões de subjetividade que denotam um estilo de vida que tem no *habitus*²⁵ o princípio unificador e gerador de todas as práticas.

²⁵ É sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*. Os indivíduos “vestem” os *habitus*, como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, a pessoa social, com todas as disposições que são ao mesmo tempo, marcas da *posição social* e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjunturalmente aproximadas (no espaço físico, que não é o espaço social) e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para “guardar suas distâncias” ou para manipulá-las estrategicamente, simbolicamente ou realmente, reduzi-las (coisa mais fácil para o dominante que para o dominado), aumentá-las ou simplesmente mantê-las (evitando “deixar-se levar”, “familiarizar-se”, em poucas palavras, “guardando seu lugar” ou, ao contrário, “evitando permitir-se...”, “tomar liberdade de ...”, enfim, “ficando no seu lugar”)(BOURDIEU, 1983, p.75).

Com efeito, a identidade é um tema que perpassa toda a obra de Pierre Bourdieu ao se preocupar em compreender como se produz um sujeito particular, como se manifestam seus gostos, a visão de si mesmo e seu estilo de vida.

A identidade pode ser apreendida mais claramente através do conceito de *habitus* que, como já foi citado anteriormente, é definido como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis” incorporado pelo indivíduo ao longo de sua vida. Em Bourdieu, a identidade se define e se afirma na diferença, sobretudo nas diferenças entre as classes que se manifestam nas distinções simbólicas.

Os indivíduos afirmam a natureza de suas identidades através de uma variedade de mecanismos, como a escolha de uma segunda residência, por exemplo, a forma de decorá-las, de dispor os móveis, os arranjos, etc.²⁶ Veja-se, por exemplo, o fragmento de entrevista transcrito a seguir.

Essa casa a gente comprou quando o *privé* ainda estava sendo construído; então a gente foi acompanhando o crescimento do *privé* e hoje é uma coisa muito nossa, porque é a cara da gente. A gente comprou uma casa relativamente pequena e hoje a gente tem uma casa grande e cada peça que a gente tem dentro da casa, foi um final de semana que a gente passou [...] que a gente foi fazendo, então, ela tem uma simbologia, coisa muito nossa, que às vezes a gente pensa em passar uns dois meses sem ir lá e até pensa, vamos vender. Mas quando a gente chega lá, o clima de Gravatá. aquela coisa fresquinha de noite, as opções de você receber os amigos, então, realmente, a casa tem um significado muito especial pra gente. É difícil a gente se desfazer dela (entrevistada n.48).

²⁶ Diz Bourdieu (2001, p.182-183) que o *habitus* como sistema de disposições de ser e fazer constitui uma potencialidade, um desejo de ser que, de certo modo, busca criar as condições de sua realização. [...] guiado pelas simpatias e antipatias, pelas afeições e aversões, pelos gostos e desgostos, cada um de nós constrói um ambiente no interior do qual “sente-se em casa” e onde pode ser levada a cabo essa plena realização de seu desejo de ser que se identifica à felicidade. Com efeito, observa-se (sob a forma de uma relação estatística significativa) uma espantosa sintonia entre as características das disposições (e das posições sociais) dos agentes e dos objetos de que eles se cercam – casas, mobiliário, equipamento doméstico etc. – ou das pessoas com as quais eles se associam de modo mais ou menos duradouro – cônjuges, amigos, relações.

Portanto, a maneira como as pessoas constroem sua identidade decorre não somente das condições objetivas que definem as categorias sociais, mas, como diz Bourdieu (*apud* CHARTIER, 2002), do ser percebido por si mesmo ou pelos outros. Daí a luta constante de classificações. E daí também uma visão dinâmica do mundo social que se embasa não apenas na idéia de hierarquia [...], mas na idéia de que as representações e os discursos que anunciam essas representações pertencem à construção do social.

De acordo com aquilo que foi visto nos capítulos anteriores, a urbanização desordenada por que passou a maioria das cidades brasileiras levou, com o passar dos anos, à degradação do meio ambiente e das condições de vida dos seus habitantes. Isso fez com que uma significativa parcela da população reduzisse a frequência aos espaços públicos urbanos, tradicionalmente espaços de sociabilidade, como conseqüência da violência que teima em fazer parte da vida dos cidadãos.

Evidencia-se, então, uma segregação maior dos espaços, inclusive de moradia e lazer. Morar bem significa, sobretudo, morar em um lugar seguro. A idéia de segurança passa a permear, e de certa forma a filtrar as escolhas dos lugares de lazer e de moradia, uma vez que a escolha de bens e serviços disponíveis em determinado espaço, tem uma relação de homologia em face à posição que se ocupa no espaço social. No conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu, a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade se dá através da interiorização pelos indivíduos, de valores, normas e princípios sociais.

Ora, o processo de industrialização que se instaurou com maior intensidade no Brasil a partir, sobretudo das décadas de 1960 e 1970, conforme visto anteriormente, provocou mudanças de valores e modos de vida que precisaram ser ajustados aos novos tempos.

Alguns hábitos foram interrompidos no “perigoso” meio urbano, como conversar com os vizinhos de maneira informal e descontraída na rua onde moravam. Acrescente – se ainda o fato de que com o passar dos anos, a vida na cidade torna -se cada vez mais dispendiosa: o “morar em casa”, passa a ser substituído por “morar em apartamento”, uma vez que a casa requer uma série de cuidados e despesas com empregados domésticos e segurança, que em um apartamento podem ser reduzidos.

O sentimento de perda decorrente de todo esse contexto incita à busca pelo resgate de uma vida diferente, mais tranqüila, em contato mais direto com a natureza e com as pessoas, sobretudo da família, cujo acesso é viabilizado pela compra de uma segunda residência em Gravatá. Esse município, situado no agreste pernambucano, corresponde por suas características já citadas, às aspirações de quem quer fugir da rotina da cidade. Possuir uma segunda residência em Gravatá é desejo de muitos, embora o acesso a esse tipo de bem seja privilégio de poucos, uma vez que demanda um investimento em capital econômico considerável. Entretanto, para Bourdieu, o verdadeiro princípio das diferenças no âmbito do consumo está na oposição entre gosto de luxo ou de liberdade e gosto de necessidade. É justamente o gosto de liberdade que está na base das relações sociais e das práticas sociais que se desenvolvem no espaço e no tempo dedicado à segunda residência, que são definidas pela construção e manutenção de um *habitus* distintivo, no sentido dado por Bourdieu..

Por outro lado, motivações ligadas à mera sociabilidade, à convivência, sem o peso das determinações sócio – históricas também emergem dos depoimentos, como pode ser verificado no capítulo a seguir.

4.3. Sociabilidade de classe média na segunda residência

A sociabilidade é um conceito que designa de forma ampla o ser na sociedade. Para Michel Forsé (1991, *apud* LAPORTE, 2005), a sociabilidade pode se manifestar seja pelas relações que os indivíduos mantêm concretamente entre si e com os grupos primários, seja pelas relações mais abstratas que se mantêm inevitavelmente com os grupos secundários.

Pode-se demonstrar pela pesquisa realizada com os proprietários de segunda residência em Gravatá, que as pessoas entrevistadas estão em busca de um lugar tranqüilo e calmo em que possam reunir e integrar a família e os amigos e desse modo, conviver e relacionar-se sem muita formalidade, conversar, divertir-se, relaxar, tomar um bom vinho, entre tantas outras possibilidades.

Infere-se, pois, que através da aquisição de uma segunda residência em Gravatá, a classe média cria estratégias que lhe permitem liberar ou se recuperar dos padrões e das tensões do *habitus* urbano, através do estilo rural.

Fragmentos de uma entrevista, descritos a seguir, retratam bem essa realidade:

Quando eu não ia a Gravatá meu lazer era ir a um restaurante de alto nível que tivesse um *maitre* recebendo, os garçons educados, bem preparados. Ficava observando os defeitos do garçon no atendimento, a distribuição do prato na mesa, o prato que chegava se estava bem decorado, bem colorido [...], essas coisas [...]; o som se estava muito alto ou muito baixo, o ar condicionado se estava numa temperatura estável, então, isso era o que fazíamos. Agora não; a gente pode entrar lá num restaurante caipira e ver mesmo a comida sendo feita num fogo de lenha. É interessante ver que

apesar das tecnologias, do microondas, da informática, das micro câmeras você vê que dali está saindo um alimento saído do campo, produzido por eles. A gente dá até algum pitaco em relação ao que está sendo feito, então, isso também já é uma diferença. [...] anteriormente eu queria saber se o chefe tinha feito curso em Paris, se sabia bem a cozinha italiana, se ele já fez algum prato alemão e aqui não, é o do campo mesmo. Esse lazer repercute sobre a saúde, porque você não fica tenso, não precisa você tá se mostrando dentro de um restaurante de luxo, quando muitas vezes está entrando um colunista social, um fotógrafo de uma coluna social então, a sua postura ali, a sua maneira de falar, o tom de voz, então você tem que estar se auto protegendo, se auto – policiando num momento de lazer. Então, eu cheguei à conclusão que lá não existe isso; e como não existe, a tendência é você voltar totalmente com as musculaturas relaxadas (risos) não tensas (entrevistado n.20).

O entrevistado expressa como ele representa seu papel social, em duas localidades distintas: em um restaurante na cidade de Recife e em outro, no município de Gravatá. Há indícios de que há um redirecionamento do papel social principal do entrevistado (o profissional) e conseqüentemente das expectativas de comportamento geradas.

Os indivíduos na sociedade moderna, diz Velho (2005) vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear. Eles transitam entre vários domínios, seja do trabalho, do lazer, etc., e podem a qualquer momento transitar de um para outro, em função de um código relevante para suas existências.

Como diz Pronovost (1998),

o papel é um dos dois principais componentes da personalidade social (o *status* social é o outro). Pode ser definido como um padrão concreto de comportamento, que é integrado pela regulação das normas sociais específicas de um dado *status* social. É integrado por um complexo integrado de expectativas e respostas que pode ser observado em uma ou várias seqüências da interação social sendo estruturado em relação aos respectivos *status* dos participantes.

Pelo exposto pode-se inferir que o entrevistado vivenciando uma situação de lazer no município de Gravatá, por um determinado período de tempo, se permite não ser mais o Dr. A ou B, pessoa de prestígio no seu meio e entre seus pares, que necessita se policiar para não falhar no papel que está representando.

Em Gravatá, localidade que elegeu com sua família para ter o seu lazer em segunda residência, é possível ser ele mesmo deixando vir à tona seu eu real.²⁷

Destaque-se que no lazer, muitas vezes os atores se permitem afastar-se do papel social principal e conseqüentemente, das expectativas geradas em relação a ele, principalmente nos fins de semana e nos períodos de férias, quando os valores mais característicos do lazer sobrepujam os demais.

Em Gravatá é como se eu me desse o direito de relaxar. Porque eu não preciso vigiar nada. Eu ando com a bolsa mais simples que tiver, quase nada dentro da bolsa, e vou a pé por ali. O menino, no máximo, pede um trocado, eu digo que não tenho, mas é aquela coisa, parece que eu estou interagindo com ele no mesmo nível (risos), não tem muita diferença entre mim e ele, entendeu como é? Não estou preocupada com a roupa, com o sapato, se eu estou bem vestida, se eu estou mal vestida. Porque aqui (em Recife) você se preocupa [...] se vou no *shopping* e encontro uma pessoa conhecida, encontro um paciente, está descabelada [...] Lá eu ando descabelada, com o cabelo preso, mas não estou preocupada com isso. Isso é muito bom pra mim. É uma sensação de liberdade, deixo todos os formalismos. Ando assim, com um tênis, com uma calça bem velha. O que dá vontade de botar na hora, eu boto. Agora tem dias em que eu ando bem arrumada, de casaco, mas isso é a vontade. Deu vontade, eu faço. Então, não tenho satisfação a dar a ninguém, ninguém cobra isso (entrevistada n. 52).

²⁷ Diz Bourdieu (2001, p.163) que o indivíduo [...], também constitui, como agente real, ou seja, enquanto *habitus*, com sua história, suas propriedades incorporadas, um princípio de “coletivização” (*Vergesellschaftung*), como diz Hegel: tendo a propriedade (biológica) de estar aberto e exposto ao mundo, suscetível de ser por ele condicionado, moldado pelas condições materiais e culturais de existência nas quais ele está colocado desde a origem, o corpo está sujeito a um processo de socialização cujo produto é a própria individuação, a singularidade do “eu” sendo forjada nas e pelas relações sociais.

4.3.1.A interação social no lazer

Na teoria sociológica se estabelece uma relação direta entre normas e papéis sociais, as primeiras sendo interiorizadas e realizadas nos últimos. As normas também podem se diferenciar pelo tipo específico de interação que geram.

Em Gravatá, por exemplo, as pessoas acham que é lazer ir à feira, conversar com as pessoas simples do lugar. Esses momentos permitem que as relações que se estabelecem sejam fáceis, abertas e agradáveis, o que não significa dizer que nesse momento as diferenças sociais sejam esquecidas, mas que se aceita o outro como ele é, exercendo seu papel social específico.

Para CHEEK e BURCH (*apud* KELLY, 2001), o lazer tem uma função central no sistema social porque permite o desenvolvimento e enriquecimento de relações primárias. Nesse sentido, o lazer é ‘relacional’, uma vez que sua significação central decorre da valoração da relação que aceita, implícita ou explicitamente, as restrições impostas pelas multifacetadas definições dos papéis e das expectativas de comportamento que os envolvem.

.O lazer pode, portanto, ser descrito pelo universo das relações sociais que gera, pela natureza das interações e pela identificação dos parceiros preferidos. A função mais evidente das normas de interação é contribuir para a integração de grupos e de toda a sociedade (Cf. PRONOVOST, *op.cit.*)

Ainda nesse contexto, ressalta-se a importância da integração social no conjunto de valores que orientam o lazer. Daí porque o lazer é definido muitas vezes, por sua capacidade de manter a integração e o controle social – sobretudo dos mais jovens.

Os depoimentos transcritos a seguir revelam o quanto esse valor está presente na relação familiar, principalmente entre pais e filhos.

Na verdade eu tinha muito medo de perder a adolescência de meus filhos, porque a gente ouve muito falar assim: ah, fulaninho é tão bom, sicraninho é tão bom mas, de repente, quando o pai percebe o filho está estragado, o filho está assim [...]. Eu sempre tive muito medo desse período da adolescência; porque quando é criança você exerce uma certa influência, mas, a influência do grupo não é tão grande e aí eu acho que tem o grupo, mas tem você ali também não é? Eu acho que, de certa forma, é ter o adolescente não tão solto, apesar de que eles saem, fazem os programas às vezes tem um show de Zezé de Camargo, show de não sei o que [...]. Levo, o pai leva, a gente vai buscar, agora a menina já tem quinze anos ta maiorzinha, já está indo em grupo mas, eu confesso que ainda é uma coisa que eu tô sempre de olho é nessa fase, amizade, o que é que fala, o que é que pensa, eles são altamente mais liberais do que a gente, que eu acho isso muito positivo. Falam tudo sem nenhum, sem aquela censura que a gente tinha, eles são muito mais honestos, eu acho. E tudo com muita naturalidade, mas eu acho que a gente tem que estar ali pra dizer, isso é tudo muito natural, mas, não é assim né, querendo saber com quem está saindo, o que pensa, como é que se comporta, e acho que essa aproximação ajuda a gente a ter essa influência, essa diretriz maior (entrevistada n.6).

4.3.2. Relações inter-gerações

O lazer em Gravatá permite, portanto, manter a família reunida em torno de um mesmo objetivo: o lazer. Nesse caso, em particular, há a possibilidade de integrar, de reunir a família, o que significa acompanhar mais o adolescente, saber mais de sua vida, de suas amizades, conversar, orientar. Em consequência, o medo é atenuado e sentindo-se mais seguros todos podem vivenciar com mais tranquilidade o que o lugar oferece.

Inicialmente, era para que nós tivéssemos um lazer junto com nossos filhos. Na época, quando nós fomos pela primeira vez a Gravatá, minha filha tinha um mês de vida; a outra tinha dois anos já. Então, nós tínhamos muita vontade de fazer isso. Nessa casa eu coloquei um parquinho pra eles e tal [...] então, era especificamente o lazer junto com a família. Depois a família foi crescendo e nos abandonaram. Eu e minha esposa nós vamos sempre, fazemos um churrasquinho, eu fico tomando meu *whisky* e ela gosta de música, gosta de bordar, de pintar, gosto de andar no meu cavalo; então há uma série de situações que nos levam a essa satisfação no lazer (entrevistado n.41).

Percebe-se também na descrição acima, a importância de integrar a família ainda em processo de constituição e em um segundo momento, apenas o casal, uma vez que as crianças crescem, e constituem também suas famílias. É o tempo, então, em que se pode fazer com mais liberdade aquilo que se gosta desenvolvendo habilidades pessoais, por exemplo.

Pode-se dizer que lazer e família são instituições complementares em que a intensidade das relações varia de um grupo social a outro, mas também de acordo com os vários estágios do ciclo de vida da família. Michel Forsé (1981, *apud* BAECHLER, 1995, p.78-79) lembra que o ciclo de vida é fator determinante na sociabilidade, no sentido de que as variantes demográficas como a idade, o estado matrimonial, e a presença de filhos, determinam três grandes etapas na vida social das pessoas: intensa e externa na juventude, moderada e interna - no seio ou em torno do lar – durante a maternidade, e em declínio até o desaparecimento, na velhice.

Pronovost (1998) estabelece as quatro fases mais importantes do ciclo de vida no que tange a sua relação com a prática do lazer.

A primeira fase é a adolescência, identificada como um período de cristalização da identidade na qual o adolescente busca fugir do controle da família e da escola, o que faz com que a instituição familiar venha perdendo gradativamente sua influência sobre as práticas de lazer dos adolescentes.

As redes de sociabilidade formadas na prática do lazer podem se desenvolver nos vários grupos etários, mas é provável que elas sejam mais intensas entre os jovens. O lazer e a sociabilidade ocupam nessa etapa da vida um lugar importante. Como exemplo, pode ser citada a frequência dos jovens a certos lugares que estão na moda onde podem se encontrar

pessoas da mesma faixa etária e que gostam de ouvir determinado tipo de música, dançar, paquerar, ou, simplesmente, estar lá onde os outros estão.

Em Gravatá, esses encontros se dão, sobretudo, nas festas que ali são promovidas. Na Semana Santa há inúmeros shows com grupos musicais famosos e nada religiosos que fazem seus espetáculos e atraem um público constituído, principalmente, de adolescentes e jovens. As festas juninas, tradicionais no nordeste brasileiro, atraem ao município tanto os proprietários de segunda residência - que para lá se deslocam juntamente com a família - quanto as pessoas vindas de outras cidades e que, pelo fato de não serem proprietárias, alojam-se em pousadas, hotéis ou residências de familiares e amigos, todos com o intuito de vivenciar a tradição cultural em um ambiente propício, o campo.

Elas curtiram Gravatá até os 13 anos, porque depois nós fomos morar em São Paulo durante três anos. Hoje elas frequentam durante os períodos de festa, porque todos que podem vão a Gravatá nas festas juninas. E eu acho que daqui a um certo tempo elas vão voltar a curtir, quando estiverem mais velhas. Agora que têm namorados, vão mais do que antes e quando casarem então [...]. Eu sei que vão retornar depois. Meu marido está construindo uma casa de praia e já pensou até em vender (a casa em) Gravatá. Mas eu estou segurando, porque é um lugar que me dá uma energia ótima (entrevistada n.23).

O que se constata através dos dados coletados por meio de entrevistas é que, de modo geral nessa fase da vida, os adolescentes e jovens não são muito atraídos por Gravatá, para passar férias ou fim de semana, a não ser nos casos em que já possuem grupos de amizade da cidade onde moram que também se deslocam para o município. Ou, quando os pais utilizam alguma estratégia para agradar os filhos como, por exemplo, convidar alguns amigos para ir junto com a família. Há evidências de que adolescentes e jovens que vivem no meio urbano não se identificam muito com a tranquilidade e o ritmo próprios da vida interiorana.

Quando crianças gostavam de ir e criaram todo tipo de bichos: cavalo, cachorro, bode, ovelhinha, até boi a gente tinha; tudo que eles queriam a gente comprava e criava. Então, os meninos foram crescendo, e a gente foi se apegando à casa e ao lugar, que é de muita paz. E na adolescência [...] só nas festas: o mais velho tem 21 anos, a menina tem 18 e o mais novo tem 16. Esse de 16 tem um cavalo e um cachorro lá. Ele vai e olha esses animais, cuida. Faz as coisas e volta. E os mais velhos só vão nas festas de Gravatá: na Semana Santa e no São João. Aí, vão com os amigos [...] a casa fica uma festa completa (entrevistada n.18).

Nesse caso, o atrativo maior para o adolescente de 16 anos é o afeto que ele tem pelos seus animais. Isso é possível porque a segunda residência está situada em uma área com terreno amplo, uma espécie de chácara, que segundo a entrevistada é o tipo de condomínio construído na época em que a casa foi adquirida.

É importante sublinhar que o campo exerce uma atração muito grande não só para os adultos, mas é uma experiência muito enriquecedora para as crianças por vários motivos:

- a) propicia um contato mais direto com o verde, com a terra, com a natureza;
- b) muitas vezes, é lá que algumas crianças têm a possibilidade de conhecer de perto uma ave – a galinha, por exemplo, que só conhecem acondicionada em embalagem específica de alguma marca, quando chega do supermercado, ou quando se apresenta já pronta para ser consumida nas refeições;
- c) o espaço faz a diferença e permite que a criança corra, movimente seu corpo, brinque, extravase suas energias contidas pelo “não pode isso ou aquilo” em ambientes restritos no meio urbano;
- d) possibilita uma aproximação maior com os pais e avós que, uma vez liberados das obrigações impostas pelo cotidiano, dedicam um tempo maior para seus filhos e / ou netos.

O fato relatado a seguir representa bem os laços afetivos que se estabelecem e se fortalecem na relação familiar entre gerações.

Certa vez a gente estava no Hotel Portal de Gravatá e de repente o céu começou a ficar escuro e eu disse: M., vai chover [...] vamos pra casa ver essa chuva cair lá na grama da gente. E ao chegar lá, minhas netas foram tomar banho de chuva e um funcionário do condomínio chamou: Dr. [...], corra que o lago está sangrando (o lago do condomínio), porque a chuva tinha sido muito forte. Então, M., minha neta de 4 anos, arregalou os olhos e gritou, venha Dr. , o açude está sangrando. Aí eu fui com J. e chamei M.; ela correu pra dentro de casa e chorando gritou: voinha, voinha, não vá não que o lago está sangrando [...]. E eu transformei isso numa crônica (entrevistado n.30).

A segunda fase do ciclo da vida, de acordo com Pronovost, é a do jovem adulto, caracterizada por uma progressiva identificação com as instituições sociais. O autor faz referência ao estudo *Les emplois du temps des Français*, (1989) que estabelece claramente como o fato de tornar-se casal modifica substancialmente o peso e o conteúdo do tempo livre.

Na pesquisa em Gravatá, esse momento da vida não aparece como relevante, uma vez que não foi entrevistado nenhum casal jovem sem filhos, ou seja, que não pudesse ser enquadrado na terceira fase, que Pronovost explicita como sendo aquela da paternidade/maternidade, que vem se tornando mais e mais complexa com as mudanças que estão ocorrendo nos modelos de procriação, as rupturas familiares e a formação de novas famílias.

Essa fase é citada de forma espontânea por alguns pais entrevistados, ao se referirem à afinidade dos filhos com a segunda residência em Gravatá. Os depoimentos dão um indicativo de que os jovens não se sentem muito atraídos pelas possibilidades de convívio e de lazer que Gravatá oferece, com exceção dos períodos das festas tradicionais. Porém, quando se casam e

têm filhos, há um retorno para o convívio em família e a segunda residência passa a ser novamente um atrativo.

A quarta fase é a dos mais idosos, geralmente aposentados. Segundo Paillat *et al.* (1989), os aposentados ainda jovens - que estão na faixa dos 60 anos - fazem um significativo investimento no lazer, o que significa investir mais tempo em grupos de convivência e nas redes de sociabilidade, sobretudo naquelas formadas pelos membros da família e amigos.

É importante ressaltar que entre os entrevistados que estão na faixa dos 60 anos, alguns ainda realizam atividades profissionais, embora tenham, em geral, uma maior flexibilidade no uso do tempo. Outros, ainda que legalmente aposentados, dedicam-se a diferentes tipos de atividades, dirigindo ONG's, trabalhando como autônomos, ou se dedicando ao trabalho em um Clube de Serviço, como o *Rotary*. A estabilidade conseguida nessa etapa da vida permite-lhes ter uma segunda residência, um patrimônio, resultante do acúmulo de capital econômico e cultural que faz multiplicar o capital social, através das redes de relações. Possibilita ainda, ter uma melhor qualidade de vida, mais saúde e alegria de viver, como foi possível constatar nos encontros para a realização das entrevistas.

A aposentadoria, porém, é muitas vezes nomeada nas entrevistas por não aposentados, que falam dessa etapa da vida com esperança, como perspectiva de futuro desejada para realizar o sonho de transformar a residência temporária em residência permanente, passando então a morar em Gravatá.

Nossa idéia é se aposentar e morar lá, então é uma coisa que está assegurada. Eu não investi pra trocar de apartamento. Não, eu prefiro investir lá, que a gente vislumbra para o futuro, pelo menos é uma possibilidade pra gente (entrevistado n.28).

Pra mim é um descanso e minha aposentadoria. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar vou morar lá e fazer um trabalho social em Gravatá (entrevistada n.31).

Há também, por outro lado, os que preferem ficar mais em casa, mesmo ainda não sendo considerados idosos, dedicando-se a alguma atividade do seu agrado como ouvir música, cuidar das plantas ou fazer algum tipo de artesanato.

É importante ressaltar que a integração, tanto da família quanto dos amigos, aparece nos resultados da pesquisa como um valor primordial, embora a família seja a referência maior. O caráter integrativo do lazer emerge nas respostas dos entrevistados, sobretudo a partir da terceira fase do ciclo de vida – a da paternidade/maternidade, quando Gravatá desponta para eles como um lugar mais propício para o desenvolvimento da sociabilidade e do lazer no convívio em família.

4.3.2.1 Relações familiares no espaço da casa

O termo lazer familiar vem sendo objeto de muitas discussões no campo dos estudos sobre lazer, principalmente na sociedade norte- americana, onde é bastante utilizado para se referir ao tempo que pais e filhos passam juntos no tempo livre e nas atividades recreativas (KELLY, 1983; 1993; SHAW, 1997). A adoção do termo lazer familiar reflete o crescente reconhecimento pelos acadêmicos de que o lazer não é um aspecto isolado da vida, mas está intimamente relacionado ao contexto social e às experiências da vida cotidiana, principalmente da família. Estudos da mesma natureza também foram realizados em outros países e, portanto, em outros contextos culturais. Dumazedier (2001) e Samuel (1992) estudaram a importância

do lazer familiar na França, Te Klose (1993) examinou o mesmo fenômeno na Holanda (1993) e McCabe, (1993) no Reino Unido.

Apesar de grandemente utilizado, não existe muito consenso sobre o uso do termo devido às mudanças ocorridas nas últimas décadas na forma de organização da família. Entretanto, “parece haver uma concordância em relação ao fato de que o conceito de lazer familiar é aplicável apenas às famílias com crianças” (SHAW, 1997). Ressalte-se também que as diversas pesquisas sobre esse tipo de lazer focalizam, na sua grande maioria, a família como sistema de interação social. Nesse caso, as atividades de lazer na família são associadas de forma positiva ao desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes e à estabilidade do casal.

No presente estudo, realizado com proprietários de segunda residência em Gravatá, considera-se lazer familiar não só aquele que integra a família nuclear, mas também a família mais ampla como avós, tios e sobrinhos. Os resultados da pesquisa demonstram que o lazer é sempre percebido de forma positiva, como uma atividade que congrega, desenvolve habilidades, estreita laços de afetividade entre os membros da família.

Para os netos é uma coisa maravilhosa. Porque agora eles têm a liberdade de sair, de andar, de subir em árvore, de ver bicho que eles não conheciam, pra eles é uma coisa muito interessante [...]. Hoje em dia estou convivendo mais com meus netos, coisa que eu não tinha tanta oportunidade antes, agora eu os vejo. Todo final de semana estão ali comigo. Aí eu acho isso extremamente positivo; pra eles e pra mim (entrevistada n.3).

Acho que primeiro, a questão de hoje você morar muito em apartamento, na cidade você sente um pouco falta do campo, da vida ao ar livre e depois a necessidade de reunir mais a família, você tem condição de num condomínio assim, manter todo mundo tendo o mesmo lazer numa mesma área; agrega mais (entrevistada n.6).

Percebe-se também, nas falas dos entrevistados, que é forte a necessidade de afiliação, definida por Pisani (1994) como “o desejo de estar junto a outras pessoas numa relação de amizade e de afeto”. O lazer como afiliação refere-se à interação e partilha de si com os outros (Cf. FREISINGER, 2001).

De forma semelhante, sente-se essa partilha no cuidado com que se prepara a casa para viver a experiência de lazer com a família nos feriados e fins de semana, ou ainda para receber a família mais ampla que ali vai durante os períodos de festividades.

Em Gravatá, apesar de eu ter uma ótima caseira, eu gosto de mexer nas coisas de casa, mexer, arrumar, botar um enfeitezinho, de olhar um guarda-roupa, de ver se falta alguma coisa, de cuidar da roupa de cama e mesa porque na época de São João os hóspedes são muitos [...].Coisas que eu não faço em Recife, então é diferente [...] (entrevistada n.7).

Acaba que une mais, você tem um referencial, a gente tem um lugar, vamos se encontrar, vamos pra lá, vamos passar um final de semana, então, sempre a casa está cheia. Aí junta minha sogra com minha mãe, aí tem o contato né, junta as duas famílias, um sobrinho, um cunhado, irmão, irmã e tem contato com Vinícius, com os primos, a gente sempre convida, o pessoal ta sempre indo lá. Fortalece (entrevistada n.4).

Um outro tipo de abordagem que igualmente vem se desenvolvendo nos estudos sobre lazer familiar localiza a família no sistema patriarcal; a ênfase é então colocada na forma como as relações de gênero afetam a expressão e a experiência do lazer na família. Esse tipo de estudo geralmente focaliza o papel da mulher no lar. As expectativas de comportamento geradas em relação aos papéis de mãe, esposa e dona de casa, fazem com que muitas mulheres se sintam prejudicadas na sua vivência de lazer com a família, uma vez que as possibilidades de ter lazer voltado para si própria são escassas (HORNA, 1989; FREYSINGER, 1994; BELLA, 1992).

Os resultados da pesquisa realizada com os proprietários de segunda residência em Gravatá, não sinalizam para essa situação de insatisfação da mulher no lazer. O que se pode perceber é que tanto o pai quanto a mãe participam do lazer dos filhos menores, uma vez que sentem a necessidade de estarem mais presentes no cotidiano dos filhos porque trabalham durante toda a semana e não acompanham, como gostariam, seu desenvolvimento.

Meu esposo mesmo brinca de pião, brinca de badoque, hoje em dia mesmo na cidade ninguém sabe o que é isso, as brincadeiras são o que, os *game station*, aqueles jogos eletrônicos que [...] É só o que tem. Se vai no *shopping*, vai no *Mcdonald* [...] Mesmo aqui em Recife o lazer está sempre na dependência do filho. Porque eu e ele já trabalha a semana inteira, né viaja muito, vai muito pra congresso agora mesmo eu e ele vamos viajar (a trabalho) então ficamos muito ausentes na vida dele, então a gente tenta suprir essa ausência no final de semana. Nunca a gente vai pensar em uma viagem de lazer se não for com ele, uma programação se não for com ele. Apesar de que a gente até peca um pouco porque fica muito centralizado na diversão dele e se esquece um pouco da gente. Nunca mais a gente parou para, estando aqui em Recife, ir num barzinho à noite, se vai pra algum restaurante a gente procura um lugar que tenha um parquinho, alguma coisa que ele goste pra suprir essa necessidade da ausência da gente (entrevistada n.4).

Pode-se destacar então que, de modo geral, o estar com os filhos no lazer em Gravatá é uma atividade que dá prazer, não se tendo registro nas falas de alguma atividade que destaque o “trabalho” que as crianças dão, ou que a atividade seja representada como um fardo, ou algo semelhante. Ao contrário, esse espaço de sociabilidade, de contato com a natureza parece permitir que a dimensão lúdica do lazer se mostre nas suas mais variadas formas, inclusive entre os adultos que passam a brincar, jogar e se divertir com e como as crianças. Há nesse lugar a possibilidade de se resgatar um pouco as brincadeiras que fazem parte da cultura popular como jogar pião, brincar com badoque - e que muitas crianças e adolescentes não

conhecem por causa dos avanços tecnológicos, dos brinquedos eletrônicos e da influência da indústria cultural.

Embora para Dumazedier (*op.cit.*, p.127) o lazer na família tenha se instalado no momento em que aparelhos como a televisão se integraram ao mobiliário doméstico, determinando “a mais importante revolução nas atividades domésticas e nas relações intrafamiliares”, é importante ressaltar que a TV não ocupa um lugar significativo como meio de divertimento para as crianças em Gravatá, com exceção dos dias de chuva em que não se pode estar ao ar livre.

[...] eles não dão bola pra televisão - isso pra mim é uma coisa extraordinária, a televisão vive desligada; pelo contrário, gostam de escutar música. [...] em Recife os meninos vivem ligados na televisão, vivem ligados (entrevistada n.3).

Outro aspecto a ser destacado é o educativo. Como na natureza o novo sempre surge e se renova com frequência as crianças são chamadas a participar de atividades com as quais não são familiarizadas tais como, remexer a terra, plantar, colher flores no jardim, conhecer a natureza para gostando dela, preservá-la.

Por exemplo, quando meus filhos vão andando ali por dentro, naquelas áreas em que ainda não têm condomínio, então a gente vai vendo cabra, passarinhos, tudo o que é bicho. E vai vendo as plantas e eu vou dizendo o nome das plantas pra minha filha, pro meu filho [...] aí a gente vai andando. Anda de bicicleta, coisa que aqui é impossível de fazer. Então, eu tive a necessidade de levar meus filhos pra uma convivência que eu acho mais saudável, mais pura com as pessoas de uma índole boa do interior, que ainda não têm tanta coisa ruim na cabeça (entrevistada n.52).

A família, instituição social básica da sociedade, aparece nas entrevistas como sendo o motivo maior para se ter uma segunda residência em Gravatá.

4.3.2.2. A família

Nada parece mais natural do que a família. Entretanto, para Bourdieu (2001, p. 127), a família é não só um princípio de construção social, como defende a etnometodologia, mas é ele próprio socialmente construído, sendo comum a todos os agentes socializados de uma certa maneira. Ou seja, ele é um

princípio comum de visão e de divisão, um *nomos*, que todos temos no espírito, porque ele nos foi inculcado por meio de um trabalho de socialização concretizado em um universo que era ele próprio realmente organizado de acordo com a divisão em famílias. Esse princípio de construção é um dos elementos constitutivos de nosso *habitus*, uma estrutura mental que, tendo sido inculcada em todas as mentes socializadas de uma certa maneira, é ao mesmo tempo individual e coletiva, uma lei tácita (*nomos*) da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social (e da palavra família em particular), fundamenta o senso comum (*ibidem*).

Para que a família mantenha sua unidade, sua integração, o sentimento de ser família é necessário “um verdadeiro trabalho de institucionalização” ritual e técnico, ao mesmo tempo em que visa instituir de maneira duradoura em cada um de seus membros, os sentimentos adequados à integração que é a condição de existência e persistência dessa unidade (Cf. BOURDIEU, *op.cit.*, p.129).

Na família começa a entrar essa questão do amor [...] agora [...] é muito difícil associar de pronto família com amor. Porque eu costumo dizer que os familiares, por acaso, são parentes da gente. Eu posso ter ou não aproximação. Aqueles que me são mais próximos, eu diria, amor. (entrevistado n.15)

Faz-se necessário, portanto, um trabalho simbólico com a finalidade de fazer brotar em cada um dos membros da família um “espírito de família” capaz de gerar dedicação, generosidade, solidariedade.

Acho que a família é o apoio, é o que você pode contar em qualquer situação, a pessoa certa, errada, bem ou mal, é família. O que se tem que valorizar é essa incondicionalidade, você tem que estar unido, tem que dar um jeito de estar junto mesmo (entrevistada n.6).

Na família (o importante é) “essa ligação, essa união, estar sempre presente nos momentos de lazer e de não lazer, nos momentos difíceis” (entrevistada n.8).

“Na família, o fundamental é que você possa compartilhar tudo: bens, alegrias” (entrevistada n.48).

A família é também o “lugar da confiança (*trusting*) e da doação (*giving*) - por oposição ao mercado e à dádiva retribuída [...]; o lugar onde se suspende o interesse no sentido estrito do termo, isto é a procura da equivalência nas trocas” (BOURDIEU, *op.cit*, p.126).

“Importante na família é o amor, estar com as pessoas, poder contar em qualquer situação” (entrevistada n.33).

Pode-se dizer que o lazer em Gravatá, por sua característica de lazer familiar, tem esse caráter integrativo e de consolidação dos laços familiares através dos encontros que promove e das oportunidades de estar junto que oferece. As refeições em família e com amigos são momentos de integração, como expressa uma entrevistada:

No condomínio [...] as famílias sempre são amigas, se confraternizam, estão sempre conversando, estão sempre fazendo refeições juntas, exatamente para ter esse convívio (entrevistada n.33).

Identifica-se a seguir, na tabela 5, que valores na família são essenciais para os entrevistados a partir de respostas dadas à pergunta: O que é valor na família?

Tabela 5. Valores da família

Valores da família	Percentual de respostas (%)
união	25,9
amor	24
respeito	14,8
apoio incondicional	13
solidariedade	3,7
sinceridade	3,7
confiança	3,7
compreensão	3,7
diálogo	3,7
honestidade	1,9
integridade	1,9
Total	100

A figura a seguir permite visualizar melhor que valores devem estar presentes e serem cultivados nas famílias, de acordo com sua importância para os entrevistados.

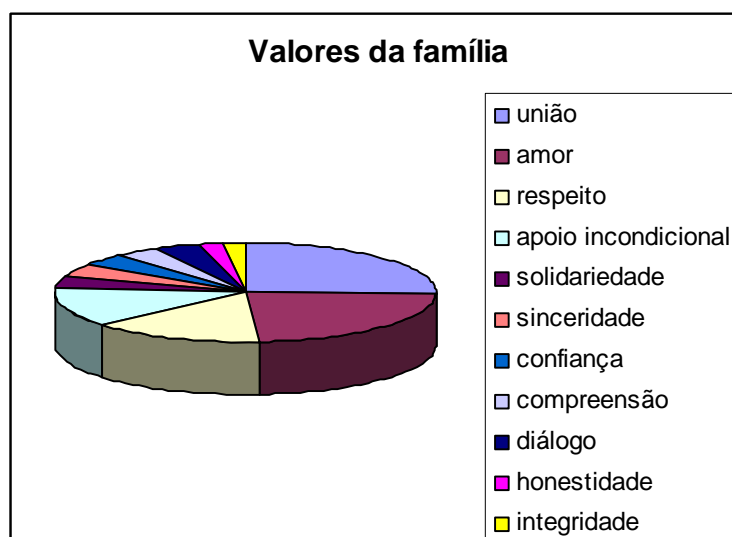


Figura 1 – Valores da família

Sabendo-se que são os valores que motivam as práticas das pessoas e podendo-se perceber nas entrevistas o valor que é dado à família pelos proprietários de segunda residência, entende-se, então, porque ela é a motivação maior das suas práticas.

A família está sempre associada a uma residência como lugar estável, que permanece. Bourdin (2001) chama a atenção para o fato de que as sociedades contemporâneas oferecem [...] uma afirmação sistemática do entre-si que influi na construção de sistemas residenciais. Essa procura do entre – si passa igualmente pela valorização de uma afetividade fundada nas relações primárias, como as encontradas na família. Parece ser justamente essa busca do estar junto, de conviver e partilhar, como quando se está em comunidade, que leva as pessoas a Gravatá.

O crescimento dos centros urbanos induz, muitas vezes, as pessoas a se distanciarem umas das outras, como decorrência de uma série de fatores. Grande parte do seu tempo é gasto entre o trabalho e o consumo. A violência que habita os centros urbanos faz com que muitos dos seus habitantes restrinjam suas relações interpessoais e se isolem no espaço privado da residência. A especulação imobiliária determina a ocupação das áreas mais valorizadas da cidade com grandes construções verticais de alto valor de mercado. As áreas verdes vão escasseando, os espaços de convivência se tornam cada vez mais restritos. Percebe-se uma tendência de busca de espaços mais amplos, onde se possa viver de forma mais livre e saudável com a família e os amigos. Esse tipo de comportamento predomina, sobretudo, nas pessoas adultas que já têm seus filhos adolescentes ou jovens, mas também é encontrado nos jovens casais que têm crianças e que por isso, sentem a necessidade de lhes propiciar um espaço para brincadeiras semelhante ao que eles tiveram.

4.3.3. A sociabilidade e o alimento

É importante ressaltar a importância do alimento enquanto elemento integrante da sociabilidade em Gravatá. É significativo nesse sentido, o fato de que, em um grande número de entrevistas, há sempre a referência ao alimento. As pessoas costumam se reunir seja na área comum do condomínio em momentos especiais de festa, como a Semana Santa e as festas juninas, como mostra o depoimento abaixo.

[...] na Semana Santa nós fizemos uma ceia, um momento de oração, uma ceia com os vizinhos. No São João, nós fizemos uma festa de São João. Todos estavam na festa, há partilha, todos levavam um prato (entrevistada n.5).

As pessoas se reúnem, ainda, pelo prazer de estar com os vizinhos no condomínio em torno de uma mesa para conversar, comer, beber, passar o tempo.

Quando está uma noite fria e gostosa se faz uma grande mesa na rua do condomínio, cada um vai trazendo suas bebidas, seu tira-gosto e se fica até de madrugada. Sem nada acertado, é assim (entrevistada n. 3).

A gente tem amizade, assim, a gente se junta [...] tem um quiosque, aí, vamos fazer um *fondue* [...] então vai tudinho, e leva tudinho (entrevistada n.4).

Mais intensa é a frequência com que se reúne a família em torno de uma refeição, de um petisco, um churrasco, no ambiente mais aconchegante da casa.

[...] quando vai mais gente da família, a gente fica fazendo refeição de manhã e na hora do almoço, nesse terraço da churrasqueira. Então de manhã, aí a gente já acende o fogareiro de carvão e fica fazendo o café e torrar o pão e fritar um ovo, fazer tapioca e assar o queijo, nesse fogareiro de carvão (entrevistada n.13).

[...] o alimento é muito gregário sempre foi e nunca vai deixar de ser, então eu acho que essa coisa da alimentação pesa muito. Às vezes as pessoas em

vez de irem a um restaurante, ligam pra mim e dizem Dora, o que é que você vai fazer hoje? E vai todo mundo pra lá. Como minha família é extremamente animada, então sempre meus filhos estão lá, com os namorados, os amigos, meu marido curte muito o som [...] então tem uma boa música, um bom vinho, e uma gostosa comida. Então, quem não tem muito o que fazer, vai pra lá mesmo, bater um papo, jogar conversa fora mesmo.(entrevistada n. 24)

O alimento é citado seja na forma de petiscos, para acompanhar uma bebida e uma conversa, de prato preparado especialmente para as noites frias, o “*fondue*”, com grande frequência sob a forma de churrasco, ou na referência a comidas típicas do interior.

[...] o angu de coco de manhã cedo, meu marido não abre mão, lá você procura resgatar mais as comidas regionais embora as tenha à mesa também na cidade, mas não com tanta frequência (entrevistada n.17).

Lá tem uma fazenda distante uns 3 km, chamada Siagra. A gente chega na sexta feira, vai lá comprar o queijo de coalho, de manteiga, de laço, justamente pra gente acompanhar o tira-gosto (entrevistado n.30).

A recorrência com que aparece o alimento nas falas dos entrevistados desperta a necessidade de uma reflexão sobre seu caráter gregário, referenciado inclusive por uma das entrevistadas que tem especial interesse pela gastronomia.

Para isso toma-se de empréstimo as idéias de Simmel que observa com muita propriedade que “[...] de todas as coisas que as pessoas têm em comum, a mais comum é que elas devem comer e beber. E precisamente isso, de uma forma admirável é a coisa mais egoísta [...] confinada ao individual”. E o autor continua desenvolvendo sua reflexão: “O que eu penso, eu posso comunicar aos outros; o que eu vejo, posso permitir que outros vejam, o que eu digo, pode ser ouvido por centenas de outros indivíduos – mas o que um único indivíduo come não pode, sob nenhuma circunstância, ser comido pelos outros” (2000, p.130).

No entanto, esse caráter de individualidade ressaltado pelo autor, não impede o emergir de seu caráter gregário. “A estrutura sociológica do alimento emerge quando se liga precisamente a exclusiva satisfação de comer, com a frequência do estar juntos e o hábito de se reunir em refeições comuns [...]” (*idem*, p.130). Assim, de simples evento fisiológico e primitivo, o compartilhar uma refeição eleva-se à esfera da interação social, passando a ter um significado que ultrapassa inclusive os interesses pessoais (Cf. SIMMEL, *op.cit*, p.132).

4.3.4. *Motivações sociais e valores no lazer*

Valores e motivações estão intimamente relacionados, uma vez que se faz necessária a interiorização dos valores a fim de que surjam as motivações que orientam as ações.

Já foi explicitado anteriormente, de acordo com Pronovost (1998), que valores estão presentes no lazer. O mesmo autor, com base em estudos empíricos realizados ao longo dos anos, propõe distinguir no mínimo nove categorias de motivações sociais; algumas diretamente relacionadas ao que se define como valores no lazer.

- ✓ Um primeiro conjunto de motivações sublinha a importância do contexto da atividade, a atmosfera, o ambiente. Nesse caso, as motivações se referem não à atividade em si, mas a alguns aspectos externos a elas.

“Valor no lazer é “não poluir o ambiente” (entrevistado n. 13); é

“usufruir o que a natureza oferece” (entrevistada n. 20).

- ✓ As motivações dizem respeito, muitas vezes, à idéia de prazer ou entretenimento como parte integral do lazer.

Vários entrevistados destacam como valores principais do lazer, “o divertir-se, a alegria, o prazer” (entrevistados n. 7, 9, 12, 19, 43, 45, 46).

- ✓ O lazer também pode ter o significado de escape da monotonia, da rotina das atividades diárias.

A rotina do dia a dia impõe uma série de compromissos. Por isso, alguns entrevistados colocam como valores do lazer “a quebra da rotina, o não ter compromisso, se desligar, sem a pressão do relógio” (entrevistados n. 23, 49, 53).

- ✓ As atividades de lazer tendem a ser, com frequência, consideradas como geradoras de relaxamento.

“Relaxar, descontraír, não ter compromisso com horário, esquecer as dificuldades, tirar as preocupações do trabalho” são valores presentes no lazer para os entrevistados n. 6, 27, 34, 38.

- ✓ Outra motivação é a busca de sociabilidade e interação, sobretudo entre as pessoas jovens.

Esse é um valor que é referenciado nas falas dos entrevistados, independentemente da faixa etária em que se encontrem.

Valor no lazer é “compartilhar com outras pessoas” (entrevistado n. 22);

“é estar com quem se gosta” (entrevistado n. 48);

é “conversar, tomar um bom vinho” (entrevistado n. 37);

viajar com a família (entrevistado n. 10);

“se distraír proporcionando a si e aos outros momentos de boa convivência” (entrevistado n. 36).

- ✓ Por outro lado, para alguns, lazer significa ficar só em alguns momentos, longe do barulho e das pessoas.

O depoimento a seguir revela bem o que a entrevistada encontra como valor no lazer:

Lazer é ter paz, poder ficar na companhia de filhos, de amigos e até se isolar. Porque tem horas que a gente está cansado de tudo, das obrigações de casa, de rua e aí a gente precisa de momentos de solidão pra deixar a paz entrar no coração (entrevistada n.32).

- ✓ Também tem sido definido como expressão de sentimentos e emoções.

Pode-se encontrar também a expressão de alguns sentimentos que afloram na prática do lazer e que são percebidos como valores: “alegria”, “disponibilidade de estar bem consigo”, “satisfação da liberdade de escolha” “curtir o momento” (entrevistados n. 33, n.24, n.40, n. 43, n.45, n.46).

- ✓ As motivações educacionais e culturais podem, outrossim, estar presentes no lazer.

“Em relação ao esporte, exercitar para melhorar a qualidade de vida em termos de saúde; e viagem, é conhecer novos lugares. Cada vez que você conhece um, é um novo desafio para querer conhecer outros” (entrevistado n. 12).

- ✓ O lazer é também relacionado à busca da saúde, do estar em boa forma, tanto física quanto mental.

Esse valor ou qualidade do lazer foi muito ressaltado, uma vez que as pessoas aproveitam a ida a Gravatá para fazer caminhadas, andar pelos

condomínios, cavalgar, entre outras atividades. “Manter a saúde do corpo e do espírito” foi o valor encontrado no lazer pelo entrevistado n. 8. “Equilíbrio emocional foi a resposta dada pelo entrevistado n. 16.

Essas são motivações sociais gerais, e a ênfase colocada em uma ou outra varia dependendo da atividade e do meio social.

4.3.4.1. As motivações para o lazer em segunda residência

Ter uma segunda residência em Gravatá foi o resultado de uma escolha, entre diversas outras possíveis, realizada pelos seus proprietários. Tal atitude influi no estilo de lazer uma vez que,

Todas as pessoas que participam de uma dada atividade, não o fazem da mesma maneira. As variações de estilo ou o modo de engajamento estão relacionados a fatores econômicos como custo e *costly distancy* (CHEEK; BURCH, 1976), e também à intensidade e orientações do engajamento. (GUNTER; GUNTER, 1980).

Entretanto, a um nível de vida idêntico – ou seja, à quantidade de bens e serviços de que pode dispor um grupo ou uma sociedade, podem, como diz Bonnewitz (2003, p.82) corresponder estilos de vida muito diferentes ligados, segundo Bourdieu, a *habitus* distintos. Entende-se por estilo de vida, “um conjunto de gostos, crenças e práticas sistemáticas características de uma classe ou fração de classe” (*idem*, p.82).

Na pesquisa realizada neste estudo a primeira pergunta feita aos entrevistados “**O que o levou a ter uma casa em Gravatá?**” - foi colocada no intuito de conhecer a motivação que orientou os proprietários a fazerem tal escolha. Resultaria ela da visível expansão imobiliária

na localidade? Seria fruto da influência de amigos ou parentes que ali possuem uma casa? Ou seria a casa em Gravatá percebida como um símbolo de distinção social?

Gilles Pronovost (1998) chama a atenção para a relevância das motivações sociais, uma vez que elas tendem a legitimar o lazer dentro do sistema de valores característico de cada sociedade.

É importante ressaltar que as motivações sociais, que Pronovost elenca como resultado de suas pesquisas, aparecem de maneira patente, também, na pesquisa levada a efeito em Gravatá. Em muitas respostas, os entrevistados enfatizam que ter uma casa em Gravatá não significa modismo, mas é uma questão de necessidade: necessidade do campo, de uma vida mais livre, de juntar a família em um mesmo espaço de lazer, de descansar, etc., como pode ser lido na resposta dada à primeira questão pela entrevistada n.33.

É necessidade mesmo. Há necessidade de conviver em família [...] de enxergar coisas que aqui você não enxerga justamente por causa do tempo e das obrigações e compromissos. Eu acho que é mais a necessidade de as pessoas se agruparem e conviverem. De ter uma vida melhor, mais calma, mais tranqüila (entrevistada n.33).

A tabela que se apresenta a seguir dá um indicativo dos principais motivos que levaram as pessoas a ter uma segunda residência em Gravatá, ordenados de acordo com a frequência das respostas à questão colocada. Como em alguns casos os entrevistados indicaram mais de uma motivação na definição da escolha da segunda residência, o total das respostas é superior a 100%.

Tabela 6. O porquê da escolha de Gravatá para a segunda residência

Motivação	Percentual (%)
Família – lazer	72,2
Tranqüilidade – quebra da rotina	64,8
Segurança	59,3
Natureza	44,4
Clima	44,4
Resgate da informalidade	40,7

A possibilidade de dar uma melhor qualidade de vida para a família, de reunir-se em um ambiente diferente daquele do meio urbano e compartilhar momentos de lazer em meio à tranqüilidade que a natureza oferece, justificam a escolha de Gravatá para o maior percentual de entrevistados. Os motivos mais fortes são a família e o lazer, uma vez que se sente a necessidade e a possibilidade de congregá-la. Associa-se em geral a ela, diz Pronovost, o contexto da atividade - a atmosfera, o ambiente. Nesse caso, as motivações se referem não à atividade em si, mas a alguns aspectos externos a elas como o espaço verbalizado como o verde, a natureza e que simbolizam um lugar tranqüilo, e a vida ao ar livre.

Lazer, descanso. Uma segunda opção de lazer e também para proporcionar isso para meu filho. Lá ele fica solto, ele anda a cavalo, anda de bicicleta e tem realmente contato com a natureza que aqui a gente não tem e pronto (entrevistada n. 4).

“A questão de você morar em apartamento, na cidade, você sente a falta do campo, da vida ao ar livre e [...] a necessidade de reunir mais a família” (entrevistado n. 11)

“O clima, a vida tranqüila e a família; tenho netos [...] a estrutura pede que a gente se afaste um pouco da vida daqui” (do meio urbano) (entrevistada n.1)

“Ah, lazer (risos), campo, eu gosto muito de jardim, eu sou do interior”(entrevistada n.7).

4.4. Estilo rural e o significado da casa

Nessa análise há um dado que aparece como relevante: nas respostas dadas às entrevistas, algumas pessoas colocam de forma espontânea a sua ligação com o interior, com o campo, seja por serem oriundas do meio rural, ou por terem vivido parte de suas vidas no campo, como expressa o depoimento a seguir.

Desde criança sempre gostei muito de interior [...]. Tive oportunidade de conhecer Gravatá, um clima muito agradável e fiquei com aquilo em mente. Um dia, quando eu puder, eu vou ter um espaço ali pra desfrutar essa natureza legal (entrevistado n. 29).

Embora nenhuma questão tenha sido diretamente relacionada a esse aspecto, a frequência dos comentários feitos durante a realização das entrevistas conduziu o pesquisador ao interesse por esse dado. Constata-se, então, que as pessoas que declararam sua ligação com o meio rural, ou com o interior correspondem a 25,9% dos entrevistados. Pode-se inferir, nesse caso, a influência do *habitus* e de sua orientação nos comportamentos desses indivíduos que escolhem o meio rural para vivenciar um estilo de vida diferente com a família.

De acordo com Wanderley (2000b) “as pessoas atribuem um significado profundo ao meio rural, visto não de forma abstrata, mas em função de suas trajetórias individuais, que englobam as experiências passadas e as escolhas presentes e futuras”.

Acredita-se que o “campo” enseje uma vida onde a comunicação entre as pessoas se faça mais facilmente, não em decorrência de maior sofisticação tecnológica, mas, pela possibilidade de contatos mais intensos e diretos entre as pessoas.

Segundo Bell (*apud* WANDERLEY, p.106), a população acredita nas diferenças entre o mundo rural e o mundo urbano, que se expressam particularmente por ser o campo mais comunitário e a vida rural mais próxima da natureza [...]. Nesta escolha (de onde viver) prevalece a valorização do que é percebido como particularidade do meio rural, em especial no que se refere à proximidade com a natureza e ao estilo de vida nele dominante; trata-se de uma vida considerada mais tranqüila, onde as relações sociais são baseadas no conhecimento pessoal e onde se pode viver “a vida como era no passado”.

Dois trechos de entrevistas retratam bem essa realidade evidenciada por Wanderley na citação acima.

Você tem contato com o povo da localidade, a feira [...]. Ah, a feira, é extraordinária, é uma das coisas boas de Gravatá é a feira. Não deixamos de ir à feira, porque compramos mercadorias produzidas lá, muitas vezes a grande parte sem agrotóxico, e é muito gostoso, sabe, a gente conversar com o feireiro, o produtor, saber da vida dele, é muito bom. Frutas que não existem por aqui como o oiti da mata, sempre aparece [...]. Tenho certeza que você nunca nem ouviu falar em oiti da mata (entrevistado n.19).

O que a gente gosta é da tranqüilidade [...]. As pessoas da comunidade [...] a caseira da gente, já está lá há uns 14 anos. Ela se tornou quase uma amiga, um parente. Porque ela leva os problemas dela, participa das festas, enfim, aquela coisa do interior, eu acho importante. Eu acho fantástico, por exemplo, participar da festa da padroeira, aquela coisa bem rústica [...]. Essas pessoas são mais simples, preservam a tradição, são mais simples nos contatos humanos, até (entrevistado 27).

Gravatá é associada à natureza, e oferece um bom clima, onde, como os municípios situados na área rural, a população tem um ritmo de vida totalmente diferente daquele da cidade grande. O verde e as flores dos jardins enfeitam a paisagem e resgatam a memória da infância vivida em áreas interioranas, ou em casas com árvores frutíferas e jardins. O local se

mostra aconchegante e oferece aos moradores de temporada, ou, de finais de semana e feriados, a possibilidade de realizar projetos pessoais, como dar uma melhor qualidade de vida à família, simplesmente descansar, relaxar da labuta diária e conviver, ser sociável, ser mais autêntico.

Eu gosto muito de estar em contato com borboleta, cabra, ver cavalo, coisas que a gente não observa muito aqui E lá não, você tem um céu lindo, sempre limpo, um clima maravilhoso, aquelas montanhas com aquelas casinhas, o gado pastando, é todo um visual diferente [...]. Isso traz um benefício muito grande pra gente, sabe? [...] Traz mais tranquilidade (entrevistada n.33).

O que se percebe, portanto, é que a necessidade de escolha - associada à idéia de vontade e liberdade - surge quando se ampliam as chances de vida e, portanto, o espaço de autonomia individual. Como diz Mellucci (2004, p. 63), “quando nos colocamos diante da possibilidade de mudança, é porque alguma coisa do presente não nos basta, não nos satisfaz, limita-nos. A mudança é, portanto, uma meta que desejamos, sobre a qual nos projetamos à procura do novo e do diverso”.

A busca de segurança aparece como a terceira motivação mais importante para se ter uma segunda residência em Gravatá conforme aparece indicado na tabela 4. Sabe-se que a violência ronda e ameaça os habitantes das cidades.

Entre os conflitos sociais atuais, diz Giddens (1996, *apud* TAVARES DOS SANTOS, 2002) crescem os fenômenos da violência difusa e as dificuldades das sociedades, e dos Estados contemporâneos em enfrentá-los. O medo gera incertezas de toda sorte diante do amanhã.

Aqueles que têm condições econômicas partem em busca de um local onde possam sentir-se mais seguros com sua família para vivenciar o lazer. Parece, pois, pertinente colocar a vivência de um lazer mais seguro como símbolo de distinção social.

Que mudanças ocorrem na percepção do lazer dos proprietários de segunda residência, a partir do momento em que eles passam a ter um lugar seu, em Gravatá?

Olha, só sair dessa loucura de Recife, ter para onde ir, um lugar que é seu, um lugar que é a sua casa, porque você ir para um hotel, uma pousada, nem sempre é bom, porque nem sempre é a sua cara. Tem sempre alguma coisa a desejar e lá não, lá é a minha cara, com o que eu coloquei, o que eu preciso, de acordo com minhas necessidades (entrevistada n.4).

Em Gravatá não; você para tudo e se desliga. Então o final de semana não parece final de semana. Fica longa. Porque é um canto seu, você pode chamar quem quiser, ter seus convidados, que é diferente de hotel; às vezes é até mais dispendioso do que se você fosse para um hotel, pela quantidade de vezes que a gente vai, mas é muito impessoal. Mas aí não, eu gosto, eu gosto de tornar ao campo que é tão acolhedor (entrevistada n.23).

É pertinente afirmar que a casa é percebida como um lugar de identidade. As pessoas conseguem se ver nela; há um toque pessoal que a identifica e que a torna familiar, acolhedora, diferente de quando se está hospedado em um hotel, ou de quando se permanece em Recife nos finais de semana, porque as pessoas não conseguem se desligar da rotina.

A posse de uma segunda residência parece trazer mais autonomia pessoal, respondendo, também, à necessidade de segurança ontológica,²⁸ como pode ser percebido

²⁸ Segundo Giddens (1991, p.95-104) a segurança ontológica se refere à crença que a maioria das pessoas tem de sua auto-identidade e da constância dos ambientes de ação social e material circundantes. [...] Ela diz respeito ao sentimento que temos sobre a continuidade das coisas e das pessoas; um sentimento inculcado desde a infância e que se vincula à rotina e à influência do hábito. A necessidade de segurança ontológica produz um novo ambiente de confiança.

nos fragmentos de entrevistas que estão colocados a seguir.

É, nos termos de melhor qualidade de vida, e tranquilidade. Em Recife a gente se sente assim [...] oprimido, amedrontado também, porque você não tem mais aquela possibilidade de sair e se sentir protegido. Você se sente desprotegido. Ao estacionar o carro você não sabe se na volta vai encontrar o carro no local, pode ser assaltado [...] e nesse lugar não, você se sente mais pessoa, mais gente. Inclusive, a própria comunidade do interior trata você de outra forma: ainda existe aquela questão de cumprimentar e estar mais próximo de você (entrevistado n.29).

Gravatá me deu tranquilidade, me pegou em uma fase de transição já entrando nos quarenta, essa coisa toda, em que você, por si só, já começa a refletir, a mudar os hábitos seus, e Gravatá pra mim foi muito salutar nesse sentido. Lá é realmente o meu descanso; eu digo que é minha terapia individual (entrevistada n.24).

Traz também alegria, qualidade de vida, a sensação de estar bem que decorre de um contato mais direto com a natureza, que é vida em si mesma e que permite aos que estão em relação direta com ela, realizar um aprendizado: admirar o belo, relaxar, conviver com a simplicidade que existe no estilo de vida rural. É o que expressam as falas dos entrevistados.

Pra mim foi uma alegria ter um local pra viver em relação direta com as plantas, com a natureza; moro em apartamento. Então, basta, na cidade a gente já vive com calor, ar condicionado e lá temos o ar puro, da natureza, sem a intervenção da técnica (risos) (entrevistada n.7).

Antes, a válvula de escape que a gente tinha era só aqui na cidade. A gente ia, ou pro *shopping* com as meninas, ou ia pro cinema; não que a gente não faça isso; a gente faz isso sempre que a gente pode. Mas, a vida no campo é bem melhor, mais tranqüila [...] A mudança está justamente na qualidade de vida, pra mim, meu esposo e minhas filhas. Porque o apartamento faz a gente ficar muito preso e a gente precisava ter essa válvula de escape pra nossos filhos. Lá eu procuro acordar mais cedo pra poder curtir o nascer do sol, caminhar; e lá eu adoro, quando eu abro a porta, cinco e meia, seis horas, tá um monte de passarinho [...] aprendi a valorizar mais a vida (entrevistada n.10).

É você ter aquela opção de descansar, de sair da cidade grande, de você se renovar [...] sair do ambiente do trânsito pesado, das buzinas e do ambiente de trabalho propriamente dito. Hoje lá em Gravatá, a gente encontra até as pessoas daqui. A gente encontra clientes, em Gravatá funcionários, no lazer em Gravatá, nos restaurantes e encontra de uma forma diferente, até convida pra tomar um wiskezinho, pra cumprimentar, não é pra falar de negócios. A gente até convive com as mesmas pessoas, mas de uma forma diferente. É um benefício que traz você ter esse recanto de lazer, fora da cidade em que você mora (entrevistada n.48).

A casa em Gravatá gera nos proprietários uma percepção diferente e sensações renovadas em relação ao tempo livre, sobretudo nos finais de semana:

Os fins de semana que eu odiava, passaram a ser esperados com ansiedade” (entrevistada n. 3)

[...] o problema de eu voltar na segunda a Recife, é ver minha filha entristecida, chorando, porque vai voltar; meu marido desce a serra sem dar uma palavra, porque está contrariado, porque está voltando [...] então, há uma insatisfação por se deixar esse momento de lazer. Então a gente diz, vamos logo fazer a programação da semana que vem. A gente agora está fazendo como vendedor, que deixa sempre uma coisinha pendente pra poder voltar, então a gente tá fazendo isso agora [...] pra ter no subconsciente a certeza que vai voltar (entrevistada n. 45).

É possível depreender que a posse de uma segunda residência em Gravatá dá novo sentido à vida das pessoas. Com o intuito de esclarecer melhor o que se afirma é que se faz apelo, neste texto – ainda que *en passant* - a Jovchelovitch (1998).

O ato significativo é um ato de construção de um sentido que alguém dá a alguma coisa. Pelo fato de o simbólico não coincidir plenamente com o objeto e jamais o esgotar completamente, decorre daí que, o simbólico é uma representação do objeto. (Cf. JOVCHELOVITCH, 1998, p.76). Portanto,

Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais (*ibidem*, p.77).

Ou seja, a significação é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico (JOVCHELOVITCH, *op.cit*, p.78). Isso significa que não há possibilidade de formação simbólica fora de uma rede de significados já constituídos (*idem*, 2000, p.78); significa também dizer, que há inúmeras possibilidades de novas significações, de acordo com o lugar em que o indivíduo se insere na sociedade e da extensão da rede intersubjetiva constituída. Assim, para os proprietários de segunda residência em Gravatá a casa é representada de formas diversas como sendo:

“Um refúgio para a reunião da família, dos filhos” (entrevistado n.30).

“Um descanso e minha aposentadoria” (entrevistada n.31).

“Uma conquista” (entrevistada n.32).

É um espaço aconchegante, pra sair do dia-a-dia, da rotina; é um espaço aconchegante, faço dela um espaço acolhedor. A gente procura botar lá tudo o que a gente gosta: um bom som, eu e meu marido a gente assiste muito filme, toma um bom vinho, ali a cidade é pitoresca, então é um *relax*, ela é a quebra da rotina (entrevistada n.23).

A casa, aqui entendida como segunda residência, é uma das categorias sociológicas fundamentais para o entendimento das relações entre as práticas de lazer no espaço social rural e o estilo de vida na sociedade contemporânea objeto de estudo desta tese.

Diz Da Matta (1997) que o simbolismo da casa e pela casa é extenso na sociedade brasileira. Para ele, o espaço da casa somente se define e se deixa apanhar ideologicamente com precisão quando em contraste ou em oposição a outros espaços e domínios. Gilberto Freyre, por exemplo, a relacionou à senzala e aos mocambos.

Neste estudo, a casa como segunda residência muitas vezes tem qualidades que são dadas ao meio rural ou ao município de Gravatá, no qual está localizada. Acontece nesse caso, aquilo que Louis Dumont (*apud* Da MATTA, *op.cit.*, p. 17) chama de “englobamento, operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas.”

Esse “englobamento” pode ser identificado em um trecho de entrevista em que a pessoa fala sobre o que a casa em Gravatá significa para ela.

Primeiro a gente desfez a casa e construiu de novo: a gente construiu, plantou, botou flores, o clima é ótimo em Gravatá, é um lugar em que a gente relaxa, pensa, anda, caminha, pesca, tem um açude com peixes, eu estudo, eu fiz meu mestrado estudando o tempo inteiro lá. A casa tem um primeiro andar e eu subia, pronto. O mundo ficava lá fora e eu lá. Então, é um lugar de paz, e Gravatá tem tudo, a cidade de Gravatá tem tudo que preciso (entrevistada n.18).

Uma casa, em geral, retrata o modo de vida e a personalidade de quem a habita. Indiscreto, diz Certeau (2003) “o *habitat* confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala sempre e muito: sua situação na cidade, a arquitetura do imóvel, a disposição das peças, o equipamento de conforto, o estado de manutenção”.

Essa casa significa muito pra gente, até porque quando a gente a comprou ela era muito pequena e aí a gente juntou um dinheiro, a gente fez uma reforma, era uma casinha pequena, agora é uma casa grande, tá dando muito mais conforto pras nossas filhas, pra gente, nossos parentes, nossos amigos,

porque a gente procura tá levando alguém pra curtir, pra conhecer [...] (entrevistada n.10).

Desse fragmento de entrevista pode-se inferir algumas representações da segunda residência: é um projeto que foi gestado com certa dificuldade e que aconteceu e cresceu como uma planta cresce e precisa de cuidados, assim como a família, que é o essencial. Portanto, a casa parece ser representada como o lugar da família, da afetividade, da realização de si. Mas é também um investimento de capital econômico e social.

Deve-se ressaltar, entretanto que, embora percebendo esse sentido de distinção social e econômica na significação da casa nas entrevistas, o peso mais forte, pelo fato de a casa estar instalada em um ambiente rural – que permite aos agentes desembaraçarem-se de seus rituais de papéis sociais de classe urbanos – é o da sociabilidade e dos valores individuais e humanos, conforme indica a tabela 7.

A casa para alguns tem o significado de lazer, no sentido de liberdade de escolha do que fazer, e de integração.

Olha, a casa em si para mim é lazer. Casa igual a lazer. É eu poder chegar lá não ter um computador, querendo que eu vá trabalhar, não ter telefonemas, porque quando me telefonam eu digo que não posso atender, eu estou em Gravatá, então para mim foi, sobretudo, lazer. Eu ficando em casa, eu trabalhava de domingo a domingo. A casa está servindo para um ponto de reunião: a avó, os filhos, os netos. Isso é bom. Ah, os amigos sempre chegam por lá. Chegam à hora que querem, saem à hora que querem (entrevistada n.3).

Tabela 7. O que a casa representa para seus proprietários

Significado da casa para os proprietários	Percentual (%)
Lugar que congrega a família e se recebe amigos	37
Vida tranqüila, paz	29,6
Descanso, relaxamento	16,7
Válvula de escape da rotina, da cidade	11,1
Refúgio, retiro	7,4
Conquista, realização	3,7
Liberdade	3,7
Lugar para morar quando se aposentar	3,7
Aconchego	3,7
Reconstrução de vida	1,9

Pode-se dizer, tomando como base os depoimentos dos entrevistados que a casa em Gravatá é representada como um lugar de vida. Um lugar onde ocorre a conjunção do natural e do social e cuja importância pode ser percebida através do estar – junto. Para Bourdin (2001), “as sociedades contemporâneas oferecem a escolha entre, de um lado, a procura das vantagens da mobilidade [...] e de outro, uma afirmação sistemática do entre-si que influi na construção dos sistemas residenciais, e mais além, da organização social por inteiro”.

Também convém ressaltar aqui, dois espaços especialmente significativos na casa: o terraço e o jardim.

O terraço se mostra essencialmente como o lugar dos encontros, da sociabilidade. É nele que se encontram as pessoas da família, os vizinhos, os amigos, que se balança em uma rede, que se joga conversa fora.

Saint-Hilaire (1975), que esteve no Brasil no século XIX, refere-se às formas de ocupação e utilização dos espaços das casas como as varandas e os jardins, que de certa forma retratavam a organização social da própria sociedade brasileira. A esse respeito, descreve Da Matta (1997) citando Saint – Hilaire:

A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente de sua casa uma galeria ou varanda, formada pelo teto que se prolonga além das paredes, e é sustentado por colunas de madeira. Fica-se geralmente nessas galerias e, em todas as estações, aí se respira um ar fresco, igualmente ao abrigo da chuva e do ardor solar.[...] Os jardins, sempre situados por trás das casas, são para as mulheres uma fraca compensação do seu cativeiro, e, como as cozinhas, são escrupulosamente interditados aos estrangeiros.

A sociedade brasileira passou por um processo de mudanças que se fez acompanhar de transformações significativas nos usos dos espaços pelas pessoas, assim como de seus costumes. O acesso aos espaços de uma residência, por exemplo, já não reflete mais em uma família, a situação de hierarquia e de submissão, sobretudo da mulher.

Ao contrário, a percepção do espaço da casa, é de liberdade, de realização, de integração da família. O jardim pode até se localizar no fundo da casa, conforme descrito por Saint-Hilaire, mas em Gravatá, é comum que ele preencha todo o entorno da casa. Para muitos, ter um jardim em casa, cuidar das plantas, ter um terraço, um espaço maior e aberto - diferente do ambiente dos apartamentos no meio urbano, significa um resgate de um passado não muito distante, que traz boas recordações da infância, do tempo em que se morava em casa.

[...] o hábito, vamos dizer, de lidar com as plantas, essa coisa com a natureza, eu vim de interior, nós morávamos numa casa com jardim grande, então, mamãe sempre gostou muito e esse hábito eu já adquiri desde criança, quando via mamãe cuidar do jardim. Então, não foi um hábito assim adquirido, mas um hábito que pode [...] de fato houve uma condição de poder continuar com ele e até de incrementá-lo (entrevistada n.7).

4.4.1. A casa em condomínio

As casas dos proprietários de segunda residência em Gravatá podem ser categorizadas como casas em condomínio, ou, casas fora de condomínio, ou isoladas. Em ambos os tipos, a segurança é destacada nas falas dos entrevistados. A segurança pode, por um lado, significar distinção, mas por outro, produzir as condições de isolamento necessárias a um certo tipo de sociabilidade e liberdade individual e familiar.

As falas dos entrevistados indicam que a casa em condomínio significa, principalmente, segurança. As pessoas têm a sensação de estar protegidas, assim como seu patrimônio, pelo fato de haver empresas ou pessoas encarregadas de prestar esse tipo de serviço.

A casa no condomínio significa segurança. Porque no condomínio você tem uma guarita, tem sempre um vigia, sempre tem uma pessoa de guarda; a sensação é de que você está mais segura (entrevistada n.5).

Sabe-se que essa necessidade de segurança decorre, sobremaneira, da violência que atinge a todos no meio urbano. As pessoas buscam, por isso, se refugiar em um lugar de paz, de tranqüilidade, uma vez que a maioria dos entrevistados ainda percebe e sente Gravatá como um lugar relativamente seguro. A proximidade das casas e a convivência entre as pessoas permitem que a solidariedade esteja presente em casos de necessidade, o que reforça a sensação de segurança.

Eu acho que condomínio traz mais segurança; eu me sinto mais segura, porque além de ter os empregados que fazem a vigilância, eu tenho sempre alguém, algum vizinho, porque, se acontecer alguma coisa alguém pode socorrer. E numa casa separada é complicado. E eu já vivenciei isso e sei que não é bom (entrevistada n.39).

Nos *privés* ou condomínios, a área é delimitada e há uma guarita que controla a entrada. Embora para Baudrillard a segunda residência seja indicativa de uma segregação no *habitat*, uma demarcação social dos espaços (MELO, p.140), os seus proprietários se percebem como “iguais” o que de certa forma, permite que se tenha um ambiente mais propício à convivência.

No condomínio você tem uma liberdade dentro porque a estrutura é maior e isolada [...]. Porque quem tá lá no condomínio já se conhece: um vai pra casa do outro, um faz um churrasco, o outro faz uma coisa à noite, então a convivência é próxima (entrevistada n.17).

Os entrevistados também destacam a importância do convívio com as pessoas, da relação de vizinhança, uma vez que a exigência do tipo vertical de moradia nas sociedades modernas, aliada a outros fatores sociais e econômicos vem enfraquecendo ou mesmo anulando esse tipo de relação.

O que eu gosto realmente é de poder estar ali em contato. De vez em quando a gente vai ali na porta da casa de um, quando está passeando encontra uma pessoa, [...] conversa, [...] as novas amizades que a gente fez com aquelas pessoas, que são amizades que às vezes não se restringem só a ali; no Recife a gente se encontra também (entrevistada n.12).

A gente está buscando o que era Recife no passado, uma vez que a gente não pode conviver com vizinhos, não visita o vizinho, não tem mais amizade com ninguém, todo mundo com medo de todo mundo, lá a gente está tentando ver se resgata esse passado de vizinho, de cadeira na calçada [...] (entrevistada n. 37).

O lazer em Gravatá é a partilha com vizinhos e aqui (no meio urbano) não existe isso, não é? Aqui onde eu moro, no prédio onde moro, eu não divido meu lazer com os vizinhos. Porque nós temos assim, vidas individuais, projetos individuais. E lá não, lá o projeto é coletivo (entrevistada n. 5).

Há, portanto, também, a referência à partilha, à sociabilidade, ao viver em comunidade, ao resgate da vida tranqüila, da cadeira na calçada, de valores, comportamentos e atitudes que fazem parte de um tempo passado que traz boas recordações e que as pessoas tentam revivê-lo em Gravatá. Embora muitas vezes as referências à casa e ao condomínio se confundam, o que se percebe é que a casa em si é referenciada mais como o lugar de reunião, sobretudo, da família. A casa no condomínio parece envolver, por sua vez, uma maior amplitude que rebate no estabelecimento e ampliação dos laços e do convívio com os vizinhos.

[...] o intuito de nossa casa foi mais pra gente, pra família. Então eu acho que a gente não tem muitos amigos que freqüentem, porque aquilo ali foi um investimento, não foi barato [...] uma coisa cara que a gente teve com muito sacrifício, que a gente batalha pra ter [...]. Amigos só de vez em quando (entrevistada n.4).

No condomínio é o lugar em que você tem a parte de socialização maior, contatos mais íntimos com as pessoas, porque praticamente as pessoas vivem com você ali (entrevistada n.33).

Um aspecto a ser ressaltado é que a racionalidade e o cálculo estão mediando o discurso sobre a casa no condomínio. Este, além de ser um lugar onde as pessoas sentem-se seguras, é também um espaço que oferece uma série de serviços que custam menos, pelo fato de serem coletivos.

[...] o custo, acredito que fique mais interessante no condomínio, apesar de você ter a despesa mensal, mas você teria que ter um vigia, sozinha e [...] eu acho que é bem mais prático; mais prático e mais seguro. E o investimento também é menor. Porque se você pensar numa casa fora do condomínio, você vai ter que gastar mais com lazer, vai ter que fazer todo o seu lazer, né,

quadra disso, quadra daquilo, piscina, e acho que comercialmente também não é tão bom não, até pra repassar mesmo, no que você quiser se desfazer, não deve ser legal (entrevistada n.6).

[...] dentro de *privé*, porque eu tenho toda uma estrutura. Fica mais fácil pra mim. Nós temos cozinha, temos arrumadeira; dentro do próprio *privé* eu tenho sauna, tem duas piscinas e isso aí não me leva a fazer nenhum tipo de manutenção, porque eu não sei bater um prego dentro de casa, uma lâmpada, eu não troco [...] lá eu tenho toda essa estrutura. E o que é mais importante, é a segurança. Agora, o que é que ocorre: eu sou de classe média e a classe média nesses últimos anos teve realmente uma queda muito grande em valores financeiros e uma casa fora, além de não me dar esse conforto, dá uma despesa. Porque, se você quiser ter um lazer com segurança, você tem que ter uma eficiente tropa de combate, não só de segurança, como também de caseiros. E você num *privé*, já diminui até em termos de numerário, as despesas. Pra mim, é dispendioso, não tenha dúvida, é dispendioso, mas uma casa isolada é muito mais (entrevistado n.41).

A praticidade também é destacada, uma vez que não há necessidade de preocupar-se com a manutenção principalmente dos equipamentos coletivos ou com problemas outros que venham a surgir, pois há quem se encarregue disso.

[...] a gente paga pra chegar lá e estar tudo pronto. E a partir do momento que você compra uma casa você tá preocupada com segurança, com empregado, vínculo empregatício, né, e aí foi opção da gente. Não se preocupar, descanso, desligar, não se preocupar se faltou material da piscina, faltou adubo pra planta, se o empregado está doente, vou ter que arranjar outro porque não tá fazendo o serviço [...] a gente não tem esse tipo de preocupação (entrevistada n.4).

Não se pode afirmar, no entanto, que estes depoimentos expressem a percepção de todos os entrevistados proprietários de segunda residência, uma vez que alguns deles têm casas que não fazem parte de *privé*, ou, condomínio. É, portanto, pertinente neste momento da análise expor a percepção desses proprietários em relação ao porquê da não escolha de uma casa em condomínio.

Dentre os motivos citados destacam-se:

a) O desejo de ter liberdade dentro de seu espaço.

Por que uma casa fora de condomínio? Porque condomínio tem que ter regras. Não é que eu seja contra obedecer às regras. Eu queria ter liberdade dentro de meu espaço. Num condomínio eu não ia poder criar meus bichos; eu não ia ter oportunidade porque eu ia incomodar meus vizinhos. Eu nem queria incomodar meus vizinhos, nem tampouco ser incomodada. Então dentro do loteamento eu muro e dentro do meu muro eu posso ter mais liberdade sem incomodar meus vizinhos. É uma liberdade que num condomínio você certamente não tem (entrevistada n.13).

b) A percepção de que nas casas em condomínio não se tem privacidade.

Quando a gente comprou o terreno, a gente conseguiu um preço muito interessante e na época, há mais de quinze anos, não se tinha muita proliferação de condomínios não. Eram pouquíssimos os condomínios. A questão da privacidade, a gente não tem em casas de condomínio. (A casa significa) não só o meu lazer, mas a parte de relaxamento, é a parte onde eu exercito a minha culinária, certo? E perspectivas de futuro. Eu imagino assim, daqui a mais um tempo, aparecerem meus netos e eu me aposentar, eu passar a maior parte do tempo lá (entrevistada n. 24).

Em condomínio você tem que viver em coletividade. E o vizinho está na piscina, querendo ouvir um som alto [...] e na casa da gente não, é super isolado fica de frente pra um açudezinho, que é um projeto de uma praça e tem casa dos três lados, todas isoladas e isso também ajudou a gente a escolher essa área. Pra mim (essa casa) é o descanso e minha aposentadoria. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar vou morar (entrevistada n.31).

c) A possibilidade de estar em contato mais próximo com a natureza.

Desde criança sempre gostei muito do interior. Mas aí, tive oportunidade de conhecer a cidade de Gravatá. Um clima muito agradável e fiquei com aquilo em mente: um dia quando eu puder, eu vou ter um espaço ali pra desfrutar essa natureza legal. [...] Aí com o passar do tempo tive oportunidade de comprar dois terrenos, depois comprei mais um terreno e construí uma casa em Gravatá. E, até hoje, graças a Deus, estou cada vez mais apaixonado. (A casa) significa *relax*, liberdade, desobrigação mesmo com o dia a dia, com a rotina, que já é bastante exaustiva [...]. Então essa casa de Gravatá tem o sentido de *relax* mesmo: de reunir amigos, curtir o clima, andar a cavalo, e curtir mesmo a natureza (entrevistado n.29).

Os trechos de depoimentos de alguns entrevistados proprietários de segunda residência em Gravatá, mas não localizadas em *privés* ou condomínios, permitem compreender o motivo da escolha do local da segunda residência. Há a percepção de que morar em um condomínio é estar sujeito a regras que muitas vezes estão na contra – mão daquilo que eles gostam como, por exemplo, criar animais. A idéia de liberdade é destacada no sentido de fazer o que se deseja sem incomodar ninguém, nem ser incomodado ou tolhido na realização de seus desejos.

Observa-se que, quer se trate da posse de uma segunda residência em condomínio, ou, em *privé*, é notória a sociabilidade que o ambiente de Gravatá permite, uma vez que nas cidades maiores “a superposição de carências tem levado a uma degradação dos padrões de sociabilidade, a um aumento da conflitividade e da violência [...] a uma cultura de medo generalizado que se transformou num dos princípios organizadores das cidades contemporâneas” (AMENDOLA, 2000, *apud* INAIÁ, 2005).

Esse é o principal motivo que faz com que as pessoas que têm casa em Gravatá sintam-se mais felizes, tranqüilas e relaxadas, quando lá estão usufruindo o aconchego do lugar que prepararam para congregar a família e receber os amigos mais próximos.

O fato de a casa estar situada em um ambiente rural permite aos agentes desembaraçarem-se de papéis sociais de classe urbanos. O fato de se poder ficar mais à vontade, sem os controles rígidos do ambiente de trabalho evidencia o significado maior da sociabilidade, em combinação com os valores individuais e humanos, que para muitos faz parte de um passado que recordam com certa nostalgia e que procuram resgatar atualizando esses valores e partilhando-os com a família.

O estudo realizado com proprietários de segunda residência em Gravatá desvela, ainda, a existência de um tempo-espaço híbrido onde o *status* de classe deixa transparecer em alguns comportamentos o *habitus* de classe, o gosto mais refinado expresso em algumas escolhas, como do tipo de vinho que se bebe quando a noite está fria e convidativa para uma noitada de queijos e vinhos, ou de um lugar seguro e aconchegante para vivenciar o lazer com a família. Expressam, também, o estilo de vida dos agentes e se tornam cada vez mais o produto de uma “estilização da vida”. (Cf. BOURDIEU, 1983).

CONCLUSÃO

O estudo realizado com proprietários de segunda residência em Gravatá permite tecer algumas considerações finais como resposta à indagação inicialmente colocada: “É a posse de uma segunda residência um símbolo de distinção social ou um espaço de sociabilidade?”

A segunda residência é fortemente um fator de distinção social para os agentes, mesmo quando eles falam de suas relações conscientes.

Ter uma segunda residência indica um estilo de vida distinto e distintivo. Para Bourdieu (1979/2002), o gosto enquanto uma propensão e uma atitude de apropriação – material ou simbólica-, de uma determinada classe de objetos ou de práticas, permite que o indivíduo perceba seu lugar e o lugar dos outros na ordem social. Pelo fato de ser resultante de condições associadas a uma classe particular de condições de existência, o gosto congrega todos aqueles que são produto de condições semelhantes.

Pode-se dizer que no espaço de segunda residência se tem a convivência de tipos diversos de classe média, onde convivem, inclusive, pessoas do setor produtivo rural com profissionais da grande metrópole. A renda, o estilo e o interesse por esse tipo de lazer, cria na segunda residência, uma hibridização. Caracteriza-se por ser um espaço heterogêneo, no que concerne o pertencimento da classe média urbana ou rural, uma vez que convivem em um mesmo espaço de condomínio, por exemplo, um proprietário de engenho, a dona de um antiquário, advogados, entre outras pessoas.

É possível perceber várias estratégias de classe média no sentido de demarcar a diferença e, portanto se distinguir socialmente. A distinção se faz presente na escolha da localização do condomínio, ou do espaço de segunda residência em áreas economicamente

mais valorizadas Também se mostra na seleção do espaço tomando-se como um dos critérios as profissões exercidas pelas pessoas que ali têm uma casa. Isso porque esses agentes dão alto valor à aquisição da segunda residência enquanto símbolo de *status*, ou mesmo, de um estilo de vida que evidencia maior qualidade. Para essas pessoas, a valorização da estética e do conforto da casa é fundamental, não só como resposta às suas necessidades, mas também como forma de reconhecimento e distinção social.

O gosto, por sua vez, tem uma íntima relação com o *habitus* de classe, pois “o conjunto de disposições para agir, pensar e perceber não é inato, mas, adquirido durante a trajetória social dos indivíduos. Em consequência, segundo a lógica de Bourdieu, a propensão para se realizar escolhas ou ações de “bom gosto” que denotem distinção, também está relacionada ao distanciamento do agente em relação ao gosto de necessidade, e conseqüente aproximação do gosto de luxo ou liberdade. A classe média estudada está, de fato, longe do gosto de necessidade de que fala Bourdieu mas, não chega a fazer parte de uma elite, no sentido dado a esse termo por Setton (2004), entendida como a vanguarda econômica, política e cultural de uma sociedade.

Em um país com desníveis de renda tão acentuados quanto o Brasil ter uma segunda residência é um símbolo de *status* que faz com que seu proprietário seja conhecido e reconhecido, sobretudo, entre seus pares.

A distinção se mostra ainda na forma de perceber, viver e se comportar nesse ambiente. Embora se valorize o comportamento informal, a diferença social também se inscreve no corpo e se manifesta no agente através da *hexis* corporal que, para Bourdieu, é uma dimensão fundamental do sentido de orientação social.

Embora a segunda residência seja percebida por muitos dos proprietários como símbolo de distinção, o fator sociabilidade aparece muito mais forte no discurso dos agentes.

Enquanto distinção significa diferença que tem como substrato *o habitus* de classe que muitas vezes afasta, separa, ou mesmo exclui, a sociabilidade indica convívio, união, integração, e também, partilha.

A sociabilidade, por sua vez, é um conceito que designa, de forma ampla, o ser na sociedade, ou seja, as relações que os indivíduos mantêm entre si e com os outros. O que se observa, no entanto, é que as relações sociais que se estabelecem entre as pessoas seguem diferentes rituais, de acordo com o espaço em que acontecem: no meio urbano, no espaço de trabalho, ou de lazer, no meio rural.

O tipo de sociabilidade que se estabelece entre as pessoas em um ambiente de trabalho é, em geral, mais formal, em consequência mesmo da hierarquização dos cargos ou dos papéis exercidos. Nesse contexto, as pressões sociais sobre os indivíduos são muito fortes, uma vez que se espera que as expectativas de comportamento geradas pelas posições ocupadas na hierarquia social sejam satisfeitas.

Daí porque, através da posse de uma segunda residência em Gravatá, a classe média estudada cria estratégias que lhe permitem liberar-se dos padrões de comportamento preestabelecidos, ou recuperar-se das tensões do *habitus* de classe urbano, através do estilo rural.

Nesse contexto, a casa é representada como lugar de encontros, da família, dos amigos. Por isso, o investimento em capital social no fortalecimento das redes de relações, que se dão, por exemplo, nas diversas reuniões com a família e os amigos no terraço da casa, ou nos espaços de convivência dos condomínios, onde as pessoas se encontram para “brincar”, jogar,

ou, simplesmente, “jogar conversa fora”. Também fazem parte desses momentos de convívio e de lazer caminhadas para se admirar o campo, sua vegetação que aguça a curiosidade de conhecer o que não é familiar, realizar passeios de bicicleta com a família, fazer cavalgadas, entre tantas outras práticas citadas.

A análise dessas estratégias traz à tona a importância da convivência familiar que se busca fortalecer no lazer de fim de semana na segunda residência, uma vez que a vida agitada nos centros urbanos, as atividades e exigências decorrentes do exercício profissional conjugadas ao sentimento de insegurança, impedem que os laços sociais se fortaleçam, ou mesmo, que se estabeleçam em alguns casos.

Esses motivos parecem justificar a nítida separação que os entrevistados estabelecem entre espaço e tempo de relações sociais que são mais ritualizadas no espaço urbano e no espaço de trabalho, enquanto que se expressam de forma mais espontânea, livres de pressões sociais ligadas ao *habitus* de classe, no espaço rural.

Busca-se, portanto, fugir às etiquetas e regras que regem o comportar-se, as convenções que indicam o que fazer a cada situação do cotidiano: ações comuns a todas as pessoas como chorar, rir, expressar-se verbalmente, são normatizadas, segundo o que é estabelecido como correto, aceitável, condizente ou não, com a posição social. Daí porque as pessoas afirmam que, em Gravatá vivenciam uma experiência de lazer como liberdade, uma vez que é possível fazer escolhas e, principalmente, ser mais verdadeiro, mais humano, mais real.

Nesse sentido, o conceito de *habitus* não é suficiente para explicar a necessidade social da segunda residência que, sendo produto de uma classe de condições de existência e

condicionamentos idênticos ou semelhantes, explica, na teoria bourdieusiana, a harmonização espontânea das práticas dos agentes pertencentes à mesma categoria social.

No entanto, o que se percebe nos discursos dos agentes é que há uma busca de se manter a individualidade, de se dar um toque pessoal à decoração da casa, por exemplo, que permita expressar a subjetividade de cada um e de todos em conjunto. Essa constatação reforça uma das críticas feitas à teoria de Bourdieu em relação à idéia de “transferibilidade ou da transponibilidade e do caráter ‘generalizável’ dos esquemas, ou disposições socialmente construídos”(LAHIRE, 2005, p.23). O autor explica que é um erro de interpretação deduzir que o *habitus* funciona da mesma maneira, em qualquer lugar e circunstância. Trata-se na realidade de uma interpretação reducionista, uma vez que “reduz o processo de ‘exteriorização da interioridade’ complexo, a um funcionamento único e simples, a saber, o da assimilação/acomodação: assimilação das situações aos esquemas incorporados e acomodação (correção) dos esquemas anteriormente adquiridos às variações e às mudanças de situação”(ibidem).

Sabe-se que na sociedade contemporânea o indivíduo sofre influência de diversos processos de socialização que se dão através da família, da escola, dos meios de comunicação de massa, entre outros. Isso faz com que haja a emergência de um indivíduo diferente, menos unificado e portador de *habitus* (de esquemas ou de disposições) heterogêneos e em alguns casos contraditórios. Daí a afirmação de Lahire de que “o singular é necessariamente plural”. Nesse contexto não é adequado explicar as práticas dos agentes através de generalizações. Como, então, explicar a ativação de algumas disposições e não de outras?

De acordo com Lahire (*op.cit.*) tudo vai depender da forma como foram adquiridas as disposições, ou *habitus*, e ainda, do “contexto atual de sua eventual atualização”. Assim, os

hábitos que encontram condições positivas (socialmente) gratificantes de concretização, podem dar lugar a aquilo que é comumente denominado de paixão. Isso pode explicar, por exemplo, a paixão maior ou menor de alguns proprietários de segunda residência, pela casa de Gravatá. Não se trata, nesse caso, conforme já foi amplamente abordado, da casa em si, mas do que ela representa para cada proprietário individualmente, e para sua família. Em alguns casos, ela resulta da atualização de valores incorporados, mas que os agentes não tinham até então, tido a possibilidade de concretizá-los.

Essa defasagem que separa a incorporação de crenças, valores, ou ideais da sua concretização, está bem presente na história da sociabilidade no Brasil, desde o período em que o ruralismo e o escravismo de nossa formação ditavam os padrões de sociabilidade centrados na família e na autoridade do grande proprietário. A partir dos anos 1960, a interiorização dos valores capitalistas gera conflitos, frustrações e muitas vezes, um sentimento de impotência pela incapacidade de atualização de desejos. Quase cinquenta anos depois, a situação de extrema desigualdade entre as camadas sociais permanece ainda nos dias de hoje, embora com características diferentes.

No entanto, não se pode, de modo geral, falar de homogeneidade de comportamento entre as pessoas que pertencem a uma mesma camada social. Na população de classe média estudada, a distinção social existe. Porém, o atrativo maior para se ter a segunda residência em Gravatá é a sociabilidade: o que todos querem é encontrar a paz que o lugar propicia e assim ser felizes.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ABRAHAM, J. H. *Origins and growth of sociology*. Middlesex, England: Penguin Books, 1973.

ACCARDO, A. *Initiation a la sociologie*. Bordeaux: Le Mascaret, 1991.

ADORNO, T. W. **Textos escolhidos**. Ed. Nova cultural, 1999.

AGULHON, M. *Le cercle dans la France bourgeoise, 1810 -1848*. Étude d'une mutation de sociabilité. Paris: Armand Colin, 1977.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Thomson, 1999.

AMENDOLA, G. *La ciudad posmoderna*. Magia y miedo de la metropolis contemporanea. Madrid: Ediciones Celeste, 2000.

ANDRADE, J. V. DE. **Gestão em lazer e turismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ARRUDA, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

ANSART, P. *Les sociologies contemporaines*. Paris, Seuil, 1991.

BACAL, S. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BALLE, F. Comunicação. *In*: BOUDON, R. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BAECHLER, J. Grupos e sociabilidade. *In*: BOUDON, R. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, J. *Le système des objets*. Paris: Éditions Gonthier, 1972.

_____. *La société de consommation*: ses mythes, ses structures. France: Gallimard, 1974.

. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

_____. **Para uma crítica da economia política do signo**. Lisboa: Edições 70, 1995

_____. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BAUER, M.; AARTS; B.. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. 516p.

BAUER, M.; GASKELL, G.; ALLUM, N.. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento – evitando confusões. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BELLA, L. *The Christmas imperative*. Halifax, NS: Fernwood Publishig, 1992.

BECK, U.; GIDDENS, A. LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

BELLEFLEUR, M. *Le loisir contemporain*. Essai de philosophie sociale. Quebec: Presses de l'Université du Québec, 2002.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *The social construction of reality*: a treatise in the sociology of knowledge. London: Penguin Books, 1971.

BERTELLI, A. R. (Org.) *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BIALESCHKI, M.D. ; MICHENER, S. Re-entering leisure: transition within the role of motherhood. *Journal of leisure research*. v.26, n.1, 1994.

BIGGART, N. W. *The handbook of economic sociology*. New York: Princeton University Press, 1994.

BITTMAN, M.;WAJCMAN J. The rush hour: the character of leisure time and gender equity. *Social Forces* set. 2000.

BLAU, P. M. The structure of social associations. In: Wallace, W.(Editor) *Sociological theory*:an introduction. London: Heinemann, 1969.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOUDON, R. *Os métodos em sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BOUDON, R. (Direção) *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BOUDON, R.;BOURRICAUD,F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975.

BOURDIEU, P. Le trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*. n.30, nov.1979.

_____. Le capital social. *Actes de la recherche en sciences sociales*. n.31, jan.1980.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. *In: ORTIZ, R.(Org.). Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

_____. Espace social et genèse des “classes”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.52-53, jun. 1984.

_____. *Réponses*. Pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil,1992.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Futuro de classe e causalidade do provável. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. O capital social – notas provisórias. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *Poder, derecho y classes sociales*. Bilbao: Desclée, 2001a.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

_____. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

_____. *La distinction*: critique sociale du jugement. Paris: Éditions de Minuit, 1979/2002.

_____. **Coisa ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRAUN, D. Bourdieu. Disponível em <http://www.ac-versailles.fr/PEDAGOGI/ses/reserve/sciences-po-sp/bourdieu-concepts> Acesso em 5/10/2006

BRUHNS, H. T. (Org.) **Lazer e Ciências Sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

_____. De Grazia e o lazer como isenção de obrigações. *In*: BRUHNS, H. (Org.) **Lazer e Ciências Sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

_____. **Temas sobre o lazer**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

BRUHNS, H. T.; GUTIEREZ, G. L. (Orgs.). **Representações do lúdico**: II ciclo de debates “lazer e motricidade”. Campinas, SP: Autores Associados, comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, 2001.

BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. de M. (Orgs.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

CAMARGO, L.O.de L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARNEIRO, L. P.; PADILHA, V. Vendem-se ilhas de prazer: o lazer nos publicitários de apartamentos de alto padrão. **Impulso**. Piracicaba, v. 16, n. 39, p. 69-82, 2005.

CARVALHO, I. M. M. de. Urbanidade contemporânea: introdução. **Caderno CRH**. v.18, n.45, set./dez. 2005.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **O fim do milênio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

_____. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**. Madrid: Alianza Editorial, S.A. 1995.

CAZENEUVE, J. **Bonheur et civilisation**. Paris: Gallimard, 1966.

CEPOLLARO, G. Gottmann: a metrópole transacional. *In*: DE MASI, D. **A sociedade pós-industrial**. São Paulo: Senac, 2000.

CERTEAU, M. DE; GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, R. Pierre Bourdieu e a história (Debate com José Sérgio Leite Lopes) **Topoi**. Rio de Janeiro, p. 139 – 182, mar.2002.

CHEEK, N.; BURCH, W. **The social organization of leisure in human society**. New York: Harper & Row, 1976.

CHOMBART DE LAUWE, P. H. Systèmes de valeurs et aspirations culturelles. *In*: CHOMBART DE LAUWE, P. H. et al. **Images de la culture**. Paris: Payot, 1970.

COLEMAN, J.S. **Foundation of social theory**. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1992.

CORCUFF, P. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CORTELLA, M. S. Você, ROBÔ. O risco de roteirizar tanto a vida a ponto de começar a fazer tudo no piloto automático. **Você S/A**.. São Paulo, n.95, p.71, mai.2006. Mensal.

COSTA PORTO, W. **Declarações de direitos**. Brasília: Fundação Projeto Rondon, 1988.

COSTA, M. R. N. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**: monografias, dissertações, teses. Recife: INSAF, 2003.

CRUZ, M. BRAGA DA. **Teorias sociológicas**: os fundadores e os clássicos. (Antologia de textos) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. v.1.

DA MATTA, R. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

DAHER, A. Pierre Bourdieu: o lugar do ofício de sociólogo. **Cultura Vozes**. v.97, n. 4, ano 97, p.28-32, jul./ago. 2003.

DE GRAZIA, G. R.. A redução da jornada de trabalho em questão. **Plural**. Revista do Curso de Pós Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.n.8, 2001. 2º semestre.

DEBERT, G. G. **A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**.1997.

DECCA, E.S de. E.P.Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. *In*: BRUHNS, H. (Org.) **Lazer e Ciências Sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed. da UnB, 1999.

_____.(Org.) **A sociedade pós-industrial**.São Paulo: Ed. SENAC, São Paulo, 2000.

DEMO, P. **Introdução à sociologia**: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

_____.**Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

_____.**Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.

DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Sociologia e modernidade**: para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DORNELLES, J. Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p.241-271, jan./jun. 2004.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2004.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1960/1999 – (Debates: 164).

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

DUNNING, E.; ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

D’URUNG, M. C. *Analyse de contenu et acte de parole*. Ed. Universitaires, 1974.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ENTRENA, F. Cidades sem limites. *In*: MACHADO, J. A. (Org.) **Trabalho, economia e tecnologia**: novas perspectivas para a sociedade global. São Paulo: Tendenz; Bauru: Práxis, 2003.

ESPINHEIRA, G. Violência e pobreza: janelas quebradas e o mal-estar da civilização. **Caderno CRH**. v.18, n.45, set./dez.2005.

ETOUNGA-MANGUELLE, D. A África precisa de um programa de ajuste cultural? p.115-130- *In*: HARRISSON, L. E. ; HUNTINGTON, S. P. (Orgs.) **A cultura importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FALEIROS, M. I. C. Repensando o lazer. **Revista Perspectivas**. São Paulo, n.3, p.51-65, 1980.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel

_____. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. *In*: **Lazer numa sociedade globalizada**. *Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/ WLRA, 2000.

_____. A autonomização da esfera cultural. **Bahia análises e dados**. Salvador: Superintendência de estudos econômicos e sociais da Bahia. v.9, n.2, p.8-22, 1999, trimestral.

FEATHERSTONE, M. Localismo, globalismo e identidade cultural. **Revista sociedade e estado**. v.11, n.1. jan./jun.1996.

FERRANDO, M. G. (Org.) **Pensar nuestra sociedad**: fundamentos de sociologia. Valencia: Tirant lo blanch libros, 1995.

FONSECA, M. de L. P. Padrões sociais e uso do espaço público. **Caderno CRH**. v.18, n.45, set./dez.2005.

FORSÉ, M. La sociabilité. *Economie et statistique*. n. 132, 1981.

FRIEDMANN, G. *Où va le travail humain ?* Paris: Gallimard, 1963. (Collection Idées).

_____. *Le travail en miettes*. Paris : Gallimard. 1964 (Collection Idées).

_____. *Sept études sur l'homme et la technique*. Paris: Gonthier, 1966.

FREYSINGER, V. The dialectics of leisure and development for women and men in mid-life: an interpretative study. *Journal of leisure research*.v.27,n.1, p. 61-84, 1995.

_____. Leisure with children and parental satisfaction: further evidence of a sex difference in the experience of adult roles and leisure. *Journal of leisure research*. v. 26, n.3, p.212-226,1994.

FRISBY, D.; FEATHERSTONE, D.(Eds) *Simmel on culture*.London : SAGE, 2000.

FRISBY, D. *Fragments of modernity*. Cambridge: Polity, 1985.

FREUND, J. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FUENTES, M.L. *Chiapas*: el capital social perdido. México, 1998. (mimeo)

FUKUYAMA, F. Capital social.p.155-171 In: HARRISON,L.E.;HUNTING,S.P.(Orgs.) **A cultura importa**.Rio de Janeiro: Record, 2002.

FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO – FIDEPE – Gravatá. Recife, 1982 (Monografias municipais, 8).

GARTMAN, D. Culture as class symbolization or mass reification? A critique of Bourdieu's distinction. *American Journal of Sociology*. v.97, n. 2 , p.421-447 set.1991.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEBARA, A. Sociologia configuracional: as emoções e o lazer. In: BRUHNS, H. (Org.) **Lazer e Ciências Sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolo**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2002.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. Georg Simmel. In: RAISON, T. (Ed.) *The founding fathers of social science*. Middlesex: Penguin Books, 1969. p.136-143.

GODBEY, G. The future of leisure studies. *Journal of leisure research*, v.32, n. 1, 2000.

_____. *Recreation, park and leisure services*. Philadelphia: W. B. Saunders, 1978.

GOMES, A. de C. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, F. A.; SCHWAARCZ, L. M.(Orgs.) **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. São Paulo: Annablume, 2003.

GRANOVETTER, M. S. The strenght of weak ties. *American journal of sociology*. v.78, n.6, p. 1360-1380, 1973.

GREEN, A. M.(ed.) *Les metamorphoses du travail et la nouvelle société du temps libre*: autour de Joffre Dumazedier. Paris: L'Harmattan, 2002.

GUNTER, B.; GUNTER, N. Leisure styles: a conceptual framework for modern leisure. *Sociological Quartely*. n.21, 1980.

GURVITCH, G. *La vocation actuelle de la sociologie*. Paris: PUF, 1969, 2v.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

HAGGARD, L. M.; WILLIAMS, D. R. Identity affirmation through leisure activities:leisure symbols of the self. *Journal of leisure research* .v. 24, n.1, p.1-18, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARRISON, L.E.; HUNTING, S. P. (Orgs.) **A cultura importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____. **A condição pós – moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2002.

HEBDIGE, D. The function of subculture. *In: The cultural studies reader*. Edited by Simon During, Great Britain, 1999. p.441-461.

HENDERSON, K. A; HODGES, S.; KIVEL, B. D. Context and dialogue in research on women and leisure. *Journal of leisure research*. v.34, n.3, 2002.

HERAN, F. La sociabilité, une pratique culturelle. *Economie et statistique*. n.216, 1988.

HORNA, J. L. The leisure component of the parent role. *Journal of leisure research*. v.21,n.3, 228-241, 1989.

HOURLIN, G. *Une civilisation des loisirs*. Paris, CALMANN-LÉVY, 1961.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva (Editora da USP), 1971.

IANNI, O. Formas sociais do tempo. **Revista de antropologia**. São Paulo, vol.37, p.57-78,1994.

INDA, A. G. Introduction.La razón del derecho: entre habitus y campo.. *In: Poder, derecho y classes sociales*. Bilbao: Desclée, 2001a . p.9-60

JACQUES, M.da G. C. Um método dialético de análise de conteúdo. **PSICO**. Porto Alegre, v. 24, n.2, p.117-127, jul./dez.1993.

JAMESON, F. Pós-modernidade e sociedade de consumo. **Novos estudos CEBRAP**. São Paulo, n.12, jun. 1985.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. *In: ARRUDA, A (Org.) Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. . p.47-67.

_____. *Les représentations sociales: phénomènes, concept et theorie*. *In MOSCOVICI, S. Psychologie Social*. Paris: Presses Universitaires de France.

JOLÉ, M. Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH** v.18, n.45, set./dez.2005.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Re (des) cobrindo o outro. Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. *In: ARRUDA, A (Org.) Representando a alteridade*.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.69-82.

KELLY, J. R.; KELLY, J. R. Multiple dimensions of meaning in the domains of work, family and leisure. *Journal of leisure research*. v. 26, n. 3, p. 250-274, 1994.

KELLY, J. R. Leisure interaction and the social dialectic. *Journal of leisure research*. p.304-322, 2001.

_____. Changing issues in leisure-family research-again. *Journal of leisure research*. v.29, n.1, 1997.

_____. Leisure-family research: old and new issues. *World leisure and recreation journal*.. v.35, n.3, p.5-9, 1993.

KLIKSBERG, B. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

KON, A. Tecnologia e trabalho no cenário da globalização. *In*: DOWBOR, L.; IANNI, O. RESENDE, S. **Desafios da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KURZ, R. A ditadura do tempo abstrato. *In*: **Lazer numa sociedade globalizada. Leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC/ WLRA, 2000.

_____. A expropriação do tempo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 3 de jan. 1999. Caderno Mais. Autores, p.3.

LAFARGE, Paul. O direito ao ócio. *In*: DE MASI, D. (Org.). **A economia do ócio**. Rio de Janeiro : Sextante 2001.

LALLEMENT, M. **História das idéias sociológicas**: de Parsons aos contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LAHIRE, B. (DIR.). **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu**: dettes et critiques. Paris: La Découverte, 1999.

_____. Patrimônios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 49, 2005.

LARSON, R. W.; GILLMAN, S.A Divergent experiences of family leisure: fathers, mothers, and young adolescents. *Journal of leisure research*. v. 29, n.1, 1997.

LECHTE, J. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais**: do estruturalismo à pós-modernidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

LEFEBVRE, H. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard, 1972.

_____. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

LINS, A. F. **História de Gravatá**: contribuição ao estudo do agreste de Pernambuco. Recife: Inojosa Editores, 1993.

MALERBA, J. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. *In*: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Orgs.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

McCABE, M. Family leisure budgets: experience in the UK. *World leisure and recreation journal*. v.35, n.3, p.30-34, 1993.

McPHERSON, T. Envelhecimento populacional e lazer. *In*: **Lazer numa sociedade globalizada**. *Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/ WLRA, 2000.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MANGUELLE, D. E. A África precisa de um programa de ajuste cultural? *In*: HARRISON, L. E.; HUNTING, S. P. (Orgs.) **A cultura importa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MANTERO, J. C. Turismo e lazer. *In*: **Lazer numa sociedade globalizada**. *Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.185-190.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e empresa**: múltiplos olhares. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. (Org.) **Lazer e esporte**: políticas públicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. *In*: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MÉDA, D. *Le travail: une valeur em voie de disparition*. Paris: Aubier, 1995.

MEDEIROS, J. L. Nós e os outros no processo de construção de identidades. **Cultura Vozes**. n.2, p. 68-89. mar/abr. 2000.

MEDEIROS, M. **As teorias de estratificação da sociedade e o estudo dos ricos**. Brasília: IPEA, 2003. (Texto para discussão).

MELLO, J. M. C de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: NOVAIS, F. A.; SCHWAARCZ, L. M.(Orgs.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

MELO, H. B. **A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em J.Baudrillard**. São Paulo: Loyola, 1988.

MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. RS: Ed. UNISINOS, 2004.

MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Revista Symposium**. Recife, ano 3, n. especial, dez. 1999.

MICELI, S. A força do sentido. *In*: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

MINAYO, M.C.de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MINAYO, M.C.de Souza. O conceito de Representações dentro da sociologia clássica. *In*: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLINA, S. **Reflexiones sobre el ocio y el tiempo libre**. Mexico: Trillas: Universidad Anahuac, 1998.

MORRIN, E. **Cultura de massa no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MUNNÉ, F. *Psicosociologia del tiempo libre*: un enfoque crítico. México: Trillas, 1999.

NEWTON, K. Social capital and democracy. *American behavioral scientist*. Mar./abr., 1997.

OLIVEIRA, E. de; ENS, R. T.; ANDRADE, D.; DE MUSIS, C. **Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação**. 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/ped/rsee/ac2003.pdf>. Data de acesso: 15 mar. 2004.

ORTIZ, R.(Org.) **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Da modernidade incompleta à modernidade-mundo. **Sociedade e Estado**. Revista semestral de sociologia da UNB. Brasília, v. XV, n.1, jan./jun.2000.

PADILHA, V. Reflexões sobre cultura, tempo livre e consumo na pós-modernidade. **Cultura Vozes**. n.2, mar/abril, 2000.

_____. A indústria cultural e a indústria do lazer: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas. In: MULLER, A; COSTA, L. P.da. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PAILLAT, P. *et al.* **Passages de la vie active à la retraite**. Paris: PUF, 1989.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana**: enigmas e conflitos. São Paulo: Cortez, 2003.

PARKER, S. R. **A sociologia do lazer**. Rio, Zahar Editores, 1978

PATTON, M. *Qualitative evaluation methods*. London: Sage Publications, 1986

PEREIRA, L. C. B. **Desenvolvimento e crise no Brasil:1930-1983**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINÇON, M; CHARLOT-PINÇON, M. A teoria de Pierre Bourdieu aplicada às pesquisas sobre a grande burguesia: uma metodologia plural para uma abordagem pluridisciplinar. **Revista de Ciências Humanas** (Temas de Nosso Século) Universidade Federal de Santa

Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – v.1, n.1 , jan. 1982. Florianópolis: Editora da UFSC, 1982.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PINTO, L. M. S. de M. Lazer e estilos de vida: reflexão e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. *In*: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S.de M. (Orgs.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PIRES, G.de L. Aspectos sócio-culturais do lazer na vida cotidiana. *In*: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. de M. (Orgs.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PISANI, E. M; PEREIRA, S.; ROZZON, L.A. **Temas de psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 1999.

PORTES, A. Social capital: its origins and applications in modern sociology.-*Annual Review - Sociology*, v.24, 1998.

PRONOVOST, G. The sociology of leisure. *Current sociology*. v.46, n.3, jul. 1998.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2003.

RAMMSTEDT, O.; DAHME, H. J. A modernidade atemporal dos clássicos da sociologia: reflexões sobre a construção de teorias em Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, Max Weber, Georg Simmel. *In*: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Orgs.) **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

REISSMAN, L. **The urban process**: cities in industrial societies. New York: The Free Press, 1970.

RIBEIRO, A. M. T. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**. v.18, n.45, set./dez. 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: método e técnicas. São Paulo: Atlas: 1999.

RIESMAN, D. **A multidão solitária**: um estudo da mudança do caráter americano. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

ROBERTS, K. *Contemporary society and the growth of leisure*. London: Longman, 1978.

RODRIGUES, A. B. (Org). **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. *In: Lazer numa sociedade globalizada: leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.179-184.

ROSSO, S. D. **O debate sobre a redução da jornada de trabalho**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998. (Coleção ABET – Mercado de trabalho, v.5).

_____ **A jornada de trabalho na sociedade**: o castigo de Prometeu. São Paulo: Ltr, 1996.

RUSSEL, B. O elogio ao ócio. *In* DE MASI, D. (Org.). **A economia do ócio**. Rio de Janeiro, Sextante, 2001.

SÁ, C. P de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: SPINK, M. J. (Org.) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SAINT-HILAIRE, A. De. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas gerais**. Editora da Universidade de São Paulo/Itatiaia, 1975 (1830).

SAMDAHL, D. M. ; JEKUBOVICH, N. J. A critique of leisure constraints: analyses and understandings. *Journal of leisure research*. v. 29, n. 4, p. 430-452, 1997.

SAMDAHL, D. M. Leisure in our lives: exploring the common leisure occasion. *Journal of leisure research*. v.24, n. 1, p.19-32, 1992.

_____. Reflections on the future of leisure studies. *Journal of leisure research*. v. 32, n. 1, 2000.

_____. A symbolic interactionist model of leisure: theory and empirical support. *Leisure sciences*. v.10, p. 22-39, 1988.

SAMUEL, N. Le loisir et l'environnement dans la nouvelle société du temps libre. In: GREEN, A. M.(ed.) *Les métamorphoses du travail et la nouvelle société du temps libre*: autour de Joffre Dumazedier. Paris: L'Harmattan, 2002.

SAMUEL, N. L'aspiration des femmes à l'autonomie: loisir familial et loisir personnel. *Loisir et société*. v.15, n.1, p.343-354, 1992.

SANCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de sociologia e política*. Curitiba: n.16, jun.2001.

SANT'ANNA, D. B. de. **O prazer justificado**: história e lazer (São Paulo, 1969/1979).São Paulo: Ed. Marco Zero, 1992.

SANTOS, J. A. F. **Estrutura de posições de classe no Brasil**: mapeamento, mudanças e efeitos na renda. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SCHAFFER, H. R. *The growth of sociability*. Middlesex : Penguin Books,1971, 199p.

SCHELLENS, J-J.; GODIN, S. *La civilisation des loisirs*. Verviers (Belgique): Editions Gérard, 1967.

SEARLE, M. S. Is leisure theory needed for leisure studies? *Journal of leisure research*. v. 32, n.1, 2000.

SETTON, M. G. **Rotary Club**: *habitus*, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 20, p.60 – 70, maio/jun/jul/ago. 2002.

SHAW, S. M. Controversies and contradictions in family leisure: an analysis of conflicting paradigms. *Journal of leisure research*. v. 29, n. 1, p-98-112, 1997.

SIMMEL, G. **Sociologie et épistemologie**. Paris, PUF, 1991.

_____. *Filosofía del dinero*. Granada: Comares, 2003.

_____. The metropolis and mental life. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, D. (Eds) *Simmel on culture*. London : SAGE, 2000.

_____. Sociability. In :FRISBY, D.; FEATHERSTONE, D. (Eds) *Simmel on culture*. London : SAGE, 2000.

_____. Sociology of the meal. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, D. (Eds) *Simmel on culture*. London : SAGE, 2000.

SORJ, B. **A nova sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SNIR, R.; HARPAZ, I. Work-leisure relations:leisure orientation and the meaning of work.. *Journal of leisure research*.v.34. n.2, p.178-203, 2002.

SOUSA, A.A. *El ocio turístico em las sociedades industriales avanzadas*. Barcelona: BOSCH, 1994.

SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Orgs.) **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

SOUTO, C. **Teoria sociológica geral**: uma fundamentação mais abrangente. São Paulo: EPU, 2006.

SOUZA, A. de. O uso do tempo como medida da qualidade de vida urbana. **Revista de administração pública**. v.6, n.1, p.51-75, jan./mar.1972.

SOUZA FILHO, E.A. de. Análise das representações sociais. *In*: SPINK, M. J.(Org.) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SPINK, M. J. (Org.)**O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

STOKOWSKI, Patricia. Languages of place and discourses of power: constructing new senses of place. *Journal of Leisure Research*. Arlington: FourthQuarter. vol.34, n.4; p.368.

TACUSSEL, P. Uma perspectiva sobre a permanência e a mudança: Michel Maffesoli e a sociedade cotidiana. **Fórum educacional**.Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 12, n.1, p.17-24, jan./mar.1988.

TASCHNER, G. B. Lazer, cultura e consumo. **Revista de administração de empresas**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, v.40, n.4, p.38-47, out./dez.2000,

_____. Lazer e consumo cultural das elites. **Revista brasileira de ciências sociais**. v.2,n.6, fev. 1988.

TARDE, G. *L'opinion et la foule*. Paris: Alcan; Paris: PUF, 1989.

TE KLOESE. J.W. Família ludens: a literatute study focused on the Netherlands . *World leisure and recreation*. v.35, n. 3, 1993.

TIMASHEFF, N. S. **Teoria sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TONI, M. De. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 9, jan/jun., 2003.

TORKILDSEN, G. *Leisure and recreation management*. USA; Canada: Routledge, 2005.

Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p.315-321, mai/ago. 2004.

TRIGG, A. B. Veblen, Bourdieu, and conspicuous consumption. *Journal of economics issues*. Lincoln: v.35, n.1, mar 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TULIK, O. Residências secundárias-As fontes estatísticas e a questão conceitual. **Turismo em Análise**. São Paulo, p.26-33, nov. 1995.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VALADE, B. Cultura. In: BOUDON, R. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VEAL, A. J. leisure, culture and lifestyle. *Loisir et société/ Society and leisure*. v.24, n. 2, p.359-376, 2001

_____. The concept of lifestyle: a review. *Leisure Studies*. v.12,n.4, p.233-252, 1993.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Orgs.) **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

VELHO, O. G.; PALMEIRA, M. G. S. ; BERTELLI, A. R. (Org.) **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

VILA NOVA, S. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2004.

VILLASANTE, T. R. **Redes e alternativas**: estratégias e estilos criativos na complexidade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WACQUANT, L. Notes tardives sur le “marxisme” de Bourdieu., 1996. Disponível em: <http://www.homme-moderne.org/socio/wacquant/pbnotar.html>. Acesso em: 16 jul. 2005.

_____. Pierre Bourdieu: o “antropólogo” total. **Cultura Vozes**. n. 4, ano 97, v.97, p.22-27, jul./ag. 2003.

_____. *Habitus*. In: BECKERT, J.; ZAFIROVSKI, M.(Editors) **International encyclopedia of economic sociology**. London: Routledge, 2005.

_____. Pierre Bourdieu. In: STONES, R. (Ed.). **Key sociological thinkers**. London: Macmillan, 1998.

WANDERLEY, M. de N. B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e meio ambiente**. n.2, p.29-37, jul./dez.2000. Editora da UFPR.

_____. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos sociedade e agricultura**. n.15 p.87-145, out. 2000.

_____. **Territorialidade e ruralidade no Nordeste**: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Planejamento e desenvolvimento territorial, em Campina Grande (PB) set. 1999.

_____. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural. Estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Recife, 2001.

WEBER, M. Classe, “status’, partido. *In*: VELHO, O. G.; PALMEIRA, M. G. S.; **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

WERLE, F. O. C. Metodologias qualitativas e quantitativas: opção ou oposição. **Estudos Leopoldenses**. Rio Grande do Sul, vol.25, n. 113-114, p.101-118, 1989.

WESTLAND, C. Work, leisure and social values: the educational challenges of a new society. *European Journal of Education*. v.22, n.3/4, 1987.

ZABRISKIE, R. B.; BRYAN, P. M. Parent and child perspectives of family leisure involvement and satisfaction with family life. *Journal of leisure research*. v.35, n. 2, p. 163-189. 2003.

ZUKIN, S. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. *In*: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas, S.P: Papirus, 2000.

ANEXO I - Relação dos Condomínios:

- Baviera
- Cruzeiro da Serra
- Casa Grande Resort
- Condomínio Ebenezer
- Asa Branca
- Hotel Casa Grande
- Chácara Suíça
- Privé Mont Blanc Village
- Privé Aldeia da Serra
- Serra Bonita
- Acauã Village Serrano
- Vila bela
- Aconchego 4
- Privé Flor de Santana
- Caribé Ville 1
- Alameda de Mussaenda
- Privé Gravatá
- Condomínio Quintais do Vale

ANEXO II - Roteiro de Entrevistas

Dados Pessoais:

Nome

Sexo

Idade ou faixa etária

Estado civil

Grau de instrução

Profissão

Trabalha? Onde?

Aposentado?

Questões relativas à área de segunda residência (condomínio)

1. O que o levou a ter uma casa em Gravatá?
2. O que significa ter uma casa no condomínio?
3. Por que uma casa fora do condomínio?
4. Qual o significado da casa para você?
5. Do que você gosta e do que não gosta no condomínio?
6. E em Gravatá?
7. Você tem parentes no condomínio ou em Gravatá? E amigos?
8. Alguma coisa mudou em sua vida a partir da casa em Gravatá?
9. Seus hábitos mudaram? Quais?
10. Como você classifica as pessoas do seu condomínio em relação à posição social?

Questões relativas ao lazer:

11. Como é sua experiência de lazer em Gravatá.
12. Em que ela se diferencia do seu lazer na cidade?
13. E seus filhos gostam dessa experiência?
14. O lazer que você vivencia hoje afetou aspectos de sua vida? Quais?
15. Você poderia citar 5 formas de lazer que mais gosta de ter ou praticar?
16. O que você mais valoriza:
 - a) Na educação
 - b) Nos amigos
 - c) Na família
 - d) No lazer
 - e) No trabalho
 - f) No casamento
 - g) Na vida
17. Para você, o que é lazer? Como você o definiria?
18. Gostaria de acrescentar alguma coisa que perceba como importante no contexto desta entrevista?

ANEXO III – Fragmentos de Entrevistas

1. O que o levou a ter uma casa em Gravatá?

Eu nasci em área rural, numa fazenda [...] E há uma tendência muito grande de as pessoas que conheceram o interior de procurar retornar [...]. E eu não fugi à regra (entrevistado 20).

De início por ter uma grande ligação, por ter tido uma convivência muito forte na infância, pelo fato de meu avô ter tido casa lá [...]. Aí quando eu casei, tive oportunidade de comprar novamente outra casa no mesmo ambiente, voltei e tentei proporcionar às minhas filhas o que eu tive [...] (entrevistada n.35).

Isso é um pensamento antigo. Quando meus filhos tinham 10, 12 anos, a gente costumava ir a Garanhuns, porque naquela época Gravatá só existia de passagem. Garanhuns é que era o pólo de lazer, a Suíça Pernambucana. E a gente ia muito a Garanhuns com meu sogro, minha sogra e os meninos (entrevistado n.30).

Lá, além de ser uma opção pra passeio, pra descanso, foi um investimento pela casa. É um patrimônio. E Gravatá é uma cidade que ta crescendo muito, ta se valorizando muito depois da Br, então foi uma oportunidade que a gente conseguiu [...] associar as duas coisas (entrevistada n.4).

Eu me sinto melhor quando estou cercado de pessoas bem trajadas, ta, não precisam ser elegantes, bem trajadas. E na praia isso não ocorre, pela própria maneira de ser da praia. É um descalço, outro de sandália, outro de calção, outro sem camisa, essa coisa de [...]. Eu diria que essa coisa de condomínio de Gravatá, especificamente, eu achei um pouco mais refinada. Agora, é preciso que você dose bem isso aí, você não me conhece, é preciso que você dose bem. Quando eu digo isso aí parece que eu sou uma pessoa cheia de requinte, o que não é; basta ver pela simplicidade de minha casa. Mas a minha leitura da comparação com a praia é essa (entrevistado n.15).

Inicialmente, era para que nós tivéssemos um lazer junto com nossos filhos. Na época, quando nós fomos pela primeira vez a Gravatá, minha filha tinha um mês de vida; a outra tinha dois anos já. Então, nós tínhamos muita vontade de fazer isso. Nessa casa eu coloquei um parquinho pra eles e tal [...] então, era especificamente o lazer junto com a família. Depois a família foi crescendo e nos abandonaram. Eu e minha esposa nós vamos sempre, fazemos um churrasquinho, eu fico tomando meu *whisky* e ela gosta de música, gosta de bordar, de pintar, gosto de andar no meu cavalo; então há uma série de situações que nos levam a essa satisfação no lazer (entrevistado n.41).

Acho que primeiro, a questão de hoje você morar muito em apartamento, na cidade você sente um pouco falta do campo, da vida ao ar livre e depois a necessidade de reunir mais a família, você tem condição de num condomínio assim, manter todo mundo tendo o mesmo lazer numa mesma área; agrega mais (entrevistada n.6).

Lazer, descanso. Uma segunda opção de lazer e também para proporcionar isso para meu filho. Lá ele fica solto, ele anda a cavalo, anda de bicicleta e tem realmente contato com a natureza que aqui a gente não tem e pronto (entrevistada n. 4).

“A questão de você morar em apartamento, na cidade, você sente a falta do campo, da vida ao ar livre e [...] a necessidade de reunir mais a família” (entrevistado n. 11).

“O clima, a vida tranqüila e a família; tenho netos [...] a estrutura pede que a gente se afaste um pouco da vida daqui” (do meio urbano) (entrevistada n.1).

“Ah, lazer (risos), campo, eu gosto muito de jardim, eu sou do interior” (entrevistada n.7).

É necessidade mesmo. Há necessidade de conviver em família [...] de enxergar coisas que aqui você não enxerga justamente por causa do tempo e das obrigações e compromissos. Eu acho que é mais a necessidade de as pessoas se agruparem e conviverem. De ter uma vida melhor, mais calma, mais tranqüila (entrevistada n.33).

2. O que significa ter uma casa no condomínio?

Eu nasci e fui criada em cidade pequena, em casa que tinha quintal, quase um sítio [...]. Preferi comprar um lote particular, porque eu queria ter independência e criar bichos [...] Então, eu tenho uma casa relativamente simples, mas com conforto necessário e um quintal, que eu acho assim uma coisa maravilhosa [...]. Chegar e olhar as árvores crescendo, os bichos [...] (entrevistada n.13).

A casa no condomínio significa segurança. Porque no condomínio você tem uma guarita, tem sempre um vigia, sempre tem uma pessoa de guarda; a sensação é de que você está mais segura (entrevistada n.5).

Eu acho que condomínio traz mais segurança; eu me sinto mais segura, porque além de ter os empregados que fazem a vigilância, eu tenho sempre alguém, algum vizinho, porque, se acontecer alguma coisa alguém pode socorrer. E numa casa separada é complicado. E eu já vivenciei isso e sei que não é bom (entrevistada n.39).

No condomínio você tem uma liberdade dentro porque a estrutura é maior e isolada [...]. Porque quem tá lá no condomínio já se conhece: um vai pra casa do outro, um faz um churrasco, o outro faz uma coisa à noite, então a convivência é próxima (entrevistada n.17).

No condomínio é o lugar em que você tem a parte de socialização maior, contatos mais íntimos com as pessoas, porque praticamente as pessoas vivem com você ali (entrevistada n.33).

[...] o custo, acredito que fique mais interessante no condomínio, apesar de você ter a despesa mensal, mas você teria que ter um vigia sozinha e [...] eu acho que é bem mais prático; mais prático e mais seguro. E o investimento também é menor. Porque se você pensar numa casa fora do condomínio, você vai ter que gastar mais com lazer, vai ter que fazer todo o seu lazer, né, quadra disso, quadra daquilo, piscina, e acho que comercialmente também não é tão bom não, até pra repassar mesmo, no que você quiser se desfazer, não deve ser legal (entrevistada n.6).

[...] dentro de *privé*, porque eu tenho toda uma estrutura. Fica mais fácil pra mim. Nós temos cozinha, temos arrumadeira, dentro do próprio *privé* eu tenho sauna, tem duas piscinas e isso aí não me leva a fazer nenhum tipo de manutenção, porque eu não sei bater um prego dentro de casa, uma lâmpada, eu não troco [...] lá eu tenho toda essa estrutura. E o que é mais importante, é a segurança. Agora, o que é que ocorre: eu sou de classe média e a classe média nesses últimos anos teve realmente uma queda muito grande em valores financeiros e uma casa fora, além de não me dar esse conforto, dá uma despesa. Porque, se você quiser ter um lazer com segurança, você tem que ter uma eficiente tropa de combate, não só de segurança, como também de caseiros. E você num *privé*, já diminui até em termos de numerário, as despesas. Pra mim, é dispendioso, não tenha dúvida, é dispendioso, mas uma casa isolada é muito mais (entrevistado n.41).

[...] a gente paga pra chegar lá e estar tudo pronto. E a partir do momento que você compra uma casa você tá preocupada com segurança, com empregado, vínculo empregatício, né, e aí foi opção da gente. Não se preocupar, descanso, desligar, não se preocupar se faltou material da piscina, faltou adubo pra planta, se o empregado está doente, vou ter que arranjar outro porque não tá fazendo o serviço [...] a gente não tem esse tipo de preocupação (entrevistada n.4).

As casas lá são mais ou menos o mesmo padrão, né, as casas, tem algumas bem maiores, [...] mas, têm o mesmo acabamento, ou seja maçaranduba, o tijolo é o tijolo aparente, quer dizer, existe um padrão de construção que é semelhante. Agora, a gente escolheu este ponto do terreno e foi feita com muito carinho ela ficou de esquina e tem um recuo maior, porque são três lotes maiores, então ele é o segundo maior lote e assim, foi muito bem vista no condomínio, porque ficou uma casa muito charmosa [...]. Então o pessoal queria correr, todo mundo se agradava (entrevistada n.6).

3. Por que uma casa fora do condomínio?

Porque condomínio tem que ter regras. Não é que eu seja contra obedecer às regras. Eu queria ter liberdade dentro de meu espaço. Num condomínio eu não ia poder criar meus bichos; eu não ia ter oportunidade porque eu ia incomodar meus vizinhos. Eu nem queria incomodar meus vizinhos, nem tampouco ser incomodada. Então dentro do loteamento eu muro e dentro do meu muro eu posso ter mais liberdade sem incomodar meus vizinhos. É uma liberdade que num condomínio você certamente não tem (entrevistada n.13).

Quando a gente comprou o terreno, a gente conseguiu um preço muito interessante e na época, há mais de quinze anos, não se tinha muita

proliferação de condomínios não. Eram pouquíssimos os condomínios. A questão da privacidade, a gente não tem em casas de condomínio. (A casa significa) não só o meu lazer, mas a parte de relaxamento, é a parte onde eu exercito a minha culinária, certo? E perspectivas de futuro. Eu imagino assim, daqui a mais um tempo, aparecerem meus netos e eu me aposentar, eu passar a maior parte do tempo lá (entrevistada n. 24).

Em condomínio você tem que viver em coletividade. E o vizinho está na piscina, querendo ouvir um som alto [...] e na casa da gente não, é super isolado fica de frente pra um açudezinho, que é um projeto de uma praça e tem casa dos três lados, todas isoladas e isso também ajudou a gente a escolher essa área. Pra mim (essa casa) é o descanso e minha aposentadoria. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar vou morar (entrevistada n.31).

4. Qual o significado da casa?

“Uma conquista” (entrevistada n.32).

“É uma válvula de escape” (entrevistado n.48).

Significa uma válvula de escape do burburinho da cidade; então quando eu chego lá na sexta feira à tarde, eu me desligo dos problemas, das confusões todas da cidade e realmente dá para recuperar um pouco. Às vezes fisicamente eu fico até mais cansado. Comprei um terreno perto do condomínio, tenho alguns cavalos, alguns animais, então me dedico muito a eles. Então, canso fisicamente, mas descanso a cabeça, a mente (entrevistado n.29).

Uma casa [...] significa um resgate de uma vida mais tranqüila, de você poder [...] retomar algumas coisas que eu já tive na vida [...] conversar com vizinhos, de os vizinhos irem na sua casa sem avisar, e filho, e chega um e chega outro para almoçar, vamos dizer assim, uma vida sem muita formalidade (entrevistada n.1).

Assim, porque muita gente vai e fica assim, como que meio arranchado. A gente não, a gente fez uma coisa que realmente tenha algum conforto, tem uma vista boa da casa, eu mudei um pouquinho, botei mais vidro do que o habitual, então, da minha sala eu ainda vejo a minha área externa, ainda vejo um pouquinho da serra, e até você passando da rua dá pra ver que a casa tem mais vidro que o habitual. Então, ficou charmosa, as pessoas acham a casa

charmosa, que tem bom gosto, pra mim é uma casa [...] igual, a qualquer outra casa do condomínio (entrevistada n.6).

Essa casa a gente comprou quando o *privé* ainda estava sendo construído; então a gente foi acompanhando o crescimento do *privé* e hoje é uma coisa muito nossa, porque é a cara da gente. A gente comprou uma casa relativamente pequena e hoje a gente tem uma casa grande e cada peça que a gente tem dentro da casa, foi um final de semana que a gente passou [...] que a gente foi fazendo, então, ela tem uma simbologia, coisa muito nossa, que às vezes a gente pensa em passar uns dois meses sem ir lá e até pensa, vamos vender. Mas quando a gente chega lá, o clima de Gravatá. aquela coisa fresquinha de noite, as opções de você receber os amigos, então, realmente, a casa tem um significado muito especial pra gente. É difícil a gente se desfazer dela (entrevistada n.48).

“A casa é um descanso, é uma fuga dessa tensão daqui da cidade, (Recife) do trabalho, da rotina” (entrevistada n.5).

“A casa significa um relax, liberdade, desobrigação com o dia a dia, com a rotina” (entrevistada n.29).

Nossa idéia é se aposentar e morar lá, então é uma coisa que está assegurada. Eu não investi pra trocar de apartamento. Não, eu prefiro investir lá, que a gente vislumbra para o futuro, pelo menos é uma possibilidade pra gente (entrevistado n.28).

Pra mim é um descanso e minha aposentadoria. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar vou morar lá e fazer um trabalho social em Gravatá (entrevistada n.31).

“Um refúgio para a reunião da família, dos filhos” (entrevistado n.30).

Pra mim foi uma alegria ter um local pra viver em relação direta com as plantas, com a natureza; moro em apartamento. Então, basta, na cidade a gente já vive com calor, ar condicionado e lá temos o ar puro, da natureza, sem a intervenção da técnica (risos) (entrevistada n.7).

É um espaço aconchegante, pra sair do dia-a-dia, da rotina; é um espaço aconchegante, faço dela um espaço acolhedor. A gente procura botar lá tudo

o que a gente gosta: um bom som, eu e meu marido a gente assiste muito filme, toma um bom vinho, ali a cidade é pitoresca, então é um *relax*, ela é a quebra da rotina (entrevistada n.23).

Primeiro a gente desfez a casa e construiu de novo: a gente construiu, plantou, botou flores, o clima é ótimo em Gravatá, é um lugar em que a gente relaxa, pensa, anda, caminha, pesca, tem um açude com peixes, eu estudo, eu fiz meu mestrado estudando o tempo inteiro lá. A casa tem um primeiro andar e eu subia, pronto. O mundo ficava lá fora e eu lá. Então, é um lugar de paz, e Gravatá tem tudo, a cidade de Gravatá tem tudo que preciso (entrevistada n.18).

Essa casa significa muito pra gente, até porque quando a gente a comprou ela era muito pequena e aí a gente juntou um dinheiro, a gente fez uma reforma, era uma casinha pequena, agora é uma casa grande, tá dando muito mais conforto pras nossas filhas, pra gente, nossos parentes, nossos amigos, porque a gente procura tá levando alguém pra curtir, pra conhecer [...] (entrevistada n.10).

5. Do que você gosta e do que não gosta no condomínio?

“Lá se tem uma boa visão da Serra do Maroto” (entrevistada n.6).

6. E em Gravatá?

Desde criança sempre gostei muito de interior [...]. Tive oportunidade de conhecer Gravatá, um clima muito agradável e fiquei com aquilo em mente. Um dia, quando eu puder, eu vou ter um espaço ali pra desfrutar essa natureza legal (entrevistado n. 29).

O que a gente gosta é da tranquilidade [...]. As pessoas da comunidade [...] a caseira da gente, já está lá há uns 14 anos. Ela se tornou quase uma amiga, um parente. Porque ela leva os problemas dela, participa das festas, enfim, aquela coisa do interior, eu acho importante. Eu acho fantástico, por exemplo, participar da festa da padroeira, aquela coisa bem rústica [...]. Essas

peessoas são mais simples, preservam a tradição, são mais simples nos contatos humanos, até (entrevistado 27).

Em Gravatá não; você para tudo e se desliga. Então o final de semana não parece final de semana. Fica longa. Porque é um canto seu, você pode chamar quem quiser, ter seus convidados, que é diferente de hotel; às vezes é até mais dispendioso do que se você fosse para um hotel, pela quantidade de vezes que a gente vai, mas é muito impessoal. Mas aí não, eu gosto, eu gosto de tornar ao campo que é tão acolhedor (entrevistada n.23).

O que eu gosto realmente é de poder estar ali em contato. De vez em quando a gente vai ali na porta da casa de um, quando está passeando encontra uma pessoa, [...] conversa, [...] as novas amizades que a gente fez com aquelas pessoas, que são amizades que às vezes não se restringem só a ali; no Recife a gente se encontra também (entrevistada n.12).

A gente está buscando o que era Recife no passado, uma vez que a gente não pode conviver com vizinhos, não visita o vizinho, não tem mais amizade com ninguém, todo mundo com medo de todo mundo, lá a gente está tentando ver se resgata esse passado de vizinho, de cadeira na calçada [...] (entrevistada n. 37).

Você tem contato com o povo da localidade, a feira [...]. Ah, a feira, é extraordinária, é uma das coisas boas de Gravatá é a feira. Não deixamos de ir à feira, porque compramos mercadorias produzidas lá, muitas vezes a grande parte sem agrotóxico, e é muito gostoso, sabe, a gente conversar com o feireiro, o produtor, saber da vida dele, é muito bom. Frutas que não existem por aqui como o oiti da mata, sempre aparece [...]. Tenho certeza que você nunca nem ouviu falar em oiti da mata (entrevistado n.19).

7. Você tem parentes no condomínio ou em Gravatá? E amigos?

[...] o intuito de nossa casa foi mais pra gente, pra família. Então eu acho que a gente não tem muitos amigos que freqüentem, porque aquilo ali foi um investimento, não foi barato, uma coisa cara, que a gente teve com muito sacrifício, que a gente batalha pra ter [...]. Amigos só de vez em quando (entrevistada n.4).

No condomínio [...] as famílias sempre são amigas, se confraternizam, estão sempre conversando, estão sempre fazendo refeições juntas, exatamente para ter esse convívio (entrevistada n.33).

Quando está uma noite fria e gostosa se faz uma grande mesa na rua do condomínio, cada um vai trazendo suas bebidas, seu tira-gosto e se fica até de madrugada. Sem nada acertado, é assim (entrevistada n. 3).

A gente tem amizade, assim, a gente se junta [...] tem um quiosque, aí, vamos fazer um *fondue* [...] então vai tudinho, e leva tudinho (entrevistada n.4).

[...] na Semana Santa nós fizemos uma ceia, um momento de oração, uma ceia com os vizinhos. No São João, nós fizemos uma festa de São João. Todos estavam na festa, há partilha, todos levavam um prato (entrevistada n.5).

8. Alguma coisa mudou em sua vida a partir da casa em Gravatá?

“Os fins de semana que eu odiava, passaram a ser esperados com ansiedade”
(entrevistada n. 3)

[...] eu tenho que dividir cama, mesa [...] quando compro um lençol ou toalhas, talheres, pratos, eletrodomésticos, e até outro dia, quando eu fui comprar aqui, de um rapaz de Poção, uns bordados, e aí eu já tinha pensado de comprar um conjunto de banheiro pra meu apartamento daqui. Mas tinha uma toalhinha, que era barata assim, pra uma mesa menor e eu comprei pra Gravatá. Então, [...] tem essa coisa prática, doméstica, de dividir, os panos, os objetos, é pra aqui, é pra lá [...] (entrevistada n.5).

Eu tenho minha horta, porque sempre fui fascinada por horta. Quando era criança era uma coisa que eu sempre tinha no quintal, eu sempre queria ter horta. Depois, morando em apartamento eu não pude ter mais, mas lá eu reservo um lugarzinho pra ter minhas coisas, porque eu gosto (entrevistada n.3).

[...] a relação com os filhos fica mais próxima, porque você vai lá cuidar de uma planta, como na semana passada e ela vai lá com um saquinho plástico atrás pra lhe ajudar. Aquela casa está proporcionando isso. Minha mãe passa a semana sem falar comigo, mas na quinta ela liga e “Vai amanhã pra Gravatá?” Então junta muito e a casa ficou de um jeito que agrega porque a gente ta sempre junto ou ta todo mundo na sala, ou no terraço conversando (entrevistada n.17).

[...] faço compra pessoalmente, entro na padaria, entro no mercado, então, eu circulo, vou aos locais e vejo, vou ao caixa, pago, então são coisas que dificilmente eu faria aqui. Então, isso é diferente.[...]. E conversa, conversa com o homem do campo, com o agricultor, ouve aquelas histórias interessantes dele, as experiências de vida interessantes dele. Eu acho extremamente interessantes, muitos extremamente inteligentes, de rara inteligência, isso é outro lazer (entrevistado n.20).

Na verdade eu tinha muito medo de perder a adolescência de meus filhos, porque a gente ouve muito falar assim: ah, fulaninho é tão bom, sicraninho é tão bom mas, de repente, quando o pai percebe o filho está estragado, o filho está assim [...]. Eu sempre tive muito medo desse período da adolescência; porque quando é criança você exerce uma certa influência, mas, a influência do grupo não é tão grande e aí eu acho que tem o grupo, mas tem você ali também não é? Eu acho que, de certa forma, é ter o adolescente não tão solto, apesar de que eles saem, fazem os programas às vezes tem um show de Zezé de Camargo, show de não sei o que [...]. Levo, o pai leva, a gente vai buscar, agora a menina já tem quinze anos ta maiorzinha, já está indo em grupo mas, eu confesso que ainda é uma coisa que eu tô sempre de olho é nessa fase, amizade, o que é que fala, o que é que pensa, eles são altamente mais liberais do que a gente, que eu acho isso muito positivo. Falam tudo sem nenhum, sem aquela censura que a gente tinha, eles são muito mais honestos, eu acho. E tudo com muita naturalidade, mas eu acho que a gente tem que estar ali pra dizer, isso é tudo muito natural, mas, não é assim né, querendo saber com quem está saindo, o que pensa, como é que se comporta, e acho que essa aproximação ajuda a gente a ter essa influência, essa diretriz maior (entrevistada n.6).

para os netos é uma coisa maravilhosa. Porque agora eles têm a liberdade de sair, de andar, de subir em árvore, de ver bicho que eles não conheciam, pra eles é uma coisa muito interessante [...]. Hoje em dia estou convivendo mais com meus netos, coisa que eu não tinha tanta oportunidade antes, agora eu os vejo todo final de semana, estão ali comigo. Aí eu acho isso extremamente positivo; pra eles e pra mim (entrevistada n.3).

Em Gravatá, apesar de eu ter uma ótima caseira, eu gosto de mexer nas coisas de casa, mexer, arrumar, botar um enfeitezinho, de olhar um guarda-

roupa, de ver se falta alguma coisa, de cuidar da roupa de cama e mesa porque na época de São João os hóspedes são muitos [...].Coisas que eu não faço em Recife, então é diferente [...] (entrevistada n.7).

Acaba que une mais, você tem um referencial, a gente tem um lugar, vamos se encontrar, vamos pra lá, vamos passar um final de semana, então, sempre a casa está cheia. Aí junta minha sogra com minha mãe, aí tem o contato né, junta as duas famílias, um sobrinho, um cunhado, irmão, irmã e tem contato com Vinícius, com os primos, a gente sempre convida, o pessoal tá sempre indo lá. Fortalece (entrevistada n.4).

Olha, só sair dessa loucura de Recife, ter para onde ir, um lugar que é seu, um lugar que é a sua casa, porque você ir para um hotel, uma pousada, nem sempre é bom, porque nem sempre é a sua cara.Tem sempre alguma coisa a desejar e lá não, lá é a minha cara, com o que eu coloquei, o que eu preciso, de acordo com minhas necessidades (entrevistada n.4).

Gravatá me deu tranquilidade, me pegou em uma fase de transição já entrando nos quarenta, essa coisa toda, em que você, por si só, já começa a refletir, a mudar os hábitos seus, e Gravatá pra mim foi muito salutar nesse sentido. Lá é realmente o meu descanso; eu digo que é minha terapia individual (entrevistada n.24).

É você ter aquela opção de descansar, de sair da cidade grande, de você se renovar [...] sair do ambiente do trânsito pesado, das buzinas e do ambiente de trabalho propriamente dito. Hoje lá em Gravatá. a gente encontra até as pessoas daqui. A gente encontra clientes, em Gravatá funcionários, no lazer em Gravatá, nos restaurantes e encontra de uma forma diferente, até convida pra tomar um uisquezinho, pra cumprimentar, não é pra falar de negócios. A gente até convive com as mesmas pessoas, mas de uma forma diferente. É um benefício que traz você ter esse recanto de lazer, fora da cidade em que você mora (entrevistada n.48).

[...] o problema de eu voltar na segunda a Recife, é ver minha filha entristecida, chorando, porque vai voltar; meu marido desce a serra sem dar uma palavra, porque está contrariado, porque está voltando [...] então, há uma insatisfação por se deixar esse momento de lazer. Então a gente diz, vamos logo fazer a programação da semana que vem. A gente agora está fazendo como vendedor, que deixa sempre uma coisinha pendente pra poder voltar, então a gente tá fazendo isso agora [...] pra ter no subconsciente a certeza que vai voltar (entrevistada n. 45).

Antes, a válvula de escape que a gente tinha era só aqui na cidade. A gente ia, ou pro shopping com as meninas, ou ia pro cinema; não que a gente não faça isso; a gente faz isso sempre que a gente pode. Mas, a vida no campo é bem melhor, mais tranqüila [...] A mudança está justamente na qualidade de vida, pra mim, meu esposo e minhas filhas. Porque o apartamento faz a gente ficar muito preso e a gente precisava ter essa válvula de escape pra nossos filhos. Lá eu procuro acordar mais cedo pra poder curtir o nascer do sol, caminhar; e lá eu adoro, quando eu abro a porta, cinco e meia, seis horas, tá um monte de passarinho [...] aprendi a valorizar mais a vida (entrevistada n.10).

9. Seus hábitos mudaram? Quais?

[...] o alimento é muito gregário sempre foi e nunca vai deixar de ser, então eu acho que essa coisa da alimentação pesa muito. Às vezes as pessoas em vez de irem a um restaurante, ligam pra mim e dizem Dora, o que é que você vai fazer hoje? E vai todo mundo pra lá. Como minha família é extremamente animada, então sempre meus filhos estão lá, com os namorados, os amigos, meu marido curte muito o som [...] então tem uma boa música, um bom vinho, e uma gostosa comida. Então, quem não tem muito o que fazer, vai pra lá mesmo, bater um papo, jogar conversa fora mesmo.(entrevistada n. 24)

[...] quando vai mais gente da família, a gente fica fazendo refeição de manhã e na hora do almoço, nesse terraço da churrasqueira. Então de manhã, aí a gente já acende o fogareiro de carvão e fica fazendo o café e torrar o pão e fritar um ovo, fazer tapioca e assar o queijo, nesse fogareiro de carvão (entrevistada n.13).

[...] o angu de coco de manhã cedo, meu marido não abre mão, lá você procura resgatar mais as comidas regionais embora as tenha à mesa também na cidade, mas não com tanta frequência (entrevistada n.17).

Lá tem uma fazenda distante uns 3 km, chamada Siagra. A gente chega na sexta feira, vai lá comprar o queijo de coalho, de manteiga, de laço, justamente pra gente acompanhar o tira-gosto (entrevistado n.30).

[...] o hábito, vamos dizer, de lidar com as plantas, essa coisa com a natureza, eu vim de interior, nós morávamos numa casa com jardim grande, então, mamãe sempre gostou muito e esse hábito eu já adquiri desde criança, quando via mamãe cuidar do jardim. Então, não foi um hábito assim

adquirido, mas um hábito que pode [...] de fato houve uma condição de poder continuar com ele e até de incrementá-lo (entrevistada n.7).

10. Como você classifica as pessoas do seu condomínio em relação à posição social?

“Antes de eu adquirir a casa, passei alguns dias freqüentando o condomínio, observando o comportamento de cada vizinho. [...] A maioria são profissionais liberais: médicos, advogados e alguns comerciantes, empresários de médio porte” (entrevistado n.20).

Eu diria que é de classe média que tem um poder aquisitivo e que é capaz de adquirir alguma coisa; mas ali nós temos muitos médicos, mulheres médicas, engenheiros; temos um promotor; da área de comunicação somos nós; pessoas do tribunal de contas. Então é esse o universo das pessoas (entrevistada n. 12).

Veja, você vai encontrar uma coisa em Gravatá: que todo mundo está no melhor condomínio, no melhor loteamento, então é uma coisa que você vai ter que ter talvez cuidado para administrar. Mas, é um condomínio diferenciado. Existem condomínios mais simples, existem condomínios mais luxuosos, até porque Gravatá todo dia tem uma coisa nova. Então, tem sempre alguém oferecendo um diferencial (entrevistada n.6).

11. Como é sua experiência de lazer em Gravatá.

Meu esposo mesmo brinca de pião, brinca de badoque, hoje em dia mesmo na cidade ninguém sabe o que é isso, as brincadeiras são o que, os *game station*, aqueles jogos eletrônicos que [...] É só o que tem. Se vai no *shopping*, vai no *Mcdonald* [...] Mesmo aqui em Recife o lazer está sempre na dependência do filho. Porque eu e ele já trabalha a semana inteira, né viaja muito, vai muito pra congresso agora mesmo eu e ele vamos viajar (a

trabalho) então ficamos muito ausentes na vida dele, então a gente tenta suprir essa ausência no final de semana. Nunca a gente vai pensar em uma viagem de lazer se não for com ele, uma programação se não for com ele. Apesar de que a gente até peca um pouco porque fica muito centralizado na diversão dele e se esquece um pouco da gente. Nunca mais a gente parou para, estando aqui em Recife, ir num barzinho à noite, se vai pra algum restaurante a gente procura um lugar que tenha um parquinho, alguma coisa que ele goste pra suprir essa necessidade da ausência da gente (entrevistada n.4).

O lazer em Gravatá é a partilha com vizinhos e aqui (no meio urbano) não existe isso, não é? Aqui onde eu moro, no prédio onde moro, eu não divido meu lazer com os vizinhos. Porque nós temos assim, vidas individuais, projetos individuais. E lá não, lá o projeto é coletivo (entrevistada n. 5).

Por exemplo, quando meus filhos vão andando ali por dentro, naquelas áreas em que ainda não têm condomínio, então a gente vai vendo cabra, passarinhos, tudo o que é bicho. E vai vendo as plantas e eu vou dizendo o nome das plantas pra minha filha, pro meu filho [...] aí a gente vai andando. Anda de bicicleta, coisa que aqui é impossível de fazer. Então, eu tive a necessidade de levar meus filhos pra uma convivência que eu acho mais saudável, mais pura, com as pessoas de uma índole boa do interior, que ainda não têm tanta coisa ruim na cabeça (entrevistada n.52).

12. Em que ela se diferencia do seu lazer na cidade?

Quando eu não ia a Gravatá meu lazer era ir a um restaurante de alto nível que tivesse um maitre recebendo, os garçons educados, bem preparados. Ficava observando os defeitos do garçon no atendimento, a distribuição do prato na mesa, o prato que chegava se estava bem decorado, bem colorido, essas coisas [...]; o som, se estava muito alto ou muito baixo, o ar condicionado se estava numa temperatura estável, então, isso era o que fazíamos. Agora não; a gente pode entrar lá num restaurante caipira e ver mesmo a comida sendo feita num fogo de lenha. É interessante ver que apesar das tecnologias, do microondas, da informática, das micro câmeras você vê que dali está saindo um alimento saído do campo, produzido por eles . A gente dá até algum pitaco em relação ao que está sendo feito, então, isso também já é uma diferença. [...] anteriormente eu queria saber se o chefe tinha feito curso em Paris, se sabia bem a cozinha italiana, se ele já fez algum prato alemão e aqui não, é o do campo mesmo. Esse lazer repercute sobre a saúde, porque você não fica tenso, não precisa você tá se mostrando dentro

de um restaurante de luxo, quando muitas vezes está entrando um colunista social, um fotógrafo de uma coluna social então, a sua postura ali, a sua maneira de falar, o tom de voz, então você tem que estar se auto protegendo, se auto – policiando num momento de lazer. Então, eu cheguei à conclusão que lá não existe isso; e como não existe, a tendência é você voltar totalmente com as musculaturas relaxadas (risos) não tensas (entrevistado n.20).

Em Gravatá é como se eu me desse o direito de relaxar. Porque eu não preciso vigiar nada. Eu ando com a bolsa mais simples que tiver, quase nada dentro da bolsa, e vou a pé por ali. O menino, no máximo, pede um trocado, eu digo que não tenho, mas é aquela coisa, parece que eu estou interagindo com ele no mesmo nível (risos), não tem muita diferença entre mim e ele, entendeu como é? Não estou preocupada com a roupa, com o sapato, se eu estou bem vestida, se eu estou mal vestida. Porque aqui (em Recife) você se preocupa [...] se vou no *shopping* e encontro uma pessoa conhecida, encontro um paciente, está descabelada [...] Lá eu ando descabelada, com o cabelo preso, mas não estou preocupada com isso. Isso é muito bom pra mim. É uma sensação de liberdade, deixo todos os formalismos. Ando assim, com um tênis, com uma calça bem velha. O que dá vontade de botar na hora, eu boto. Agora tem dias em que eu ando bem arrumada, de casaco, mas isso é a vontade. Deu vontade, eu faço. Então, não tenho satisfação a dar a ninguém, ninguém cobra isso (entrevistada n. 52).

Eu gosto muito de estar em contato com borboleta, cabra, ver cavalo, coisas que a gente não observa muito aqui E lá não, você tem um céu lindo, sempre limpo, um clima maravilhoso, aquelas montanhas com aquelas casinhas, o gado pastando, é todo um visual diferente [...]. Isso traz um benefício muito grande pra gente, sabe? [...] Traz mais tranquilidade (entrevistada n.33).

É, nos termos de melhor qualidade de vida, e tranquilidade. Em Recife a gente se sente assim [...] oprimido, amedrontado também, porque você não tem mais aquela possibilidade de sair e se sentir protegido. Você se sente desprotegido. Ao estacionar o carro você não sabe se na volta vai encontrar o carro no local, pode ser assaltado [...] e nesse lugar não, você se sente mais pessoa, mais gente. Inclusive, a própria comunidade do interior trata você de outra forma: ainda existe aquela questão de cumprimentar e estar mais próximo de você (entrevistado n.29).

13. E seus filhos gostam dessa experiência?

Elas curtiram Gravatá até os 13 anos, porque depois nós fomos morar em São Paulo durante três anos. Hoje elas freqüentam durante os períodos de festa, porque todos que podem vão a Gravatá nas festas juninas. E eu acho que daqui a um certo tempo elas vão voltar a curtir, quando estiverem mais velhas. Agora que têm namorados, vão mais do que antes e quando casarem então [...]. Eu sei que vão retornar depois. Meu marido está construindo uma casa de praia e já pensou até em vender (a casa em) Gravatá. Mas eu estou segurando, porque é um lugar que me dá uma energia ótima (entrevistada n.23).

Quando crianças gostavam de ir e criaram todo tipo de bichos: cavalo, cachorro, bode, ovelhinha, até boi a gente tinha; tudo que eles queriam a gente comprava e criava. Então, os meninos foram crescendo, e a gente foi se apegando à casa e ao lugar, que é de muita paz. E na adolescência [...] só nas festas: o mais velho tem 21 anos, a menina tem 18 e o mais novo tem 16. Esse de 16 tem um cavalo e um cachorro lá. Ele vai e olha esses animais, cuida. Faz as coisas e volta. E os mais velhos só vão nas festas de Gravatá: na Semana Santa e no São João. Aí, vão com os amigos [...] a casa fica uma festa completa (entrevistada n.18).

[...] eles não dão bola pra televisão - isso pra mim é uma coisa extraordinária, a televisão vive desligada; pelo contrário, gostam de escutar música. [...] em Recife os meninos vivem ligados na televisão, vivem ligados (entrevistada n.3).

14. O que você mais valoriza:

- a) Na educação**
- b) Nos amigos**
- c) Na família**

A minha filha é uma aluna exemplar e quer fazer gastronomia pra desespero meu (risos) [...]. Eu tô torcendo pra que ela mude, mas se não mudar, eu vou ter que aceitar, o importante é que ela viva bem tentando se realizar (entrevistada n.6).

Na família começa a entrar essa questão do amor [...] agora [...] é muito difícil associar de pronto família com amor. Porque eu costumo dizer que os

familiares, por acaso, são parentes da gente. Eu posso ter ou não aproximação. Aqueles que me são mais próximos, eu diria, amor. (entrevistado n.15)

Acho que a família é o apoio, é o que você pode contar em qualquer situação, a pessoa certa, errada, bem ou mal, é família. O que se tem que valorizar é essa incondicionalidade, você tem que estar unido, tem que dar um jeito de estar junto mesmo (entrevistada n.6).

Na família (o importante é) “essa ligação, essa união, estar sempre presente nos momentos de lazer e de não lazer, nos momentos difíceis” (entrevistada n.8).

“Na família, o fundamental é que você possa compartilhar tudo: bens, alegrias” (entrevistada n.48).

“Importante na família é o amor, estar com as pessoas, poder contar em qualquer situação” (entrevistada n.33).

d) No lazer

Valor no lazer é “compartilhar com outras pessoas” (entrevistado n. 22);

“é estar com quem se gosta” (entrevistado n. 48);

é “conversar, tomar um bom vinho” (entrevistado n. 37);

viajar com a família (entrevistado n. 10);

“se distrair proporcionando a si e aos outros momentos de boa convivência”
(entrevistado n. 36).

“Em relação ao esporte, exercitar para melhorar a qualidade de vida em termos de saúde; e viagem, é conhecer novos lugares. Cada vez que você conhece um, é um novo desafio para querer conhecer outros” (entrevistado n. 12).

“Manter a saúde do corpo e do espírito” foi o valor encontrado no lazer pelo entrevistado n. 8.

“Equilíbrio emocional foi a resposta dada pelo entrevistado n. 16”.

e) No trabalho

f) No casamento

g) Na vida

15. O que é lazer para você?

Lazer é [...] quebrar tensões; lazer é [...] relaxar; é alegria é, não ter amarras, também, não ter amarras; fazer, conversar, fazer o que dá na telha, digo assim, sem uma programação rígida, de repente você tá ali conversando e diz vamos fazer à noite [...] pinta uma idéia, não é? E, as idéias assim, criativas, que surgem na hora, elas cabem num momento de lazer. É diferente da rotina. Na rotina você programa tudo, você não pode ser criativa, você de repente diz, vamos fazer um jantar agora [...] não existe isso na rotina porque tudo é muito o contato, o tempo, a programação, então, lazer entra tudo isso, relaxar, tirar tensão, não se enquadrar, numa programação rígida, não é? (entrevistada n.5)

Lazer é a ocupação do tempo ocioso em que você vai descobrir o que mais gosta de fazer, o que você sente prazer. Pra mim eu nunca quero um lazer só. Eu quero sempre um lazer na companhia de outras pessoas. No lazer tem que ter uma troca com outras pessoas, troca de valores, de experiências (entrevistada n.33).

O que é lazer? Lazer é me desligar um pouco das obrigações do dia a dia. Mas me desligar no sentido de – não é que me relaxe não, é que eu tenha um tempo pra mim, pra fazer aquilo que eu gosto de fazer. Eu gosto do trabalho, não é que eu queira me desligar do meu trabalho não. Eu tenho o privilégio de trabalhar naquilo que eu gosto. Mas é preciso também você fazer o outro lado. Se desligar (entrevistada n.3).

Lazer é essencial. É um momento que eu tiro pra viver aquilo que não é obrigação. Você passa a semana com obrigação de trabalho, de família, de casa, de escola, de menino. O lazer é algo assim, que não tem hora, nem tem exigência, é realmente uma coisa solta de obrigações. É liberdade, você faz se tiver com vontade, não conclui se não tiver [...] (entrevistada n.4)

o lazer é uma maneira de eu recompor minha alegria, minhas energias, pra recomeçar tudo de novo. Continuar o trabalho da vida, isso é o lazer. Isso eu consigo em Gravatá. Eu adoro minha casa em Gravatá. Isso me realiza.(entrevistado n.25)

Lazer pra mim é lugar pra descansar, pra se divertir, com segurança (entrevistada n.9).

Lazer são momentos de descontração, de convivência com pessoas [...] e participar em comum de alguma coisa que seja prazeroso. (entrevistada n.14).

O lazer é uma maneira de eu recompor minha alegria, minhas energias, pra recomeçar tudo de novo. Continuar o trabalho da vida, isso é o lazer. Isso eu consigo em Gravatá. Eu adoro minha casa em Gravatá. Isso me realiza (entrevistado n.25).

Lazer é ter paz, poder ficar na companhia de filhos, de amigos e até se isolar. Porque tem horas que a gente está cansado de tudo, das obrigações de casa, de rua e aí a gente precisa de momentos de solidão pra deixar a paz entrar no coração (entrevistada n.32).

16. Gostaria de acrescentar alguma coisa que perceba como importante no contexto desta entrevista?

Para alguns, virou um *status* você ter casa em Gravatá [...] Condomínios caríssimos e a casa nesses condomínios significa *status* em todos os sentidos, porque seu vizinho pode ser o prefeito, o governador, um Secretário de Estado e assim [...] você vê dentro da própria sociedade essa necessidade de as pessoas se juntarem aos grandes, nesse sentido (entrevistada n. 24).

Eu consigo identificar que eles gostam de se deter na arrumação da casa. A gente vê vários casais indo a armazéns de construção, naquelas lojas de móveis e decoração; e famílias inteiras gostam de almoçar e jantar nos restaurantes de Gravatá. Eu noto que existe uma busca de uma vivência familiar que está se perdendo muito.[...] lá em casa, estou vendo se a gente interage como família dentro de um ambiente mais lúdico; filme e principalmente, eu vou comprar um piano pra nas sextas feiras contratar um pianista e um declamador de poesia pra ir fazer um *happy hour* a partir das cinco da tarde – foi a parte da educação que me faltou, eu fugi das aulas de piano – e eu vou resgatar isso; eu gosto de cantar, faço aulas (entrevistada 37).

Certa vez a gente estava no Hotel Portal de Gravatá e de repente o céu começou a ficar escuro e eu disse: M., vai chover [...] vamos pra casa ver essa chuva cair lá na grama da gente. E ao chegar lá, minhas netas foram tomar banho de chuva e um funcionário do condomínio chamou: Dr. [...], corra que o lago está sangrando (o lago do condomínio), porque a chuva tinha sido muito forte. Então, M., minha neta de 4 anos, arregalou os olhos e gritou, venha Dr. , o açude está sangrando. Aí eu fui com J. e chamei M.; ela correu pra dentro de casa e chorando gritou: voinha, voinha, não vá não que o lago está sangrando [...]. E eu transformei isso numa crônica (entrevistado n.30).

ANEXO IV – Perfil dos candidatos

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão	Estado civil
01	F	58	Professora universitária	Viúva
02	F	56	Do lar	Casada
03	F	60	Professora universitária	Divorciada
04	F	28	Administradora de empresa	Casada
05	F	54	Professora universitária	Divorciada
06	F	48	Nutricionista	Casada
07	F	63	Psicanalista	Casada
08	F	57	Fisioterapeuta	Casada
09	F	27	Fonoaudióloga	Casada
10	F	30	Gerente administrativo	Casada
11	M	59	Professor universitário	Casado
12	F	55	Jornalista	Casada
13	F	54	Médica	Casada
14	F	58	Diretora financeira	Casada
15	M	59	Consultor	Casado
16	M	61	Odontólogo aposentado	Casado
17	F	33	Funcionária Ministério Público Federal	Casada
18	F	47	Professora Universitária	Casada
19	M	72	Funcionário aposentado Secretaria da Fazenda	Casado
20	M	57	Odontólogo	Casado
21	M	60	Auditor aposentado	Casado
22	F	35	Do lar	Casada
23	F	43	Funcionária pública	Casada
24	F	48	Psicocardiologista	Casada
25	F	50	Auditora fiscal	Casada

26	F	62	Professora universitária aposentada	Casada
27	M	45	Administrador - empresa própria	Divorciado
28	M	46	Economista técnico	Casado
29	M	40	Funcionário público	Casado
30	M	65	Engenheiro civil aposentado	Casado
31	F	52	Agrônoma	Casada
32	F	46	Do lar	Viúva
33	F	56	Relações públicas aposentada	Viúva
34	F	47	Psicóloga	Casada
35	F	38	Do lar	Casada
36	M	63	Funcionário de banco aposentado	Casado
37	F	52	Advogada Ministério Público	Casada
38	M	58	Professor Universitário	Casado
39	F	59	Enfermeira	Casada
40	F	46	Psicóloga	Casada
41	M	58	Diretor Comercial	Casado
42	F	49	Professora Universitária	Solteira
43	F	54	Professora aposentada	Casada
44	F	59	Advogada	Casada
45	F	36	Funcionária Ministério Público	Casada
46	M	30	Agente administrativo	Solteiro
47	F	59	Comerciante	Casada
48	F	47	Administradora	Casada
49	M	60	Consultor empresa própria	Casado
50	M	57	Advogado	Casado
51	F	41	Médica	Casada
52	F	57	Professora universitária	Casada
53	M	54	Engenheiro	Casado
54	F	39	Analista de sistema	Casada
